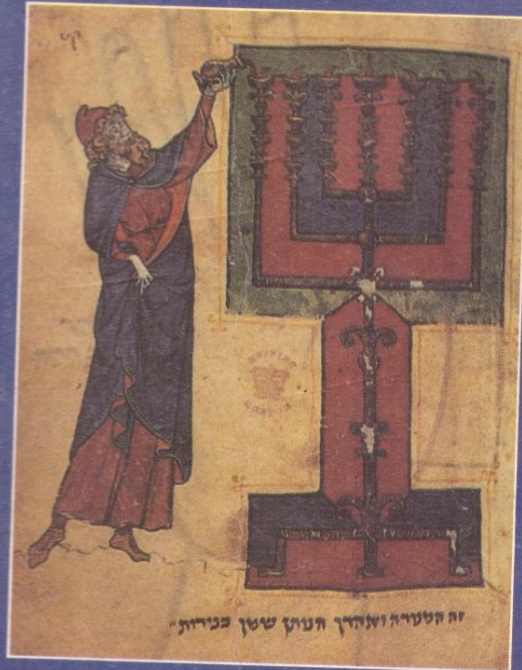


# Kabbalah e Êxodo



Z'ev ben Shimon Halevi



Kabbalah e Êxodo é um estudo esotérico do livro bíblico do êxodo, onde o autor mostra que pode ser interpretado não somente como a historia humana da fuga dos judeus da escravidão do Egito, mas também como uma alegoria da condição humana.

A história do Êxodo se torna, então, uma analogia da fuga de um indivíduo da escravidão física do corpo, representada pelo Egito, e a luta da sua alma contra a servidão psicológica no deserto, enquanto se esforça para alcançar a terra Prometida do espírito. Nas narrações bíblicas, talmúdicas e kabbalísticas acerca da jornada exterior dos israelitas, com os seus dramas cósmicos e individuais, são revelados os estágios interiores da iniciação, julgamento e rebelião que levaram ao entendimento de que o segredo da existência e um espelho no qual o homem reflete a Imagem do Divino, para que, assim, Deus possa contemplar Deus.

Embora o livro esteja embasado principalmente no texto bíblico, também detém-se no Folclore judaico, o que será de grande interesse a kabbalistas, judeus e cristãos.

*Z'ev ben Shimon Halevi*

## **Kabbalah e Êxodo**

Tradução  
Danilo D. Negócio

**EDITORA CICILIANO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP Brasil)

---

Kenton, Warren, 1933

Kabbalah e Êxodo / Z'ev bem Shimeon Halevi; -  
tradução Danilo D. Negócios - São Paulo - Siciliano -  
1994

ISBN 85 - 267-0677-2

1. Cabala 2. Ciências ocultas 3. O Êxodo 4.  
Judaísmo I  
Título 94-3086 CDC-296-  
15

---

Índice para catálogo sistemático

1. Cabala: 2. Judaísmo 296.15

Título original: Kabbalah and Exodus

© 1980 by Warren Kenton

Direitos exclusivos para o Brasil cedidos à  
Agência Siciliano de Livros, Jornais e Revistas Ltda.

Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305

CEP 05 145-200 - São Paulo - Brasil.

Coord. editorial: Ana Emília de Oliveira

Revisão: Jônatas J. Mello e Denise Pisaneschi

Capa: Lya de Paula

Editoração eletrônica: Trianon

Editora Siciliano, 1994,

Para  
Mosheh Rabbenu

# Sumário

Prefácio, 11  
Introdução, 13

## ENCARNAÇÃO

2. Prólogo Gênesis, 25
3. Escravidão do corpo: Êxodo 1, 30
4. Nascimento da consciência: Êxodo 2, 33

## SONO E DESPERTAR

5. Iniciação pessoal: Êxodo 2, 39
6. Momento de graça: Êxodo 3, 43
7. Momento de decisão: Êxodo 3-4, 48
8. Momento de hesitação: Êxodo 4, 51

## AÇÃO

9. Primeira reação: Êxodo 5-6, 57
10. Fenômenos: Êxodo 6-7, 60
11. Resistência física: Êxodo 8-9, 63
12. Ruptura: Êxodo 10-12, 67
13. Início da jornada: Êxodo 13-14, 70
14. Ponto sem retorno: Êxodo 14-15, 73

## REBELIÃO E REGRAS

15. Lamentações: Êxodo 15-16, 79
16. Início da disciplina: Êxodo 16, 82
17. Repouso: Êxodo 17, 85
18. Primeiro combate: Êxodo 17, 87
19. Ensino do mestre: Êxodo 18, 91

## INICIAÇÃO

20. Preparação: Êxodo 19, 95
21. Revelação: Êxodo 19, 98
22. Instrução acerca do Divino: Êxodo 20, 101
23. Instrução a cerca do homem: Êxodo 20
24. Regras: Êxodo 20-23, 107
25. Visão: Êxodo 24, 111

26. Elevação: Êxodo 24, 114

#### CONHECIMENTO DA EXISTÊNCIA

27. Prontidão: Êxodo 25, 119

28. Divindade: Êxodo 25, 123

29. Criação e espírito: Êxodo 25, 126

30. Mundos dentro de Mundos: Êxodo 26,

31. Do Céu à Terra: Êxodo 27, 133

#### CONHECIMENTO DO HOMEM

32. Hierarquia humana: Êxodo 28, 139

33. Níveis no homem: Êxodo 28, 142

34. Degeneração do conhecimento: Êxodo 29

35. Regeneração do conhecimento: Êxodo 30

36. Dia da recriação: Êxodo 31, 153

#### REVOLTA

37. Defecção: Êxodo 32, 159

38. Conflito interior: Êxodo 32, 163

39. Justiça e Misericórdia: Êxodo 32, 167

40. Consequências: Êxodo 32-3, 170

#### EXPERIÊNCIA

41. Iluminação: Êxodo 33, 177

42. Esclarecimento: Êxodo 34, 180

43. Resplendor: Êxodo 34, 183

#### TRABALHO

44. Organização e direção: Êxodo 35, 189

45 Trabalho de construção: Êxodo 36, 192

46 Arquiteto: Êxodo 37, 195

47 Material e habilidade: Êxodo 38-39

48 Assembléia e consagração: Êxodo 39-40,

Epílogo, 209

Glossário de termos kabbalísticos, 213



Frontispício Haggadah de Páscoa. Impresso em Amsterdã, 1695.

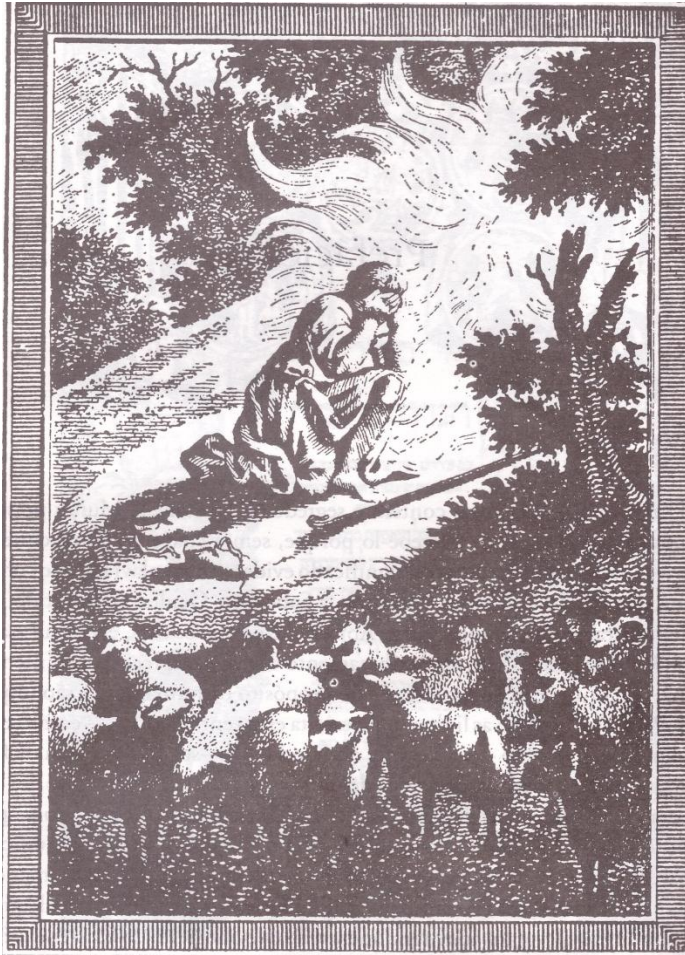
**Figura 1. Livro da Páscoa.** Neste frontispício do século XVII, para o serviço de celebração do Êxodo do Egito, a Árvore kabbalística da Vida forma a base do desenho, com Moisés e Aarão nos pilares da Profecia e do Sacerdócio. Os círculos representam os Sefirot superiores, com os demais Sefirot inferiores compondo a parte escrita. O texto estabelece que cada celebrante deve considerar-se como um dos israelitas prestes a deixar a casa da Escravidão pela Terra Prometida. Essa cerimônia lembra aos participantes uma jornada tanto interior quanto exterior.



## Prefácio

Diz-se que as Escrituras contêm o segredo da Existência. Muitas pessoas, contudo, são incapazes de percebê-lo porque, sem a chave do conhecimento esotérico, não podem ver além do significado evidente das palavras. Esse conhecimento, chamado Hokmah Nestorah, a Sabedoria Oculta, transmitido verbalmente através dos tempos, desde Abraão até os nossos dias, é a estrutura na qual a Bíblia se baseia. Sem esse embasamento oral, a compreensão da Intenção Divina, da construção do Universo e do propósito da humanidade são impossíveis. Portanto, quando as linhas oral e escrita estão entrelaçadas — como se encontram neste trabalho —, a história do Êxodo torna-se uma analogia da fuga de um indivíduo da escravidão física do corpo, representada pelo Egito, e a luta da sua alma contra a servidão psicológica no deserto, enquanto se esforça para alcançar a Terra Prometida do Espírito. Nas narrações bíblicas, talmúdicas e kabbalísticas acerca da jornada exterior dos israelitas, com os seus dramas cósmicos e individuais, são revelados os estágios interiores da iniciação, julgamento e rebelião que levaram ao entendimento de que o segredo da Existência é um espelho no qual o homem reflete a Imagem do Divino, para que, assim, Deus possa contemplar Deus.

LONDRES, PRIMAVERA DE 5738



**Figura 2. Moisés e a sarça ardente.** Cada pessoa, em alguma ocasião, experimenta uma iluminação ofuscante que pode mudar o curso de sua vida. Para Moisés esse foi exatamente aquele momento, após muitos anos de busca treinamento. Ele revelou-lhe o seu destino, embora estivesse relutante em aceita-lo. Esse é o caso para muitos de nós, até que se torne auto evidente que não existe outro Caminho a preencher e ser preenchido. Em tais momentos a alegoria bíblica relaciona-se diretamente com a nossa própria história espiritual.

## Introdução

A antiga lenda judaica conta que a Toráh ou Ensino existia antes da criação e que Deus consultou-a antes de criar o Universo. Essa época pré-criação é parte da tradição oral não incluída nos cânones bíblicos, geralmente não sendo, portanto, conhecida fora dos círculos eruditos ou esotéricos.

A linha oral prossegue para afirmar que quando Adão foi expulso do Éden, Deus se compadeceu dele e enviou o arcanjo Raziel, cujo nome significa ‘Segredos de Deus’, para entregar-lhe um livro. Esse volume, chamado Livro de Raziel, continha todos os segredos da Existência. Por seu intermédio, Adão poderia não apenas compreender por que ele e o Universo existiam, mas como redimir-se do seu estado decaído e cumprir o seu destino.<sup>1\*</sup>

O Livro de Raziel foi passado a Set, filho de Adão, depois a Henoc, e em seguida a Noé. Daí em diante, foi entregue ao ungido de cada geração, até que o seu conteúdo foi dado a Abraão, quando de sua iniciação por Melquisedec. Esse conhecimento foi transmitido a Isaac, depois a Jacó, que o outorgou a Levi. Moisés, o Levita, conduziu a centelha do Conhecimento até que ela se consumisse em chamas diante da sarça ardente. Após a revelação no Monte Sinai, em que foi entregue a Moisés a Torá integral, ele confiou-a aos anciãos de Israel, que a têm partilhado desde aquela época até os nossos dias.

Quando a Torá foi escrita, o que é aceito tradicionalmente como tendo ocorrido no tempo de Moisés, o Ensino dividia-se no que se chamava de Leis escritas e orais. Aquelas tornaram-se a base da Bíblia, enquanto estas vieram a se transformar nos comentários talmúricos. O ato de escrever os textos bíblicos durante muitos séculos, era considerado uma operação esotérica que exigia grande conhecimento e habilidade literária para resumir o Ensino no que parecia ser uma coletânea de mitos,

---

<sup>1</sup> - A transliteração para o português de alguns nomes próprios, e as citações bíblicas contidas neste livro seguem a versão da Bíblia de Jerusalém, Edições Paulinas, abril de 1993. (N. do Tradutor.).

sagas familiares e tribais, leis e poemas. Para homens de mentalidade comum, a Bíblia é a história do mundo e da nação hebraica; para aqueles que a vêem como uma alegoria, é a analogia da evolução cósmica e individual; e para os que a percebem filosoficamente, apresenta o esquema metafísico da Existência e as Leis que governam o desenvolvimento espiritual da humanidade.

O Talmud é uma vasta biblioteca rabínica de material bíblico e sacro, não incluído na Torá escrita. Varia desde regulamentos derivados de leis canônicas, através de histórias e conselhos práticos e éticos, até fragmentos de conhecimento esotérico, dando uma indicação para aquilo que ainda permanece como tradição oral. Essa linha de sabedoria oculta tem sido transmitida de mestre a discípulo através dos séculos, produzindo diferentes versões do Ensino para atender a vários tempos e lugares. Poucas apresentações, contudo, deixaram de se relacionar às Escrituras, visto que a Bíblia é considerada a fonte de toda a literatura mística, especialmente no que veio a ser conhecido como o estudo de Pardes. Esse termo é composto das letras iniciais das palavras hebraicas para as interpretações literal, alegórica, metafísica e mística da Bíblia. A abordagem mística pode ser encontrada na clássica obra kabbalística o Livro do Zohar, produzido, segundo a crença, por eruditos da Espanha medieval, O presente trabalho segue a mesma tradição da midrash, ou investigação, na qual se examina um texto bíblico em termos da teoria kabbalística, da lenda antiga e do conhecimento contemporâneo, para assim encontrar o que os escribas enterraram fundo dentro do Livro do Êxodo.

## Esquema kabbalístico geral

De acordo com a tradição, antes havia apenas Deus. Nada mais existia. A Kabbalah percebe a Divindade como AYIN, ou Nada Absoluto, e AYIN SOF, ou Tudo Absoluto. Pouco mais pode ser dito, pois Deus é Deus e, por conseguinte totalmente só além da compreensão humana. Por causa disso, a tradição oral nos conta. Deus desejou contemplar Deus e tornar-se conhecido, e assim o espelho da Existência foi emanado e o homem, a imagem de Deus, colocado dentro dele.

Esse processo tem sido descrito simbolicamente assim: fora do centro do Absoluto emergiu um vazio, um ponto sem dimensão, quando a Divindade retirou-se para permitir um lugar no qual a Existência pudesse acontecer. Dentro desse espaço expressaram-se, segundo alguns, dez Manifestações Divinas que suscitaram a Existência. Outros vêem esse ato como a projeção da Vontade Divina sob a forma de luz que emanou em dez estágios, desde o Infinito até o finito. Tais estágios de emanação definem sucessivamente dez Atributos Divinos, que formam conjuntamente a Imagem da Divindade em manifestação; são eles os Sefirot, os instrumentos através dos quais a Existência é governada. Alguns místicos têm visto essa Imagem à semelhança de um homem primordial, Adão Kadmon; outros relacionam os dez Atributos entre si, em um caminho mais esquemático conhecido como a Árvore da Vida. Têm também sido percebidos como uma série de vestimentas de Luz encobrendo a Divindade, sendo que alguns as têm chamado de Glória dos ELOHIM.

Essa primeira manifestação da Existência é denominada em hebraico de Mundo de *Atzilut*, que significa ‘estar próximo a’; ***ou o Mundo da Emanação. É considerado como o reino perfeito e imutável da Eternidade***, que precede à criação Aqui, tudo o que está para ser chamado, criado, formado e feito é mantido em potencial para sempre. Como tal, pode ficar suspenso até que o Divino deseje que a Eternidade dissolva-se outra vez de

volta ao nada, ou queira que a criação inicie o processo que não terminará até o fim dos tempos, quando Adão, a imagem de Deus, verá o Divino e nele emergirá novamente.

Com as palavras de abertura do Gênesis, “No princípio os ELOHIM criaram...”, o desenrolar da manifestação chega ao degrau seguinte através da produção dos três Mundos inferiores que estão para surgir, partindo do reino eterno em direção ao tempo e ao espaço: No hebraico original, a utilização de um nome plural indica a presença dos Atributos Divinos de Atzilut em funcionamento, enquanto fazem aparecer um segundo mundo em sete dias ou estágios de manifestação criativa. No primeiro capítulo do Gênesis o universo é separado do mundo Divino e ocupado com espécies diferentes de habitantes. A última criatura a ser feita é um segundo Adão “cidmutanu” “como nossa semelhança”, diz a escritura. No último dia da criação os ELOHIM descansam, havendo completado o Mundo Cósmico de *Beriah*, como é chamado em Kabbalah. Esse mundo é visto como a contrapartida espiritual do Mundo Divino da Emanação acima, e constitui uma segunda, mas inferior, Árvore. O segundo capítulo do Gênesis prossegue então descrevendo o estágio seguinte da manifestação, enquanto ela se afasta da sua Fonte no Infinito e do radiante Mundo dos Sefirot.

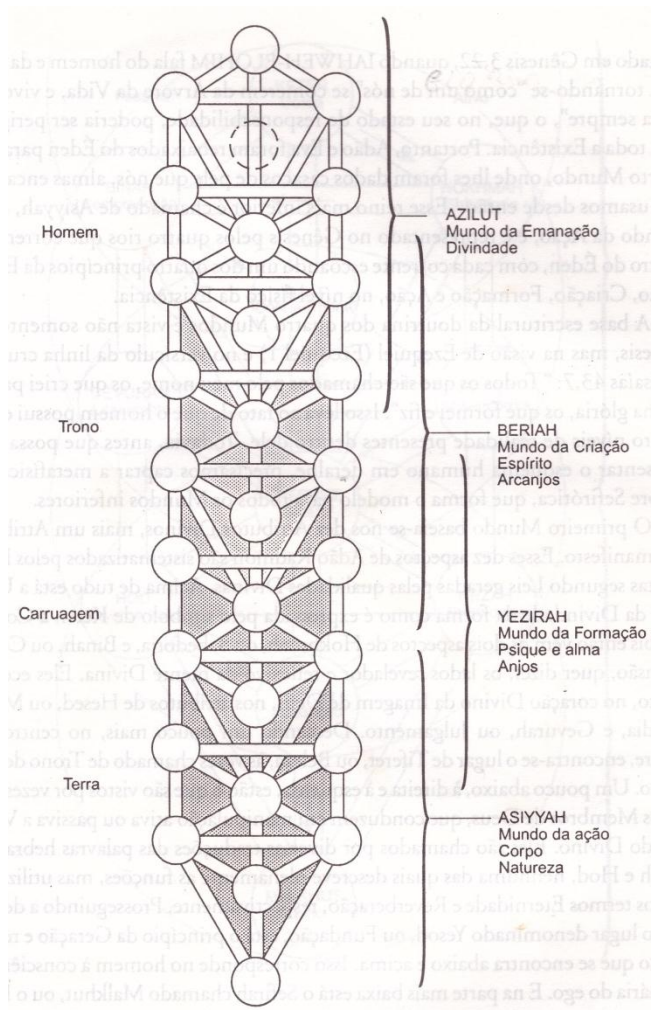
Um terceiro Mundo (ou Árvore), conhecido em Kabbalah como *Yetzirah*, surge então da criação, e é indicado pela palavra operativa “modelou”, usada no Gênesis 2,7, quando na ocasião IAHWEH-ELOHIM, ou o Deus Misericordioso e Justo, chamado de Senhor Deus, modela adamah, o homem, a partir da argila, e sopra no seu nariz uma alma vivente. A partir daí, os kabbalistas firmaram os seus conceitos acerca dos aspectos invisíveis de um ser humano. No nosso esquema utilizamos o termo ‘espírito’ para tudo aquilo que se relaciona com o Mundo Criativo do Céu, e ‘alma’ para o Mundo Formativo do Paraíso ou Éden. Tirada de Adão veio Eva; ou seja, as partes masculina e feminina integradas do Adão Criado foram separadas e habitaram o Éden como duas entidades, onde gozaram, juntamente com os prazeres do Jardim, do privilégio do livre-arbítrio. Conta à tradição que somente a humanidade tem o dom do livre-arbítrio, por seres feitos à imagem

de Deus, a Divindade concedeu-lhe esse privilégio. Entretanto, com o livre-arbítrio vem à escolha e, dessa forma, a consequência. Essa lei, manifestada depois de ignorada a instrução de não comer da árvore do conhecimento, que representava a presença do Mundo da Criação no Éden. Quando Adão e Eva comeram da maçã, tiveram posse do Conhecimento Criativo e do seu enorme poder para o bem e para o mal. Além disso, isso deu-lhes acesso à Árvore da Vida, ou seja, ao mais elevado dos Mundos. Isso é com firmando em Gênesis 3,22, quando IAHWEH-ELOHIM fala do homem e da mulher, tornando-se “como um de nós” se comerem da Árvore da Vida, e viverem “para sempre”, o que, no seu estado de responsabilidade, poderia ser perigoso para toda a Existência. Portanto, Adão e Eva foram rebaixados do Éden para um quarto Mundo, onde lhes foram dados casacos de pele que nós, almas encarnadas, usamos desde então<sup>2</sup>. Esse reino mais inferior é chamado de *Asiyah*, ou o **Mundo da Ação**, e é representado no Gênesis pelos quatro rios que correm de dentro do Éden, com cada corrente escoando um dos quatro princípios da Emissão, Criação, Formação e Ação, no nível físico da Existência.

A base escritural da doutrina dos quatro Mundos é vista não somente no Gênesis, mas na visão de Ezequiel (Ezequiel 1) e no versículo da linha crucial, em Isaías 43,7: “Todos os que são chamados pelo meu nome, os que criei para a minha glória, os que formei e fiz”. Isso leva ao fato de que o homem possui esses quatro níveis de realidade presentes dentro dele. Todavia, antes que possamos apresentar o esquema humano em detalhe, precisamos captar a metafísica da Árvore Sefirótica, que forma o modelo para todos os Mundos inferiores.

---

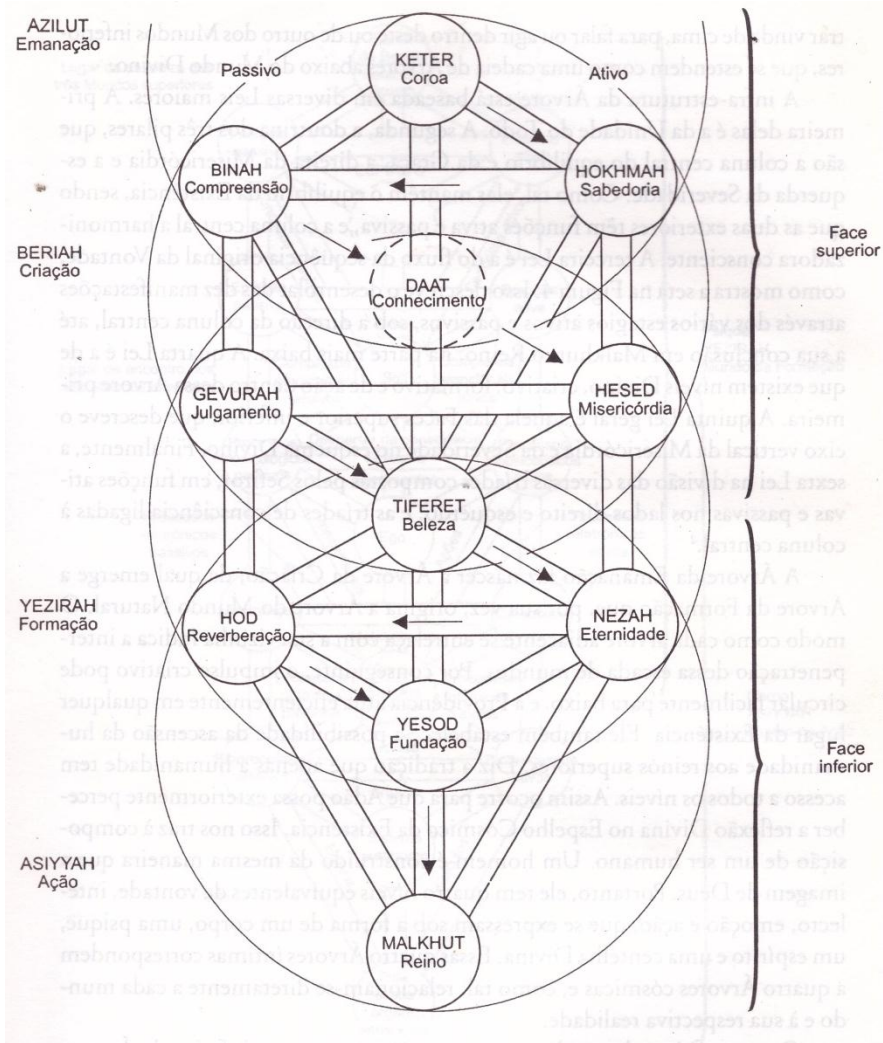
<sup>1</sup> - Para um relato completo da Criação, veja Universo kabbalístico, do mesmo autor (publicado pela Editora Siciliano em 1992 — N. do Tradutor).



**Figura 3. Escada de Jacó.** Com base na visão de Ezequiel, as quatro Árvores se paradas nos Mundos plenamente manifestados formam uma escada que com põe a Existência. Emergindo da Árvore Eterna da Vida, a Árvore Criativa do Conhecimento desdobra-se no nível formativo do Éden, o qual, por sua vez, estende-se para baixo para subjazer o reino da materialidade física. O esquema total dá um quadro detalhado do Universo, operando sob a Lei Divina.



O primeiro Mundo baseia-se nos dez Atributos Divinos, mais um Atributo não-manifesto. Esses dez aspectos de Adão Kadmon são sistematizados pelos kabbalistas segundo Leis geradas pelas qualidades Divinas. Acima de tudo está a Unidade da Divindade da forma como é expressada pelo símbolo de Keter, a Coroa. Depois então vêm os dois aspectos de **Hokhmah, ou Sabedoria**, e **Binah, ou Compreensão**, quer dizer, os lados revelador e reflexivo da mente Divina. Eles ecoam abaixo, no coração Divino da Imagem de Deus, nos atributos de **Hesed, ou Misericórdia**, e **Gevurah, ou Julgamento**. Descendo um pouco mais, no centro da Árvore, encontra-se o lugar de **Tiferet, ou Beleza**, às vezes chamado de Trono de Salomão. Um pouco abaixo, à direita e à esquerda, estão o que são vistos por vezes como os Membros de Deus, que conduzem em manipulação ativa ou passiva a Vontade do Divino. Eles são chamados por diversas traduções das palavras hebraicas **Nezah e Hod**, nenhuma das quais descreve plenamente as funções, mas utilizaremos os termos Eternidade e Reverberação, respectivamente. Prosseguindo a descida, no lugar denominado **Yesod, ou Fundação**, está o princípio da Geração e reflexão do que se encontra abaixo e acima. Isso corresponde no homem à consciência ordinária do ego. E na parte mais baixa está o Sefirah chamado **Malkhut, ou o Reino**, que é às vezes referido como o corpo de Deus. Finalmente, o não-Sefirah chamado **Daat, ou Conhecimento**, é o lugar onde a Vontade do Absoluto pode penetrar vinda de cima, para falar ou agir dentro deste ou de outro dos Mundos inferiores, que se estendem como uma cadeia de Árvores abaixo do Mundo Divino.



**Figura 4. Árvore Sefirótica.** O diagrama básico da Kabbalah mostra aqui os Atributos Divinos que fazem a Existência acontecer. O relacionamento entre os Sefirot determina o fluxo de energia e forma em uma série sequencial de Leis, enquanto a Vontade Divina desce desde a Coroa até o Reino. As leis secundárias, criadas, formadas e feitas pela Árvore, são o detalhe de um modelo Divino para todas as coisas chamadas à Existência.

A infraestrutura da Árvore está baseada em diversas Leis maiores. A primeira delas é a da Unidade do Todo. A segunda, a doutrina dos três pilares, que são a coluna central do equilíbrio e da Graça, a direita da Misericórdia e a esquerda da Severidade. Como tal, elas mantêm o equilíbrio da Existência, sendo que as duas exteriores têm funções ativa e passiva, e a coluna central a harmonizadora consciente. A terceira Lei é a do fluxo da sequência original da Vontade, como mostra a seta na Figura 4. Isso descreve o desenrolar das dez manifestações através dos vários estágios ativos e passivos, sob a direção da coluna central, até a sua conclusão em Malkhut, o Reino, na parte mais baixa. A quarta Lei é a de que existem níveis Divino, criativo, formativo e de ação dentro dessa Árvore primeira. A quinta Lei geral é aquela das Faces superior e inferior, que descreve o eixo vertical da Misericórdia e da Severidade no esquema Divino. Finalmente, a sexta Lei na divisão das diversas tríades compostas pelos Sefirot, em funções ativas e passivas nos lados direito e esquerdo, e as tríades de consciência ligadas à coluna central 2.

***A Árvore da Emanação faz nascer a Árvore da Criação, da qual emerge a Arvore da Formação que, por sua vez, origina a Arvore do Mundo Natural.*** O modo como cada árvore adjacente se entrelaça com a sua vizinha indica a interpenetração dessa escada de mundos. Por conseguinte, o impulso criativo pode circular facilmente para baixo, e a Providência atua eficientemente em qualquer lugar da Existência. Ele também estabelece a possibilidade da ascensão da humanidade aos reinos superiores. Diz à tradição que apenas a humanidade tem acesso a todos os níveis. Assim ocorre para que Adão possa exteriormente perceber a reflexão Divina no Espelho Cósmico da Existência. Isso nos traz à composição de um ser humano. Um homem é construído da mesma maneira que a imagem de Deus. Portanto, ele tem quatro níveis equivalentes de vontade, intelecto, emoção e ação, que se expressam sob a forma de um corpo, uma psique, um espírito e uma centelha Divina. Essas quatro Árvores íntimas correspondem a quatro Árvores cósmicas e, como tal, relacionam-se diretamente a cada mundo e à sua respectiva realidade.

O corpo físico, do modo como se apresenta na parte inferior da Árvore, possui todas as qualidades do mundo da Ação. Compõe-se dos quatro elementos: sólido, líquido, gasoso e

radiativo<sup>3</sup>; utiliza os processos vegetais, através dos quais cresce Se alimenta, e o princípio animal pelo qual se movimenta e relaciona com outras criaturas. A parte animal do homem dá-lhe o seu rebanho ou os instintos tribais. Isso revela a primeira divisão da raça humana: a pessoa animal que deseja dominar, e a pessoa vegetal que se contenta em submeter-se a condições. A Árvore Corporal mostra os quatro níveis como sendo os de consciência mecânica, química, eletrônica e de vida, dentro do veículo carnal.

A Face inferior do organismo psicológico une-se à Face superior da Arvore Física. Aqui, o nível de consciência natural de uma pessoa humana é manifestado no corpo pelo Reino ou Malkhut do sistema nervoso central, pelos dois princípios psicobiológicos, Hod e Nezah, pela mente do ego, Yesod, e pela conexão superior do Self, Tiferet (Figura 5). A grande Tríade inferior, centrada no ego ou mente ordinária, compõe-se das subtríades do pensamento, ação e sensações, que operam como o mecanismo psicológico da vida cotidiana. O caminho entre as funções psicobiológicas ativa e passiva é a fronteira da consciência, além da qual fica o Self, chamado de Trono de Salomão, na Arvore Psicológica.

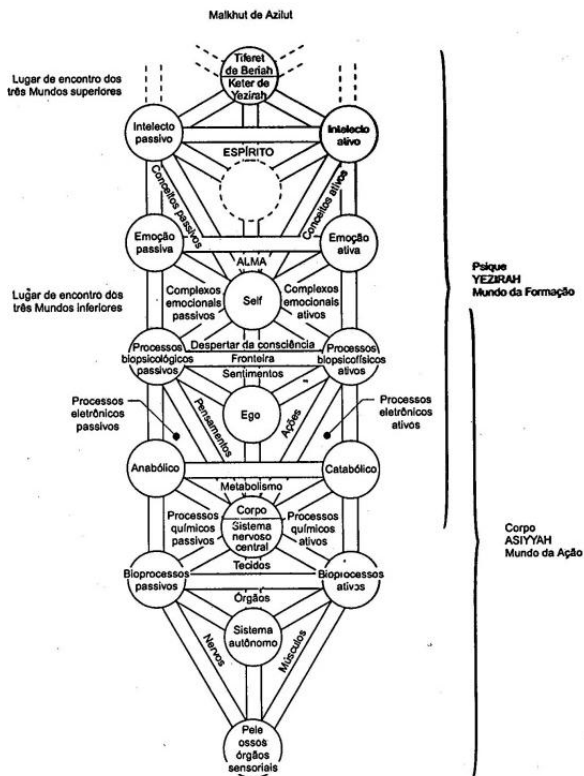
Acima do Self que, como se verá, tem acesso aos três Mundos do corpo, psique e espírito, está a alma. E o lugar da autoconsciência, da consciência propriamente dita, e de todos os acontecimentos profundamente emocionais de uma vida pessoal. Em ambos os lados encontram-se os bancos de memória ativo e passivo, onde a experiência emocional é arquivada. Logo acima deles, à esquerda e à direita, estão os bancos de crenças intelectuais dispostos sobre os lados passivo ou ativo da psique. Entre os dois acha-se a grande tríade superior do espírito, a qual, como a Face mais elevada da psique, sobrepõe-se à Face inferior do Mundo Criativo do Céu. E aqui onde o nível do inconsciente profundo reside e age como o espelho escuro do Espírito do Conhecimento. Mais para o alto estão os Sefirot Hokhmah e Binah, que constituem a sabedoria e a compreensão profundas no nível intelectual. No topo está Keter, a Coroa Psicológica, ou o lugar em que os Mundos superiores se encontram no homem.

---

<sup>2</sup> - Para uma exposição detalhada, veja A Árvore da Vida e Universo kabbalístico, do mesmo autor (ambos publicados pela Editora Siciliano em 1994 e 1992, respectivamente — N. do Tradutor).

Aqui o Divino toca o coração do Mundo do Espírito e o zênite da psique.

Acima da psique encontram-se os reinos cósmicos do Céu e da Divindade. Tendo apresentado um embasamento teórico geral, vamos ver uma breve utilização de princípios kabbalísticos ao Gênesis, em preparação para o Livro do Êxodo.

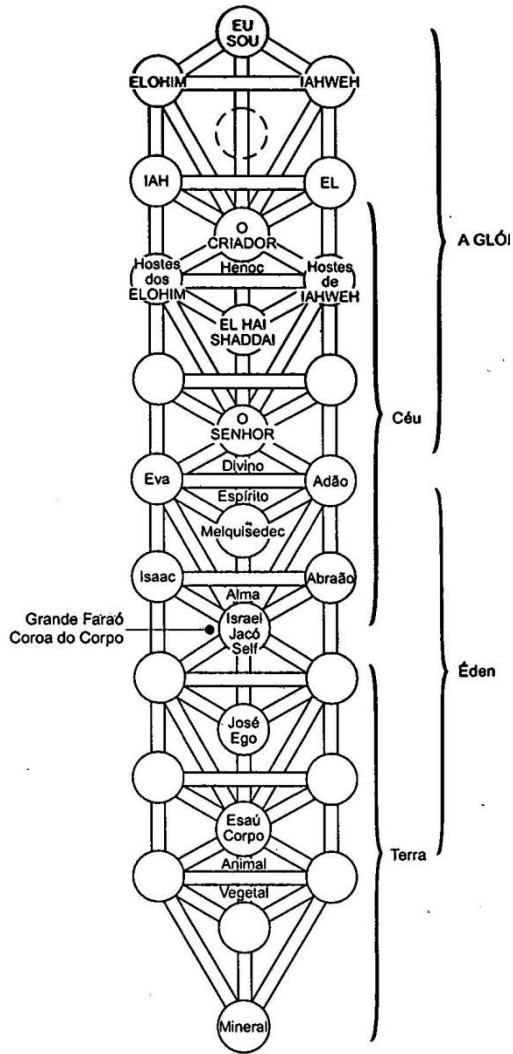


**Figura 5. Corpo e psique.** As duas Árvores inferiores da Escada de Jacó compõem os níveis psicofísicos de um ser humano encarnado. Tendo uma estrutura idêntica, mas em mundos diferentes, essas duas Árvores ressoam mutuamente, consciente e inconscientemente, às influências vindas de dentro e de fora. Uma ampla compreensão dessa anatomia kabbalística é vital para que se perceba o conteúdo interno da Bíblia.

---

## Encarnação

---



**Figura 6. Escada do Genesis.** Neste esquema os diversos níveis são esboçados segundo os caracteres bíblicos. Henoc, o Escriba Celestial, é o arcanjo da presença, enquanto Melquisedec é o iniciador espiritual de Abraão que, juntamente com Isaac e Jacó representam a Alma. O nome Israel está relacionado ao aspecto espiritual do Self. O grande Faraó é o mais elevado nível físico, ao passo que o seu vice-rei José é o Ego psicológico, ou o espelho visionário. Adão e Eva Sabedoria e a Compreensão humana.

## **Prólogo Gênesis**

Os capítulos iniciais do Livro do Gênesis delineiam a criação do Universo e seus habitantes, inclusive a mais completa das criaturas, o homem. Descreve, pois, a formação e divisão de um terceiro Adão em homem e mulher, e a queda de ambos para a materialidade ao desobedecerem a Vontade de Deus. Essa descida para o mais baixo dos quatro mundos foi prevista, segundo nos conta a tradição oral, e é parte de um grande plano no qual o homem, a imagem do Divino, desce aos níveis mais inferiores da Existência com a finalidade de experimentar todos os mundos.

Contudo, em virtude do dom do livre-arbítrio ainda permanecer em poder da humanidade na terra, a raça humana desobedeceu à lei moral e afastou-se do fluxo da evolução de tal modo que o Divino chegou a considerar o cancelamento do projeto, a despeito do fato de um indivíduo como Henoc ter conseguido alcançar o nível mais elevado que um espírito humano pode atingir, e andar com Deus. Felizmente, Noé reteve o respeito do Divino e lhe foi permitido sobreviver à dramática remoção de uma raça humana corrompida, pelo dilúvio, em companhia dos reinos animal e vegetal do Mundo inferior da Ação. Uma ideia do nível da alma de Noé torna-se legendária quando afirma que ele não adormeceu durante todo o tempo em que a arca flutuou sobre as águas, que é o elemento simbólico do Mundo da Formação.

Quando Noé e as criaturas com ele preservadas alcançaram a terra, o processo de desenvolvimento havia começado novamente no mundo físico depois que o Divino prometeu na Aliança do arco-íris nunca mais praticar uma ação tão drástica contra a humanidade. Todavia, mesmo Noé não era isento de culpa quando se embebedou na sua própria vinha e caiu em estado de desgraça. Esse foi um aviso de que o mérito espiritual não coloca ninguém acima das leis da existência, mas que, ao



contrário, dele se exige mais por se constituir em um exemplo. Seu lugar foi ocupado pelo filho Sem, que levou adiante a linha do crescimento espiritual, enquanto o restante da humanidade tornou-se mais uma vez preocupado com o poder e a riqueza terrenos. Tal fato foi demonstrado na construção da torre de Babel, com a sua intenção de penetrar nos Mundos superiores utilizando-se de meios físicos que jamais podem alcançar sucesso. Sem, conta-nos a tradição, foi mais tarde o mestre de Jacó após este haver deixado à casa paterna.

Abraão é a figura maior seguinte a continuar a linha que representava a vanguarda da espiritualidade humana. Ele foi, depois de haver entendido que os seres dos Mundos superiores não eram mais do que servos do Absoluto, instado a deixar o seu país natal e a família e dirigir-se para uma terra que lhe seria apontada pelo Senhor. Essa jornada para o País Sagrado do Espírito levou Abraão a passar por muitos incidentes que serviram para testar sua fé. Nas proximidades de Jerusalém ele foi iniciado por **Melquisedec, sacerdote do Deus** Supremo, que lhe transmitiu o conhecimento secreto, dado somente àqueles que tenham provado eles mesmos serem receptivos e obedientes à Vontade de Deus. Isso nos traz ao ponto em que podemos começar a colocar níveis e pessoas na Escada de Árvores, bem como ver o embasamento kabbalístico para a história do destino humano e seus caracteres.

Se olharmos para a Figura 6, veremos que a Coroa suprema tem um Nome Divino a ela associado. Tal ocorre porque esse título expressa, na sua versão hebraica completa de EHYEH ASHER EHYEH, ou EU SOU AQUELE QUE E, a intenção Divina de Deus desejando contemplar Deus, ou seja, desenrolar para baixo a criação e retornar em evolução. Os Nomes de Deus, à direita e à esquerda, são aqueles associados aos aspectos misericordioso e severo da Divindade, como o são os situados abaixo, nos pilares laterais. A coluna central leva os Nomes Divinos relacionados à Graça, com o lugar de Deus, o Criador, na cabeça do Mundo da Criação, ao mesmo tempo colocado no meio do Mundo da Emanação. Logo abaixo dessa posição, está o Sétimo Céu, onde Henoc, que foi transformado no arcanjo Metatron, reside. Abaixo, na Fundação e no Reino do Mundo Divino, estão os Nomes de Deus TODO-PODEROSO VIVO e SENHOR, que

ficam por trás do nível celeste da Providencia. Adão e Eva ocupam os lugares da Sabedoria e Compreensão, na Árvore da Formação, que corresponde à psique humana. Eles agem como o pai e a mãe arquetípicos da humanidade, enquanto que, logo abaixo, no lugar da Fundação Espiritual e Conhecimento psicológico, está localizada a figura de Melquisedec, a pessoa, diz a lenda, que não teve pai nem mãe. Esse é também o lugar em que tradicionalmente o Espírito Santo fala a um indivíduo quando ele emerge da psique superior no Mundo da Criação. Mais abaixo está a tríade da alma, que é manifestada nas vidas e naturezas dos três patriarcas.

Abraão mantém a posição da Misericórdia no lado direito da tríade. Tradicionalmente ele é o homem que amou a Deus. Esse amor foi testado no deserto, ao oferecer o seu filho Isaac em sacrifício. De acordo com a lenda, Abraão era intensamente bom e generoso. Foram essas qualidades, mais a piedade, diz-se, que levaram Deus a aproximar-se do homem, tornando-se, assim, Deus da Terra, bem como do Céu. Abraão foi chamado de ‘o amigo de Deus’, e por causa desse relacionamento hesédico, Deus fez uma aliança com Abraão e lhe prometeu não apenas um filho, mas que ele seria o pai de muitas nações, ou seja, tradições espirituais.

Isaac, filho de Abraão, reside no pilar oposto, na posição do Julgamento. Tal lugar é às vezes chamado Pehad, ou Temor. Esse Temor é baseado na Justiça Divina, e sua rigidez (ainda em oposição ao pilar misericordioso) baseia-se no medo que ele experimentou enquanto esperava-para ser sacrificado, e na sua obediência em se submeter à disciplina de Abraão, seu pai. Para um jovem, ele era muito autocontrolado, a despeito da hostilidade da outra esposa do seu pai, Agar, e do seu irmão rival, Ismael. Ao se tornar mais velho, o excessivo rigor dos seus pontos de vista manifestou-se no símbolo da cegueira, que criou um conflito entre os seus filhos, visto que o Julgamento sem a Misericórdia, afeta a discriminação. Esaú, o rude caçador, era preferido ao suave pastor Jacó. Abraão e Isaac equilibram um ao outro quanto aos aspectos misericordioso e de julgamento da alma.

Jacó, cujo nome significa ‘o substituto’, usurpou a posição de Esaú e recebeu tanto a primogenitura quanto a benção da herança mística. Desse modo, o terceiro patriarca Jacó assume a posição central da tríade da Alma, na Árvore Psicológica. Isso porque Jacó teve a visão da Escada estendendo-se entre o Céu e a

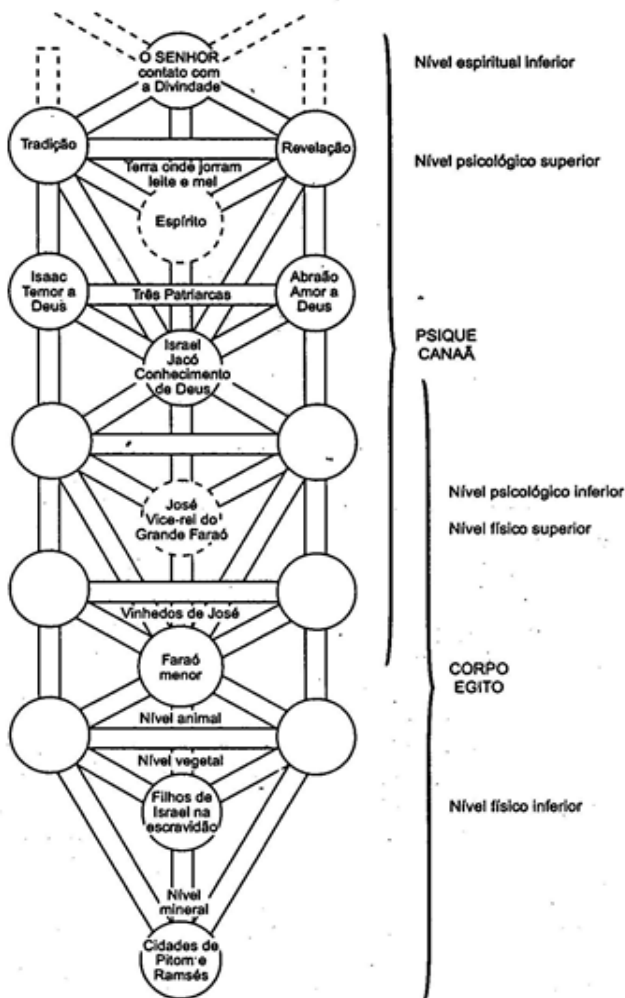
Terra, no lugar denominado Betel, a Casa de Deus (Gênesis 28, 19). Visto na Escada kabbalística que leva o seu nome, esse significa o lugar onde se encontram as Árvores Física, Psicológica e Celestial. As duas esposas de Jacó são tidas como a expressão das duas colunas laterais. Lia, a não amada, está no lado esquerdo, e Raquel, a amada, no direito. Talvez a razão principal para a posição central de Jacó seja o seu encontro com o Anjo, em Peniel, cujo significado é a Face de Deus. Aqui ele subiu do nível psicológico do Self, que alguns chamam de 'Eu' para experimentar o 'Tu' do Divino Malkhut, ou Reino, no ponto de encontro do Conhecimento. Tal encontro é o marco distintivo do pilar central abaixo, no qual a Divindade pode se manifestar diretamente. A mudança do nome de Jacó para 'Israel', ou 'Ele que lutou com Deus', é de significado esotérico, pois indica uma transformação de status, uma elevação de foco, do psicológico para o espiritual e, dessa forma, em contato direto com o Divino.

Juntos, os patriarcas compõem a tríade emocional da Alma. É aqui que a Aliança com Deus é executada pelo amor da Misericórdia, a discriminação do Julgamento e a veracidade da Beleza, o Self. Essa tríade é o ponto intermediário entre o corpo abaixo e o espírito acima. É o lugar da consciência, da moralidade do bem e do mal; e a zona dentro da qual uma pessoa cresce para se tornar um ser vivo, amadurecido, capaz de agir como um canal por onde flui o que desce e o que sobe entre os mundos terrestre e celestial.

José foi o primeiro dos 12 filhos de Israel a descer, saindo de Canaã para o Egito. Assim como Jacó representa o Self, José, com o seu casaco de muitas cores, representa o multifacetado ego. Sonhador de sonhos, José é a tela na qual a psique se expõe a si mesma. Talento, adaptável e inteligente» José é o símbolo da Fundação psicológica para a coroa física do Self, como é expressada pelo poderoso Faraó do Egito. Esse rei iluminado do Mundo Natural honrou José e utilizou-se dos seus dons psíquicos. Escolhido pela Providência Divina para reconhecer e aceitar os benefícios de um mundo superior no seu país, ele convidou Jacó e sua família para saírem do país que fora dado aos patriarcas por meio da aliança, e virem para o Egito, onde foram bem alimentados e vestidos, exatamente como deveriam ser quaisquer alma e espírito recém-nascidos.

Quando Jacó morreu, seus despojos voltaram à Terra Santa para serem enterrados com os seus pais. Ou seja, foi levado de volta para o Mundo superior do Espírito. Após a morte de José, seu corpo foi embalsamado e conservado no Egito sob a promessa de que os seus ossos deveriam ser transportados dali para Canaã, quando Deus enviaria um libertador com a missão de conduzir os israelitas para fora do Egito. Portanto, a primeira parte do Plano Divino, de que o homem teria que descer ao mais baixo dos mundos, está simbolizada em urna história familiar. A sequência é apresentada agora na jornada de regresso ao lar. Nesse retorno, o espírito inocente enviado pelo Divino para ser encarnado ganha experiência em cada vida, sina e destino, enquanto evolui outra vez para o alto, através dos mundos, em direção à Divindade. Como cada indivíduo, Adão passa a entender que o homem e o Universo não são mais do que reflexos do Divino, e chega lentamente a reconhecer Quem está olhando o Espelho da Existência para si próprio. Quando todas as centelhas que compõem o Adão Kadmon original experimentarem essa realidade no fim dos tempos, então a Face Divina contemplará a Face Divina.

O Gênesis, o Livro do Princípio, termina sua descrição da descida com os filhos de Israel residindo confortavelmente na Terra do Egito, sem ainda suspeitarem do que viria a acontecer para fazê-los procurar o caminho de volta para a Terra Prometida.



**FIGURA 7 - Descida para o Egito.** Descendo para longe do contato com o Divino, ao sair da Terra de Canaã, ou os níveis inferiores do espírito, a psique é incorporada na carne. Aqui, na escravidão do Egito, a morada individual na vida adquire a experiência do Mundo Natural até que uma saída, um Êxodo, seja buscada para reconquistar a Terra Prometida para os antepassados da Alma.

## Escravidão do corpo

### ÊXODO 1

O Livro do Êxodo começa com os nomes dos 12 filhos de Israel que entraram no Egito. Ou seja, os 12 tipos básicos da humanidade, segundo o expressam muitas tradições. Esses 12 arquétipos espirituais vieram para o Egito, cujo nome Mitzraim no hebraico original significa limitação, escravidão, aflição e circunscrição. A narração prossegue: “Os descendentes de Jacó eram, ao todo, 70 pessoas”, quer dizer, 12 filhos e os seus filhos, ou os descendentes do Mundo Beriático do Espírito, passando pelo Mundo Yezirático da psique, e ingressando no mundo físico do corpo, ou a terra do Egito.

“Os filhos de Israel foram fecundos e se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos a tal ponto que o país Ficou repleto deles”. Isso tem o significado de que o espírito criativo e a alma formativa, em conjunção com o princípio vital, fazem o corpo de um bebe recém-nascido crescer a uma grande velocidade, assim como o indivíduo aqui simbolizado relaciona-se com o mundo físico que o cerca.

O Êxodo fala agora de José, que já se encontrava no Egito. Essa passagem nos conta que o ego, ou a Fundação da psique no indivíduo, acha-se estabelecido no veículo corporal da pessoa a ser encarnada, como o Daat, ou o Conhecimento de Asiyah, o Mundo da Ação. Como tal, possui suas memórias do mundo psicológico do qual se origina; em termos bíblicos Canaã, e seu lar com o Pai espiritual, Israel. Refere-se ao fenômeno dos eventos ocorridos antes do nascimento, algumas vezes repetido com os mais jovens ou com os espiritualmente desenvolvidos. Um texto rabínico estabelece: “Tão logo José morreu, os olhos dos israelitas foram também fechados, assim como os seus corações”. Ou seja, perderam o contato com a memória viva do seu passado e com as suas raízes nos Mundos superiores. “E começaram a perceber a

dominação do estrangeiro”, ou a constrição dos egípcios, que representam as forças do corpo.

Esse tema desenvolve-se adiante, (1,8): “Levantou-se sobre o Egito um novo rei, que não conhecia José”. Isso descreve a dominação crescente das demandas corporais da criança e da vontade animal. Na tradição oral notava-se que, somente quando Levi — que era o último dos irmãos e o portador da tradição esotérica — morreu, os egípcios passaram a oprimir os israelitas. Tal fato é visto simbolicamente na perda dos campos e vinhas dados por José aos seus irmãos, vale dizer, o sustento interior e independente da alma e do espírito. Com o passar do tempo à opressão transformou-se em escravidão quando o novo Faraó, à semelhança da alma animal, forçou lentamente os israelitas a se submeterem a um regime cada vez mais apertado, tanto psicológica quanto fisicamente. Pois para o indivíduo comum, esse é o processo limitante do crescimento e da educação.

Ao atingir a plena maturidade, simbolizada pelo aumento da população israelita de 70 pessoas para 600 mil habitantes, uma existência de labor físico deu início a um nível vegetal humano. Os vários constrangimentos do mundo físico, iniciados pelos feitores egípcios, conduzem a vida interior e enfadonha dos filhos de Israel para a tarefa da construção de grandes cidades destinadas à glorificação do corpo e da vaidade do ego. Agora, os nomes de duas das cidades mencionadas na Bíblia são Pitom, que significa ‘lugar estreito’, e Ramsés, que é o ‘filho do Sol’, ou o Deus dos egípcios. Tais edificações falam de uma exterioridade materialmente confinada e da adoração do Mundo Natural. Os israelitas não obtiveram quaisquer benefícios desses empreendimentos, nem mesmo no nível físico, pois tão logo foram escravizados eles deixaram de ser remunerados, sendo-lhes permitido apenas trabalhar para viver.

Entretanto, um fenômeno da adversidade é aquele provocado pelos tempos difíceis: quanto mais os israelitas eram perseguidos, mais eles cresciam em força e número. Com a finalidade de reverter essa tendência, o Faraó do corpo pretendeu assassinar todas as crianças do sexo masculino nascidas dos israelitas. Essa deliberação provocada pela vontade animal foi contrariada, segundo o folclore judeu, por duas parteiras israelitas chamadas Sefra, cujo nome quer dizer ‘brilho’, e Fua; ‘esplêndida’,

que protegeram a força interior nascente dentro da comunidade. Tal confrontação é o primeiro sinal de oposição no interior do indivíduo, entre os seus aspectos natural e sobrenatural. A resistência física exterior do hábito e a pressão psicológica social interna apenas aumentam a profunda insatisfação da alma que desperta. Uma fuga da escravidão é tentada de muitas formas mundanas, variando do divertimento que possa evitar o problema à ambição terrena capaz de soterrá-lo, mas nenhuma delas traz qualquer satisfação ou solução para o sentimento de estar aprisionado. A possibilidade de fuga deve esperar por muitos anos até o nascimento de um foco particularmente poderoso dentro do ser de um indivíduo ou de um povo. Isso é simbolizado pelo aparecimento de Moisés, isolado da massa suspirante da psique israelita.



## NASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA

## Êxodo 2

Os pais de Moisés, segundo a lenda, eram Amram cujo nome significa 'aparentado do Alto, e Jocabed, significando 'esplendor Divino, Amram era um homem particularmente justo, mesmo considerando a sua condição de membro da leal tribo de Levi. Por causa disso, ele ajudou a trazer Shekhinah, ou a Presença Divina, para um estágio mais próximo da terra, depois da sua retirada — como o resultado do pecado de Adão e os subsequentes pecados dos seus filhos — para o Sétimo Céu. Amram. Era o sexto na linha, depois de Abraão, Isaac, Jacó, Levi e Caat, a trazer a Presença Sagrada outra vez para, mais perto da humanidade. Sua esposa não era menos distinta, posto que era filha de Levi, e conhecida pelas suas qualidades espirituais. Contudo, devido à escravidão, sua primeira filha chamou-se Miriam, que quer dizer 'amargura', e o segundo Arão, nome traduzido por alguns rabinos como 'pesar para esta gravidez'. Pode também ser lido corno 'o montanhês' e o 'iluminador'.

Durante a gestação de Moisés, Amram e Miriam tiveram sonhos visionários, premonitórios do seu futuro significado para o Egito e para Israel. Encarada do ponto de vista do progresso individual, essa é a indicação de mudanças interiores em preparação. Tais indícios poderiam perfeitamente acontecer em sonhos, que assumem um significado simbólico no qual um homem seria capaz de ver a si próprio cortando amarras ou fugindo da prisão.

Conta-nos a lenda talmúdica que quando Moisés nasceu, a casa inteira se encheu de brilho e ele pôde andar e falar em um só dia. Isso descreve o surgimento, dentro de um indivíduo, de um centro de consciência possuidor de um grau de maturidade acima e além dos demais seres. Visando proteger Moisés de ser morto, Jocabed fez um cesto para a sua preservação e o fez flutuar sobre as águas para ver o que faria a Providência. Vemos aqui o despertar

da confiança em relação a assuntos do espírito. E um dos pré-requisitos do trabalho interior permitir que o espírito conduza a vida através do seu verdadeiro propósito. Como o Céu haveria de fazer a sua parte, a filha do Faraó o viu enquanto se banhava no Nilo, com a finalidade de se limpar da sujeira moral causada pela adoração idólatra. Assim, uma das poucas egípcias que valorizavam a vida interior viu a criança e a salvou. Existe sempre uma parte do ego que reconhece que o Mundo Natural traz apenas decadência e morte, e percebe alguma coisa de um outro mundo superior que precisa ser alimentada.

Essa preservação e desenvolvimento do princípio de Moisés, cujo nome significa ‘tirado da água’, ou o elemento simbólico representativo da fluidez da psique (terra=Asiyah, água=Yetzirah ar=Beriah, fogo=Atzilut), levam à criação e educação de Moisés na corte real do homem animal. Portanto, a consciência despertada aprende as artes e as ciências do Mundo Natural para que possa familiarizar-se com os caminhos da vida mundana. Contudo, ser extraído do estado escravo vegetal para ingressar no Reino Animal não deixa de ter os seus perigos. Uma das muitas lendas associadas a esse período da vida de Moisés descreve como, em virtude da sua inteligência marcante, ele logo excedeu aos seus professores egípcios. Tal fato criou, como se poderia esperar, algum ciúme nos seus colegas egípcios, ou seres humanos no nível animal. Com efeito, o mestre mágico Balaão (mais tarde enviado para amaldiçoar os israelitas — veja o Livro dos Números), cuja fama na ocasião deu-lhe lugar na corte do Faraó, reconheceu em Moisés um perigo em potencial e advertiu o soberano. Felizmente o arcanjo Gabriel ajudou Moisés através de um teste de vida-ou-morte, para que as suas ações precoces fossem vistas como a excepcional sorte de uma criança. Aqui encontra-se o fenômeno não desconhecido da supervisão celestial, tomando conta da alma e embrionária em um mundo físico intrinsecamente hostil.

Quando Moisés atingiu a maturidade, movimentou-se facilmente como um estranho educado no mundo dos egípcios. Todavia, enquanto estava envolvido na vida animal-humana, nunca ficou completamente indiferente aos sofrimentos do seu próprio povo — ou da vida interior escravizada por baixo da superfície dos processos naturais. Começou a fazer perguntas. Um

dia, viu um egípcio açoitar um israelita e, notando uma injustiça básica, matou o agressor, segundo nos foi narrado pela lenda popular, com a pronúncia dos Nomes de Deus. Isso serve para afirmar que ele, percebendo o aspecto animal de si mesmo, dirigiu a vontade por sobre a psique, eliminando o seu domínio através do chamamento da Graça Divina para matar o desejo inferior, O chamamento da graça Divina para matar o desejo inferior. O chamamento foi respondido imediatamente e, desse modo, explicam os rabinos, aquilo não era assassinato, mas a morte de um mal egípcio para assim demonstrar a Moisés e aos israelitas — ou seja, à individualidade que desperta e ao restante da psique — que a dominação do corpo poderia ser rejeitada.

E desnecessário dizer que o acontecimento logo tornou-se do conhecimento de toda Israel, de modo que quando Moisés tentou evitar uma briga entre dois israelitas no dia seguinte, perguntaram-lhe se ele tencionava matá-los. Os envolvidos está registrado, eram Datan e Abiram, dois dos israelitas mais exaltados da comunidade. Eles haveriam de opor-se a Moisés, como os aspectos rebeldes da psique, mais tarde, no deserto.

Encarado kabbalisticamente, esse incidente mostra que, enquanto a Graça poderia ajudar na extirpação do mal, ela deixava muito para o trabalho pessoal a lida com certos aspectos perversos da psique, resistentes ao progresso espiritual. Este era um problema completamente diferente do óbvio inimigo externo dos egípcios. Confrontado pela sua oposição interna, bem como pelo Faraó, que agora o procurava para matá-lo, Moisés fugiu.

Ele tornou-se, igualmente a muitos de uma geração posterior, um marginal. Já há muito ele não se interessava pela simpatia efêmera do Egito, mas não tivera coragem de assumir os problemas de Israel. Por conseguinte, ele fugiu, segundo a escritura, através da terra de Madiã, o lugar do Esforço e do Julgamento, onde — sem raízes — poderia esconder-se de si mesmo e do seu destino.

---

SONO E DESPERTAR

---

## INICIAÇÃO PESSOAL

### ÊXODO 2

De acordo com a lenda, Moisés não se dirigiu diretamente à terra de Jetro, como o recorda a Bíblia, mas tornou-se um fugitivo nos domínios do rei da Etiópia. Este se encontrava na curiosa posição de sitiá-la a sua própria capital, que fora ocupada por Balaão, o mágico. Como o outro Self, interior e obscuro da psique, Balaão, que significa ‘mestre do povo’, era um perverso adivinho e feiticeiro, que desenvolvera impressionantes poderes psíquicos utilizados para influenciar as pessoas, sem a integridade do espírito. Visto internamente, Balaão é aquela parte da psique que busca o poder sem responsabilidade ou referência a nada que seja superior ao amor-próprio.

Moisés foi aceito pelos etíopes porque a sua face radiante indicava um poder interior que lhes faltava; a força física dos mesmos não era capaz de enfrentar Balaão. Contudo, foi somente quando o rei morreu que os etíopes convocaram Moisés para liderá-los contra Balaão. O sucesso foi alcançado no primeiro dia da tarefa de Moisés, e ele penetrou na cidade para ser coroado e ser-lhe dada como esposa a viúva do rei. Essa fábula ilustra o poder da consciência despertada, quando utilizada em problemas de menor amplitude. Entretanto, a alegoria não termina aí. Enquanto ele reinava durante 40 anos e aumentava o poder da Etiópia, não coabitou com a rainha nem adorou os deuses nacionais. A rainha, de fato, voltou-se contra ele por não haver consumado a união, e o Conselho Etíope destituiu-o, mas sem negar-lhe as honras pelos serviços prestados ao país. A partir dessa experiência de lidar com uma situação mundana e mágica, ou seja, em um nível prático (Asiyah) e psicológico (Yetzirah), Moisés foi removido pela Providência para o estágio seguinte do seu treinamento.

Jetro, cujo nome significa ‘excelência’ ou ‘proeminência’, era um sacerdote de Madiã. Ele era uma figura muito incomum para o seu tempo e lugar por não adorar ídolos físicos. Era um temente a Deus e tem, com efeito, diversos nomes para descrever as suas qualidades. Além dos nomes bíblicos Hobab e Ragüel, que são traduzidos pelos rabinos como ‘filho amado de Deus’ e ‘amigo de Deus’, é também chamado de Putjel, ou ‘ele renunciou à idolatria’. Por causa disso, foi posto no ostracismo pelo seu próprio povo e vivia com as sete filhas no deserto. Foi para o seu bem que Moisés encontrou Séfora, sua futura esposa, quando defendeu as moças contra pastores hostis. Contudo, antes de desposar Séfora, de acordo com uma fonte antiga, ele foi tratado rudemente por Jetro; ou assim deveria parecer, a menos que olhemos mais profundamente do que a lenda nos indique fazê-lo. Jetro possuía o mesmo nível de desenvolvimento de Balaão, por isso fora consultado da mesma forma que o mágico, pelo Faraó, acerca da questão dos israelitas que se multiplicavam. Jó, o personagem de uma história posterior, estabelece a lenda, também encontrava-se presente nesse conselho. Jetro sugeriu ao Faraó que não oprimissem os hebreus em virtude da sua aliança com Deus. De fato, ele recomendou ao Faraó que os mandasse para fora do Egito para que pudessem cumprir o seu destino, O Faraó reagiu fortemente contra esse conselho e destituiu Jetro. Entretanto, atendeu à sugestão de Balaão de afogar todas as crianças do sexo masculino.

Antes de Jetro deixar o Egito, adquiriu um bastão extraordinário. Esse bastão, segundo explicou Séfora a Moisés, foi plantado no jardim de Jetro, onde criou raízes e transformou-se em uma árvore. A origem do bastão não é estranha a muitas tradições espirituais. Foi criado na véspera do primeiro shabbat entregue a Adão. Este passou a Henoc, cujo nome significa ‘iniciado’, que o transmitiu a Noé. Foi dado depois a Sem e passado a Abraão, Isaac e Jacó que, por sua vez, o transferiu a José. Jetro o adquirira após a morte de José, quando os egípcios pilharam a sua casa.

O bastão, conta-nos a tradição, era feito de safira e pesava 40 siclos, ou cerca de cinco quilos. Dizem alguns que ele tinha gravados os Nomes Divinos além de outras dez letras de vários significados. Esse bastão surge em história posterior, nas mãos de

Moisés e de Aarão, onde é visco às vezes como o Bastão da Revelação, ou o pilar direito, e às vezes como o Bastão da Tradição ou o pilar esquerdo. Ainda mais tarde, aparece como o cetro do rei Davi, e quando a destruição do Templo estava iminente o rei Josias encerrou-o na arca até que o Messias viesse e o reclamasse. As tradições cristã e oral vêm-no como uma parcela da própria árvore do conhecimento, e os muçulmanos olham-no com grande reverência, como o símbolo do conhecimento esotérico.

Depois de contar a Moisés as origens da vara, Séfora explicou que seu pai somente aceitaria como genro o homem que conseguisse arrancar a árvore. Isso Moisés conseguiu facilmente, mas, para sua surpresa, Jetro, ao invés de dar-lhe as boas-vindas, colocou-o em uma cova, onde ele viveu durante vários anos, submetido a mais severa das condições. Durante esse período Séfora cuidou de Moisés, até fazer Jetro ir à cova, onde encontrou o prisioneiro rezando. Tal fato convenceu Jetro de que Moisés tinha uma Missão Divina. Ele o libertou, entregando-lhe o bastão de safira.

Consideradas do ponto de vista kabbalístico, as fábulas acima, conjuntamente com o texto bíblico, descrevem como um indivíduo frequentemente procura escapar do seu destino. Entretanto, a Providência embora não interferindo no direito ao livre-arbítrio daquela pessoa — apesar disso cria circunstâncias nas quais são mostradas à pessoa as suas possibilidades. Portanto, a consciência despertada simbolizada por Moisés, vê facilmente como seu poder e seu conhecimento interiores fazem dele um rei na Etiópia, ou seja, um peixe grande em um pequeno tanque. Dessa situação, contudo, ele se desincumbe sem experimentar qualquer satisfação verdadeira, seja ela física, psicológica ou espiritual, a despeito de toda a aparência exterior de sucesso. Com efeito, o indivíduo precisa consumir o seu relacionamento com esses elementos inferiores de sua natureza — ou ser aniquilado e cair de qualquer Graça que possa merecer, naquela zona fronteira entre a Terra e o Paraíso, onde apenas existe o desapontamento pelos Mundos inferiores e o cinismo pelos superiores, para encobrir um erro profundo.

Felizmente Moisés reconheceu que não era um etíope ou um adorador dos seus deuses, e abdicou livremente ao trono. Descobriu, então, que estava em busca de alguma coisa mais

profunda do que os fenômenos físicos ou psicológicos, e vagou pelo mundo da restrição e do julgamento, até chegar a uma situação confortável. Tal situação é agora um símbolo da verdade e da nutrição, e aqui Moisés ajudou as filhas de um homem espiritualmente mais profundo a conseguirem água. Por causa desse ato, foi-lhe permitido abrigo na casa de Jetro, sendo, no entanto posto sob as mais difíceis condições, para testá-lo quanto à sua preparação para juntar-se à família ou à escola de Jetro. Temos neste exemplo uma série de julgamentos severos, feitos tradicionalmente a um candidato espiritual, com a finalidade de concluir o quão sério ele é. Jetro, o Amigo de Deus, dando a sua filha em casamento a Moisés, acolheu-o como seu discípulo.

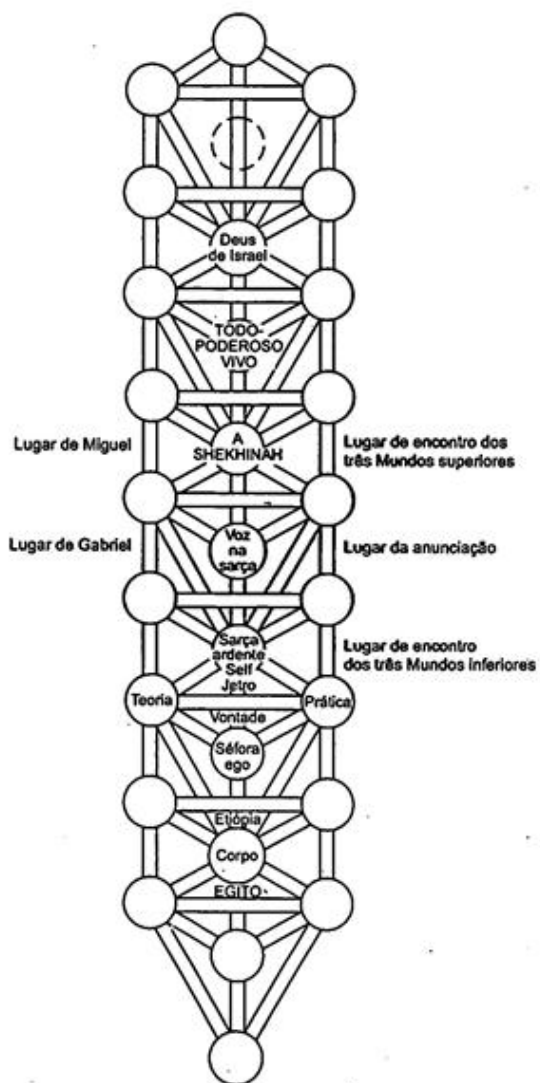
Para uma pessoa em busca de um caminho espiritual, essa história descreve uma experiência comum. Um homem, pelos seus atos de integridade, chega ao conhecimento de um instrutor de almas. Para testar se tais ações são genuínas, criam-se situações nas quais o estudante em perspectiva é cordialmente convidado, em primeiro lugar, e depois submetido a algumas dificuldades. Isso usualmente elimina a todos, exceto o real buscador da verdade que, havendo tocado a Árvore de Safira, aceita os julgamentos da iniciação para obter entrada em uma escola da alma.

Colocada na Escada de Jacó, a história da fuga de Moisés do Egito e o seu casamento com Séfora delinea a ascensão da evolução da consciência a parti do Reino, ou Malkhut da psique, correspondente ao Tiferet corporal, até a Fundação-Ego e a tríade composta por Hod-Nezah-Yesod. Esse é o triângulo da Voluntariedade, que fica na fronteira entre os mundos interior e exterior. Aqui Moisés, na Fundação da psique e Conhecimento do corpo, reside por muitos anos, durante o seu primeiro estágio de treinamento. Enquanto isso, sua esposa deu-lhe dois filhos, um dos quais chamou-se Gersam, que pode ser traduzido como 'estou no exílio, em terra estranha'. Essa é a situação de todos os aspirantes espirituais.



**MOMENTO DE GRAÇA****ÊXODO 3**

Quando Moisés chegou à casa de Jetro, vestia roupas egípcias; isso nos mostra que, a despeito do tempo passado com os etíopes e no deserto, ele ainda usava a persona da sua educação; quer dizer, o seu ego (que corresponde ao Conhecimento do corpo e à Fundação da psique) encontrava-se assim encoberto pela cultura e os hábitos que adquirira durante o tempo em que viveu na corte do Faraó, na qual fora considerado um homem natural, embora sofisticado. Contudo, pelo fato de haver provado ser de uma ordem sobrenatural, ele foi aceito para instrução esotérica, sob a orientação de Jetro, que exigiu de Moisés que não fosse embora sem o seu consentimento. O casamento fazia parte da regra de compromisso com um mestre esotérico. A primeira tarefa dada a Moisés foi cuidar dos filhotes do rebanho de carneiros de Jetro, em seguida dos maiores e, depois, dos adultos, encarregando-se tanto da alimentação quanto de sua proteção. Sabe-se que um pastor, na literatura bíblica, é uma alegoria, para um mestre ou um instrutor, e o comentário talmúdico extrai essa ideia ao dizer que Deus desejava treinar Moisés no deserto para assim conduzir os filhos de Israel através dessa mesma região. Durante os anos passados em companhia de Jetro, Moisés aprendeu muito acerca da terra e dos reinos vegetal e animal. Por analogia, ele estudou a ação do mundo elementar, dentro e fora de si próprio, e os problemas e soluções tanto de sua natureza vegetal quanto animal, além de adquirir as habilitações para comandar um grupo de criaturas que entram facilmente em pânico e nunca enxergariam mais de um palmo diante dos seus narizes. Existem diversas histórias a respeito da restrição e da compaixão de Moisés, sua disciplina em um cubículo estreito, e a sua habilidade em escolher os lugares certos para descansar e alimentar o seu rebanho. Durante os 40 anos em que é narrada a sua permanência sob a tutela de Jetro, Moisés não perdeu sequer uma ovelha e, de



**Figura 8. Escada de Moisés.** Saindo dos países terrenos Etiópia e Egito, Moisés mantém contato com o seu primeiro mestre, Jetro, após o encontro com Séfora. Aqui, na fronteira do corpo e da psique, ele treina na teoria e na prática antes de chegar ao lugar da sarça ardente, através da qual fala a Voz de DEUS. Acima estão os níveis arcangélicos, que executam a Vontade do Divino.

fato fez aumentar e desenvolver o rebanho — comprovando, dessa forma, a sua capacitação diante de si mesmo, de Jetro e de Deus.

No momento em que Moisés estava pronto para o próximo estágio do seu desenvolvimento, o Senhor, dizem as Escrituras, notou que Israel atingira o seu limite de sofrimento sob o novo Faraó. Foi então que os israelitas lembraram da Aliança entre Deus e os seus antepassados, e clamaram pela libertação. Ou seja, a psique escravizada ao corpo pede ajuda aos Mundos Espiritual e Divino. Esse clamor foi ouvido.

Êxodo 3,1 diz: “Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Horeb (Har Ha ELOHIM), a montanha de Deus”. Horeb significa solidão, desolação e muitas outras traduções associadas ao estado de se encontrar imediatamente antes de uma experiência mística. Ali, ‘Vayarah Malach IAHWEH aluv’: “o anjo de IAHWEH lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça”. Tradicionalmente, esse anjo, ou arcanjo para ser exato, é Miguel que, conta-nos o comentário rabínico, desceu do lugar da Shekhinah, ou Presença Divina, para manifestar abaixo o Espírito da Divindade. Kabbalisticamente, essa é a Graça da forma como ela desce do lugar de encontro dos três Mundos superiores para aquele em que se conectam os três Mundos inferiores. Ao contrário daqueles que o acompanhavam, apenas Moisés foi capaz de perceber que a sarça ardente se consumia. Quer dizer, ela se recriava enquanto ardia; o nível espiritual, aquele da Criação, é o ponto de encontro entre Deus e o homem.

Quando Moisés virou-se para ver esse evento miraculoso, ELOHIM chamou-o pelo nome do meio da sarça (que é considerada pelos rabinos como a forma mais inferior daquela espécie de vida vegetal, indicativa de que a Presença Divina está em qualquer lugar). A utilização do nome de Moisés é crucial, porque ele fala de um elevado nível de individualidade que é necessário alcançar, para que se possa habilitar à experiência da revelação. Moisés respondeu: “Eis-me aqui”, ou seja, ele estava totalmente presente. Esse fato é muito importante, pois muitas pessoas que experimentam tal momento afundam, tomadas pelo pânico, em um estado inferior de consciência, e mesmo na inconsciência. Deus então instruiu Moisés para não chegar perto demais, mas que tirasse os sapatos porque se encontrava em

“Adamat Kodesh”, “Solo Sagrado”. A palavra hebraica ‘kodesh’ também quer dizer ‘aquilo que é separado e especial’. Em outras palavras, o lugar não era de terra comum. Era o nível mais alto de experiência física. Isso corresponde ao Keter, ou Coroa da Árvore Física, que encontra o Tiferet da psique e o Malkhut, ou Reino, do Espírito, no Self. Aí Deus diz: EU SOU o Deus de teus pais (Amram e Jocabed), o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”. Ou seja, Yesod, Hesed, Gevurah e Tiferet, ou o ego que reteve sua memória do Divino e a tríade da Alma. Com essa introdução à Divindade, Moisés cobriu o seu rosto “Ki yaray mahabeet el Ha-ELOHIM”, “porque temia olhar para Deus”.

A tradição oral insere entre este momento da chegada à Divina Presença e de Deus falando acerca da aflição dos filhos de Israel, uma narração sobre a subida de Moisés aos Mundos superiores, onde lhe foi mostrado o esquema Divino das situações. Enquanto esse material desce até nós em fragmentos apócrifos escritos em grego ou aramaico no primeiro século da nossa era, sua substância é possivelmente muito mais antiga. Nela, Metatron, aliás, o referido Henoc, o Anjo da Presença, na Coroa da Criação, eleva Moisés até Beriah, o Mundo do Puro Espírito, acompanhado por milhares de seres celestiais à sua esquerda e à sua direita, para protegê-los contra as enormes forças cósmicas que funcionam na Criação. Para a viagem Moisés é temporariamente transformado em um estado ígneo, para poder se movimentar livremente no mesmo nível de Metatron através dos Mundos superiores. A conversão da sua carne em fogo também indica um estado de iluminação.

Durante essa ascensão, a Moisés foram mostrados o Purgatório e os seus diversos graus de punição, e o Paraíso e os seus tronos de recompensas. Ele viu a beleza sobre-humana do Éden e do Céu, e experimentou o profundo êxtase que está reservado àqueles que desempenham o trabalho espiritual. Foi-lhe mostrado o desenrolar do plano Divino, a história de Israel, a construção, destruição e ressurgimento do Templo, e a chegada do Messias no fim dos tempos. Foi informado do propósito de sua vida e de como continuaria a ensinar, mesmo depois de sua morte terrena.

Tais momentos de revelação não são desconhecidos para acompanhar profundas iluminações interiores. Subitamente, ao

chegar à Presença do Divino, no Self, o ser do indivíduo é elevado, por um período que pode variar de alguns segundos a vários dias. Durante esse tempo, a consciência é alçada do mundano para galgar o pináculo da experiência humana encarnada, na Coroa da Árvore psicológica, que é, simultaneamente, o Tiferet da Árvore da Criação e o Malkhut de Atzilut, o Mundo Divino da Emanação. Aqui, a pessoa vislumbra a Criação e vê o seu funcionamento através dos Mundos inferiores. Existem muitas narrações desse tipo de experiência nas literaturas judaica, cristã e maometana. Tanto a Revelação de São João quanto a Jornada Noturna ao Céu, de Maomé, descrevem tais excursões interiores. Tempo e espaço mudam de dimensão, e o fenômeno do mundo físico empalidece, em comparação com a riqueza e o poder dos Mundos superiores, quando a visão estende-se em todas as direções, inclusive ao passado remoto e ao futuro distante. É frequentemente comparado a estar-se no alto de uma montanha e ver, em um só relance, abaixo, todos os acontecimentos que já ocorreram e ainda estão por ocorrer. Foi no alto dessa montanha Sagrada que Moisés se postou e ouviu a voz de Deus falar dos filhos de Israel na escravidão, abaixo, no Egito.

## MOMENTO DE DECISÃO

### ÊXODO 3-4

Até aqui vimos os processos de encarnação, o começo da vida, a insatisfação com os prazeres e as dores naturais, e a tentativa para fugir para o Limbo, seguidos pelo contato com um mentor espiritual. Isso levou o indivíduo a um árduo treinamento, que lhe outorgou o mérito de habilitar-se a obter um lugar e uma ocasião onde a Graça desce para dar um vislumbre de uma visão cósmica da realidade. Tal momento de iluminação não pode ser facilmente esquecido ou ignorado. Não obstante, em virtude de o livre-arbítrio haver sido concedido à humanidade, um ser humano pode aceitar ou rejeitar o seu destino.

“Então Moisés cobriu o rosto porque temia olhar para Deus.” Deus agora falou, dizendo que o clamor dos israelitas fora ouvido, e como o Divino havia descido para libertá-los e fazê-los subir do Egito para uma terra de onde emana leite e mel. Vista internamente, essa passagem está dizendo como o indivíduo está para ordenar e transformar o seu corpo e a sua psique, para assim experimentar permanentemente o Espírito. Olhando-se externamente, a Moisés está prestes a ser dada a tarefa altamente responsável de trazer um grupo de almas, de um estado inferior do ser para o degrau mais elevado que a maioria das pessoas pode alcançar na duração de uma vida. O papel que lhe foi dado desempenhar está explícito no versículo: “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o povo, os filhos de Israel”. Vê-se aí que a tarefa foi oferecida, não forçada, porque tem que ser um ato de livre-arbítrio. Em resposta, o atordoado Moisés replicou: “Quem sou eu para ir ao Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?” Moisés não podia acreditar que fora escolhido; que o Divino o estava destinando, que o seu nível de desenvolvimento fosse suficiente, ainda que para ser considerado para a tarefa. A réplica é (no hebraico original) “Kee EHEYEH

imchah”, “Eu ESTAREI contigo”. Segue-se então um diálogo entre Deus e Moisés, sobre as razões pelas quais ele deveria ou não ir.

Esse debate é importante, pois demonstra muito claramente a certeza Divina e a dúvida humana. Cada vez que Deus apresenta uma razão para aceitar, Moisés faz uma contraposição. Deus argui suave, mas firmemente, jamais ordenando a Moisés a condescender tendo em vista o poder Divino, pois o seu relacionamento é tanto de amor quanto de temor porquanto Moisés, encontrando-se no lugar do Self, está equilibrado entre as duas colunas laterais, no eixo central do Conhecimento. Isso é confirmado quando Moisés pergunta qual Nome DIVINO deveria usar. Em primeiro lugar é utilizado o Nome de Deus para o Sefirah mais elevado de toda a Escada de Jacó. E “EHEYEH ASHER EHEYEH”, ou “EU SOU AQUELE QUE E”, que define a Vontade do Absoluto no Universo Manifesto. Poucas linhas depois, o Nome de Deus IAHWEH é usado como um título mais pessoal e misericordioso para os filhos de Israel. Isso era para tornar o Nome de Deus lembrado para sempre. Em termos individuais, aqui está o Divino mantendo contato íntimo com um ser humano. Por esse nome a pessoa pode chamar o Absoluto, ao alto, e trazer todas aquelas partes da sua psique, representadas pelos filhos de Israel, para um relacionamento correto com o Divino.

Enquanto Deus explica a um atônito Moisés a tarefa que estava diante de ambos, são-nos mostradas às possibilidades da cooperação consciente entre Deus e o homem. Moisés tem o cenário do Êxodo apresentado diante de si, porque tudo, exceto os detalhes, já se encontra concatenado. Portanto, a resistência do Faraó é antecipada, como o são as pragas e a partida do Egito, com os israelitas sobrecarregados de opressão pela população egípcia. O motivo desse planejamento é cósmico, no qual o contexto histórico do evento demonstrará a muitas gerações vindouras o poder da Vontade Divina, se Deus decidir intervir nos assuntos da humanidade. Foi por essa razão que Israel foi escolhido para lhe ser dada a Lei e viver o seu destino como nação. O mesmo princípio aplica-se no nível individual, em que a vida espiritual de uma pessoa está frequentemente sujeita tanto à boa quanto à má sorte, com a finalidade de mostrar aos demais como responder à

sina, de acordo com valores internos, porque tais pessoas estão sendo sempre observadas com grande interesse, para ver se elas vivem segundo os seus princípios. Isso explica como muitos indivíduos santificados sofreram tanto em condições nas quais aparentemente não estavam prestando um desserviço, e como eles caíram mais duramente ao desobedecerem às regras.

Para ajudar a convencer Moisés e converter os israelitas descrentes da sua autoridade, o Divino demonstrou os milagres de transformar a vara de Moisés em uma serpente e tornar leprosa a mão do mesmo. Kabbalisticamente, essa é a Vontade Divina aplicando os princípios Criativos para revogar as leis dos Mundos da Forma e da Matéria. Contudo, enquanto Moisés se encontrava profundamente impressionado, ainda resistia à implementação das tarefas, argumentando que não era suficientemente eloquente. O problema foi resolvido ao lhe ser trazida a situação de Aarão que, na sua qualidade de irmão de Moisés, poderia complementar o seu trabalho. Começamos aqui a ver de que forma Moisés assume a sua posição kabbalisticamente tradicional, como o Netzah da Árvore Psicológica, com Aarão como Hod. Esses são os papéis da Profecia e do Sacerdócio, manifestando-se no nível do homem comum.

Moisés de fato aceitou a missão, mas o seu papel, de instrumento da Vontade Divina, não foi assumido com entusiasmo. Tal relutância em desempenhar o destino pessoal é muito familiar a muitos que tenham alcançado esse ponto espiritual. Até esse momento, a vida é muito interessante. Estuda-se a teoria do Ensino esotérico e efetuam-se as suas práticas. Tudo está indo bem, em um lento processo de crescimento, que pode ser acomodado. Certamente existem crises ocasionais, mas que são usualmente superadas com o auxílio do instrutor. Subitamente o instrutor não pode mais ajudar. Somos colocados face a face com a confrontação do Eu com o Tu, e o reconhecimento do nosso propósito de existir. Tal momento aconteceu com Moisés na sarça ardente, e ele, relutantemente, voltou o seu rosto em direção aos Mundos inferiores, onde o seu trabalho o aguardava. Para o indivíduo que chegou a esse ponto, tal estado é familiar porque, repetimos, sempre acredita que está pronto quando chamado para assumir o seu destino.



## MOMENTO DE HESITAÇÃO

### ÊXODO 4

Antes de Moisés regressar ao Egito, dirigiu-se a Jetro e formalmente pediu-lhe que o liberasse do seu contrato. Esse é o procedimento normal quando um discípulo deixa o seu mestre. Segundo a tradição, Jetro disse: “Ide em paz, entre em paz no Egito e deixe em paz a terra”, pois ele sabia que a tarefa de Moisés era ajudar a redenção daqueles que se encontravam escravizados, e trazê-los para a Montanha Sagrada. Acrescenta a tradição oral que Moisés partiu para o Egito no mesmo jumento que levou Abraão ao monte Moriá, que quer dizer, segundo alguns, “a visão de IAHWEH”. Esse mesmo jumento, embora sendo o mais ignorante dos animais, de acordo com a tradição, teria conhecimento da presença do Messias antes de Israel, e o conduziria, no final dos tempos, a Jerusalém.

No caminho de descida para o Egito, aconteceu um incidente, o mais curioso, que é lembrado em Êxodo 4,24-27. Nele, Moisés que conduz “Et matay Ha ELOHIM”, o bastão dos ELOHIM em suas mãos descansa em uma pousada. Neste ponto, a escritura diz que IAHWEH encontrou Moisés e ameaçou matá-lo. Esse incidente intrigou muitas pessoas através dos séculos. Por que Deus tentaria matar Moisés depois de tanto trabalho investido nele? A resposta é simples, se a pessoa tiver testemunhado um acontecimento semelhante na vida, homem ou mulher, que soubesse melhor negligenciar deliberadamente na condução do seu compromisso espiritual. Tais pessoas, e isso verdadeiramente acontece, são rebaixadas, depois de diversos avisos da Providência, daquele nível de trabalho espiritual. Elas ‘morrem’ para suas possibilidades evitando-as. No caso de Moisés, a sua considerável relutância em ir para o Egito reafirmou-se, e ele permaneceu demasiadamente na hospedaria, praticando um ato de frouxidão da vontade. Isso criou uma situação na qual o Divino confrontou-o e ameaçou a sua linha de vida espiritual. Nesse instante, a esposa de

Moisés, com a circuncisão do filho, relembrou-lhe a Aliança feita com os antepassados, referente ao seu relacionamento com Deus e o seu próprio compromisso em particular. Ela atirou o prepúcio aos pés de Moisés (Êxodo 4,26), e disse-lhe: “Tu és para mim um esposo de sangue”. Essa áspera lembrança da interconexão entre o corpo, a alma e o espírito, produziu o efeito desejado, e a doença de Moisés, segundo a lenda, começou a sarar. Vai adiante à escritura: “Vayiref Mimenu”, “Então, ele o deixou (ou retirou-se dele)”. Ou seja, o Senhor há muito desejava punir Moisés. De acordo com o folclore judeu, Moisés estava quase sendo consumido pelos anjos do Julgamento e da Morte, quando Séfora o libertou.

A partir desse desleixo dramático, a narrativa estende-se até o Egito, a Aarão, que é informado por Deus da chegada de Moisés. E assim, Aarão sai para o deserto, ao encontro do irmão. Eles encontram-se “Ba Har ELOHIM”, na “montanha de Deus” (Êxodo 4,27). Quer dizer, a parte de um indivíduo que cresceu, mesmo dentro da rotina da vida cotidiana, vem ao encontro da parte de si mesmo que se desenvolveu sob disciplina. Isso acontece no estado de autoconsciência psicológica, acima das encostas da montanha de Deus. E a zona que fica entre o Espírito e a psique, onde os dois irmãos se unem e trocam suas experiências dos Mundos superior e inferior. Após a sua reunião, descem para o Egito e dirigem-se aos anciãos dos filhos de Israel. Isso significa que o conhecimento mútuo acerca dos mundos interior e exterior é trazido para a consciência do ego, e mostrado às partes mais amadurecidas da psique inferior. Aqui, o articulado Aarão de Hod explica todas as palavras de Deus ditas a Moisés, enquanto este, no Sefirah ativo de Nezah, demonstra, no pilar da Profecia, os sinais miraculosos do bastão-serpente e da mão leprosa.

Porque as pessoas realmente viram e sentiram os milagres, elas, ou a psique presa ao corpo que representavam, acreditaram que o Senhor “os havia visitado”, ou estavam cômicos de sua condição aflitiva e, portanto, prostraram-se. A razão fisicamente baseada e as tríades das sensações e dos sentidos que circundam a mente-ego na Árvore Psicológica são facilmente impressionáveis pelo sobrenatural, mas isso também serve para demonstrar a diferença entre a crença e a fé. Pode-se acreditar sem conhecer o que se viu, o que não é a mesma coisa que a fé, a qual requer um conhecimento verdadeiro. Isso será comprovado

posteriormente, outra e outra vez, quando os israelitas recaem na descrença na incompreensão acerca do significado da sua jornada.

Nesse ponto, o miraculoso aparece para mostrar, em uma psicologia fundamentada nos sentidos, que existem outras dimensões e esperança de auxílio. Contudo, a redenção não é tão instantânea como muitas pessoas subitamente convertidas gostariam de acreditar. Embora a Graça possa oferecer um vislumbre de outros Mundos, ela não transformará o ser de uma pessoa, a menos que tenha havido uma grande parcela de preparação. No caso dos israelitas, ela era pouca ou nenhuma: apenas existia a lembrança de uma promessa acerca de uma Terra distante.

Esse resquício da Aliança, profundo dentro da psique de cada um, é belamente ilustrado na história rabínica dos sinais que Jacó transmitiu a José para reconhecer o Redentor. Essa peça do conhecimento foi passada para uma sobrinha, Sara, que ainda estava viva. Os anciãos consultaram-na acerca de Moisés e ela confirmou que esses eram de fato os sinais de que lhe havia falado o seu pai. A tarefa seguinte, todavia, não seria tão fácil, porque, enquanto os anciãos da psique inferior viam a possibilidade de redenção, eram demasiadamente fracos para acompanhar Moisés e Aarão no confronto com o Faraó, Senhor do corpo.

---

AÇÃO

---

## PRIMEIRA REAÇÃO

### ÊXODO 5-6

Conta-nos a lenda que quando Moisés e Aarão aproximaram-se do Faraó era o seu aniversário. Por causa disso ele estava cercado por todos os seus súditos e administradores de todo o mundo então dominado pelo Egito, que vieram à corte para render-lhe homenagem. Portanto, ele ficou muito surpreso quando ouviu os dois hebreus que não lhe trouxeram nenhum presente. Em decorrência, mandou que esperassem até que se dispusesse a recebê-los. Embora o Talmud descreva o palácio do Faraó como uma fortaleza na qual ninguém poderia entrar, a dificuldade foi facilmente superada por Moisés e Aarão, com o auxílio do arcanjo Gabriel. Depois de rejeitar os dois, o Faraó puniu os guardas e baixou novas ordens, mas o fato aconteceu outra vez. Na ocasião, quando Moisés levantou o seu bastão, os dois ferozes leões colocados na entrada da corte saudaram mansamente os irmãos e se reconheceu, então, que os hebreus não eram pessoas comuns.

Visto kabbalisticamente, isso é a penetração do corpo e da psique inferior pela presença do Conhecimento Espiritual. Todos os padrões físicos e psicológicos normais são superados e frustrados quando apresentados sob uma realidade superior. Tal situação é amplamente ilustrada na lenda que descreve como a corte se encontrava assustada com a estranha luz irradiada pelos semblantes dos hebreus, que os escribas egípcios derrubaram os seus livros e curvaram-se ante uma verdade mais profunda.

Entretanto, o Faraó estava cego, na sua visão sensual; pois quando lhe foi pedido para permitir que os israelitas fossem ao deserto de acordo com as suas necessidades, a fim de fazer sacrifícios ao Senhor, ele perguntou: “Qual é o nome do seu Deus? Que terras Ele possui? Qual é o seu poder? Que vitórias já obteve?” Eis o ego, reduzindo tudo à sua própria experiência sensual. Moisés respondeu que o Céu era o Trono de Deus e a

Terra o seu estrado, as nuvens o seu escudo e o relâmpago a sua espada; que Deus criou o Universo e fez os espíritos e as almas, e alimentou e mantinha toda a Existência. O Faraó replicou que não precisava de Deus, que ele se criara a si próprio e era o dono do Nilo, a fonte de toda a vida no Egito. Assim é com a pessoa fisicamente centrada, incapaz de aceitar qualquer coisa além da matéria. Para tal indivíduo egocêntrico, a matéria cria o cérebro e este cria a mente, sobre a qual reina a sua vontade.

Entretanto, o Faraó, agindo coerentemente com a sua compreensão literal de tudo, mandou os seus escribas procurarem nos arquivos (ou seja, da mente ordinária), para ver se poderiam encontrar o nome do Deus dos hebreus. Essa atitude foi considerada fútil por Moisés, observando que era “buscar um vivo entre os mortos”. Aí está uma situação experimentada frequentemente pelos espiritualmente orientados, quando em confronto com os letrados, que buscam autoridade em livros e na experiência dos outros.

Essa observação de Moisés acerca da inteligência limitada do ego, não bastou para assegurar o atendimento do pedido hebreu; o Faraó instruiu aos seus oficiais para aumentarem as tarefas dos israelitas e, até mesmo desprovê-los dos materiais para a fabricação de tijolos. A reação do ego a qualquer atentado à sua autoridade, confortos e desejos, é de suprimir ferozmente a psique escravizada. Compreensivamente, os israelitas protestaram junto a Moisés, pois até a pequena liberdade que desfrutavam estava sendo agora reduzida.

Moisés abordou Deus com a pergunta acerca da razão de as coisas estarem se tornando mais difíceis (uma situação não desconhecida no começo do trabalho espiritual). A resposta foi dada (Êxodo 6,1): “Agora, verás o que hei de fazer a Faraó, pois é pela intervenção de mão poderosa que os fará partir (...)”. Ou seja, as condições para uma confrontação dinâmica estavam sendo criadas, por meio das quais o poder considerável do corpo seria forçado a permitir à psique o seu impulso inicial em direção à jornada do espírito. No desenvolvimento individual, tal ocorrência acontece frequentemente, quando a preguiça física e a inércia psicológica são sobrepostas pela simples inaceitabilidade de uma situação. Alguma coisa tem de ser feita para sair de uma rotina opressiva, ou escapar das fantasias de uma vida melhor.

Neste ponto do mais profundo desespero de Israel, a Bíblia fala novamente da Aliança com os três Patriarcas. Aqui, a escritura diz que a tríade da alma, composta por Abraão, Isaac e Jacó, conhece Deus pelo nome EL SHADDAI, que é o DEUS TODO-PODEROSO, mas não “pelo meu nome IAHWEH”. O Nome Divino dado a Moisés na Montanha Sagrada, estabelece uma conexão direta entre os filhos de Israel e o Criador. A implicação disso é enorme no nível individual, pois se esse nome especial for chamado em oração, então o Divino manterá uma conversa direta. Além desse contato íntimo entre o indivíduo e Deus, há a oferta de redenção continuamente repetida na Bíblia. Contudo, os padrões habituais da psique levam à letargia e à descrença, simbolizadas no colapso moral dos israelitas face à crescente pressão egípcia. Um Moisés desesperado pergunta a Deus: “Eis que os filhos de Israel não têm ouvido. Como então, me ouvirá Faraó?”

## 10

### FENÔMENOS

#### Êxodo 6-7

Na parte final do capítulo 6 do Êxodo encontra-se a linhagem das 12 tribos. Isso nos lembra que a saída do Egito está baseada em uma saga tribal, que tem sido adaptada a esse propósito, pois é preciso recordar-se que os escribas sacerdotais não estavam tão preocupados com o fato histórico, na sua condição de mitologias vivas que interligam os Mundos interior, exterior, superior e inferior, os quais fazem ecoar episódios na vida de um indivíduo iniciando o trabalho espiritual.

Êxodo 7 começa: Iahweh disse a Moisés: “Eis que te fiz como um deus para Faraó, e Aarão, teu irmão, será o teu profeta. Falarás tudo o que eu ordenar; e Aarão, teu irmão, falará a Faraó, para que deixe partir da sua terra os filhos de Israel. Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei no país do Egito os meus sinais e os meus prodígios”. Com essas linhas espantosas, o Criador do Universo Fala a um mortal sobre um plano que fora elaborado com a finalidade de demonstrar a presença de um poder maior do que qualquer outro conhecido na terra, ou mesmo nos céus. A redenção de Israel através de uma série de acontecimentos miraculosos haveria de marcar o nascimento de uma nação escolhida para mostrar a Vontade Divina em ação, seja ela de recompensa ou de punição, ou de liberdade concedida pela Graça. Assim acontece com um indivíduo nesse estágio de desenvolvimento. E neste ponto que acontecimentos dramáticos, internos e externos, abalam e modificam os padrões e o curso de sua vida.

Quando Moisés e Aarão retornaram à presença de Faraó para pedir-lhe permissão para a saída dos israelitas, praticaram o milagre da transformação da vara em uma serpente. Diz o folclore judeu que o mago Balaão encontrava-se presente na corte e expressara a opinião de que Moisés e Aarão eram mágicos. O Faraó ordenou então aos sacerdotes egípcios que duplicassem a



performance com os seus bastões, o que foi feito. A serpente dos hebreus, no entanto, devorou as cobras egípcias; o Faraó estava decepcionado, mas Balaão desmereceu o evento, dizendo que era da natureza das serpentes devorarem-se entre si.

A narração acima nos fala de que ao Divino pode-se opor o poder oculto, que é a vontade humana manipulando o Mundo Psicológico da Formação. Portanto, um mestre como Balaão, ou mesmo qualquer um bem treinado em uma escola de magia, seria capaz de operar naquele reino, fazendo aparecer e dissolver formas, à vontade. Os adeptos egípcios podiam utilizar-se da parte sutil do Mundo físico superior quando o desejassem, e agir sobre os sentidos, bem como sobre o nível psicológico dos espectadores, para que assim eles percebessem uma forma colocada à sua frente. Moisés e Aarão, ao contrário, encontravam-se sob a obediência da Vontade de Deus. Eram agentes do miraculoso. A palavra milagre é crucial: em hebraico é **'Mofat**, traduzida pelos rabinos como 'maravilha'. Não pertence ao Mundo das Formas Yeziráticas, mas à criação, que é cósmica, sendo, portanto de uma ordem diferente. Isso é comprovado na devoração das cobras egípcias pela serpente Divina.

Balaão não pode enxergar adiante da sua própria vaidade, e explica o episódio, mais para justificar a si mesmo do que para desculpar o erro egípcio. O Faraó, todavia, recorda a fábula, achava-se profundamente impressionado, especialmente quando observou que a vara de Aarão, ao reassumir a forma original, não apresentava nenhum indício de que havia engolido as outras varas. O poder dos hebreus era claramente maior. Contudo, ele diz: "Vocês me pediram que apenas uns poucos milhares de pessoas saíssem, e eu concordei. Mas para todos, não". Embora concedesse um pouco, movido pelo temor supersticioso, ele não podia permitir que o seu domínio fosse contestado.

O significado do confronto entre a mágica e o milagre na evolução do indivíduo é que durante esse período do desenvolvimento existe frequentemente um encontro com tais fenômenos. À primeira vista o olho destreinado não é capaz de estabelecer a diferença, pois ambas as classes são consideradas como sobrenaturais. Portanto, muitos se equivocam inicialmente com os poderes ocultos de pessoas que cultivaram tais habilidades, como sendo sinais de desenvolvimento espiritual. Existem magos

espirituais, mas eles são raros, porque a magia é mais frequente do que a posse de estranhos poderes e do que o serviço ao Divino. A marca característica do milagre é que ele não se origina de um ser humano. Pode se manifestar através de uma pessoa, mas esta é meramente o canal da ação criativa. Contudo, tais instrumentos humanos possuem usualmente um elevado grau de pureza, ou o espírito descendente não fluirá através daquele ser. A qualidade cardinal do milagre é a dimensão cósmica, e o seu lugar em um grande projeto. Os milagres são frequentemente praticados com a finalidade de demonstrar algum princípio universal, ou para clarear o caminho para algum grande acontecimento que afetará a vida espiritual daquela pessoas ou de muitas pessoas para sempre. O episódio das deusas pragas está nesse caso.

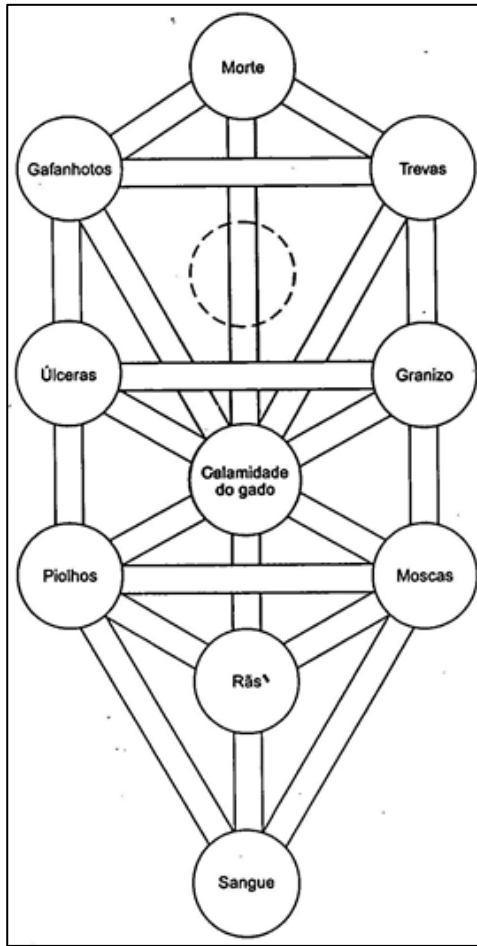
## RESISTÊNCIA FÍSICA

## ÊXODO 8-9

De acordo com a tradição rabínica, as dez pragas estavam divididas em quatro estágios. Três delas foram implementadas por Aarão, três por Moisés, uma conjuntamente pelos dois, e as três últimas diretamente pela intervenção Divina. Visto kabbalisticamente, isso pode ser encarado como os quatro Mundos, os pilares esquerdo e direito, o pilar central e a tríade suprema no topo da Árvore das Dez Pragas. Além disso, os rabinos veem as pragas de Aarão como relativas à terra e à água, enquanto as de Moisés estão ligadas ao ar e ao fogo. Tal interpretação é ainda uma visão dos quatro níveis da Existência.

A primeira praga, do rio transformado em sangue, foi infligida diretamente após a terceira vez que o Faraó foi solicitado a permitir a saída dos israelitas. Isso descreve um outro fenômeno esotérico: quando a Providência está prestes a fazer alguma coisa, ela em primeiro lugar insinua, depois indica fortemente, antes de que o ato final daquilo que está para vir, aconteça. Assim sucedeu com o Faraó, que após a terceira oportunidade ignorara que as pragas haviam começado.

Durante toda uma semana os egípcios testemunharam a presença da morte, através dos excessos de sangue, o símbolo da vida. O Nilo, a principal artéria de suas vidas, exalou o mau cheiro de peixe morto, e suas águas ficaram poluídas por todo o país. O significado disso é que a vitalidade do mundo físico virou pelo avesso apenas para revelar o quão vulnerável era o reino natural, quando um desequilíbrio da vida tornara-se mortal para si próprio. Apesar dessa lição, o Faraó permaneceu obstinado. Portanto, mesmo quando está ferido, o corpo ainda permanecerá apegado à psique e não se deixará ir além do seu regente físico.



**Figura 9. As dez pragas.** Postas na Árvore, as pragas caracterizam as qualidades negativas dos Sefirot. A raiz hebraica para sangue, por exemplo, é a mesma para terra. Suas propriedades geradoras de vida são aqui feitas perversas. Os pilares esquerdo e direito são excessivos em ambas as direções, como as úlceras e o granizo, constituindo-se respectivamente em um aperto supercontrativo e um sopro superexpansivo. A calamidade do gado é uma perda básica de vitalidade, enquanto que a morte, na Coroa, extingue o Primeiro nascimento e ligação com os Mundos superiores.

A segunda praga, das rãs surgindo do rio para infestar o país, representa o movimento da ação, partindo do Sefirah mais baixo, Malkhut, em direção a Yesod. Aqui, a imagem Yesódica da rã aflige os egípcios com a desagradável experiência de sujeira em tudo o que tocavam. De fato, tão nociva era a sua presença que o Faraó disse que se as rãs voltassem ao seu habitat natural ele deixaria os israelitas partirem. O pedido foi atendido, mas o Faraó mudou a decisão logo que o constrangimento abandonou o país. Essa é uma característica de uma decisão baseada nos sentidos; quando a pressão desaparece, o corpo tem uma memória muito curta.

A mudança de ideia do Faraó foi influenciada pelo fato de que os magos egípcios seriam capazes de reproduzir as duas primeiras pragas, como qualquer ilusionista de festa pode replicar a aparência de fenômenos mágicos. Entretanto, a terceira praga, a dos piolhos, não poderia ser reproduzida, e os magos declararam que ali havia, verdadeiramente, o dedo dos ELOHIM, os Deuses. A despeito desse recuo, o Faraó não deixaria os israelitas partirem, e assim todo o Egito foi infestado pelos piolhos, que fervilharam em cima dos homens e dos animais. Tal situação revoltante, no nível individual podia assemelhar-se a um Hod aflito, ou a processos mentais em que a precisão desse Sefirah encontra-se desfigurada na sua função, produzindo, assim, desordens psicossomáticas.

Quando o pedido de Moisés foi mais uma vez rejeitado, a praga das moscas, ou dos animais selvagens segundo a tradução de alguns, teve início. Ela pode ser vista como um Netzah superativo, ou enxames prolíficos de vida animal alcançando todas as partes do organismo. A ruptura da vida egípcia obrigou o Faraó à ação, e ele pediu a Moisés que fizesse desviar o castigo, especialmente quando observou que os israelitas na terra de Gessem não foram de nenhum modo afetados pela praga. Isso indica o princípio da separação do corpo e da psique, o que é confirmado no versículo do Êxodo 8,19: “Eu distinguirei entre o meu povo e o teu povo!” Disse o Faraó: “Ide, ofereci sacrifícios ao vosso Deus nesta terra”. O corpo, ainda atado firmemente à psique. A confrontação intensificou-se quando Moisés insistiu, porque sabia que os egípcios se tornariam violentos se os israelitas fossem diretamente ao deserto para praticarem o seu ritual. O Faraó, desesperado,

acedeu à condição, mas dizendo: “mas não deveis ir muito longe”. A alma animal ainda segurava firme. Nos últimos versículos do Êxodo, capítulo 8, Deus aconselha Moisés a não permitir ao Faraó qualquer campo de manobra. Isso acontece quando a disputa chega à posição de Tiferet, o lugar da Verdade, na Árvore das Pragas. Neste ponto, a Vontade de Deus está claramente estabelecida para o corpo deixar a psique libertar-se da escravidão e capacitar-se à adoração. Caso essa recomendação seja recusada, então todas as funções vitais no corpo ficarão sob pressão para fazê-lo perder o seu fraquejante aperto, simbolizado na narração de que nenhum animal de Israel fora atingido pela terrível praga que se abateu sobre os rebanhos egípcios. Ainda assim o Faraó permaneceu inflexível, como o faz frequentemente a alma animal, face aos acontecimentos demasiadamente grandes para serem por ela apreendidos.

As duas pragas seguintes, a das úlceras e a do granizo, relacionam-se a Gevurah e a Hesed, e seguem os aspectos negativos desses dois Sefirot, nos quais as úlceras se constituem em uma forma concentrada, e o granizo a força incontrolável dos respectivos princípios. Essas duas manifestações abateram-se sobre os egípcios com tal força, que mesmo os magos, que até então puderam proteger-se, foram por elas atingidos, enquanto os israelitas permaneceram imunes. Tudo no Egito estava exausto, queimado ou arruinado, até a vontade sensual representada pelo Faraó, curvado sob a fúria circundante, pediu que as pragas terminassem, prometendo em desespero Libertar Israel. Eis uma situação familiar, em ocasiões de grande tensão, quando o corpo é capaz de prometer tudo para sobreviver. No instante em que as pragas foram removidas, o Faraó, mais uma vez, reverteu às atitudes anteriores, igualmente ao que o fazem as pessoas depois de uma crise. Mas esse adiamento não era o fim da questão, pois ele ainda não haveria de admitir que os filhos de Israel deixassem a Terra da Constrição.

RUPTURA

ÊXODO 10-12

Antes de Moisés e Aarão aproximarem-se do Faraó pela oitava vez, o Senhor disse-lhes: “(...) Pois lhe obstinei o coração e o coração dos seus servos, para que eu faça estes meus sinais no meio deles e para que narres aos teus filhos e aos filhos de teus filhos como zombei dos egípcios e quantos sinais fiz no meio deles; para que saibais que eu sou Iahweh”. A escala dessa passagem fala da majestade do Criador do Universo e o efeito sobre a história humana da intervenção Divina, capaz de suplantar o mundo das leis naturais. Sobre o nível individual, o efeito de uma tal intrusão em uma existência rotineira usualmente abala a pessoa de forma profunda, fazendo-a sair dos seus hábitos e abrindo-a a questões tais como acerca do significado da vida. Qualquer um no caminho interior conhece pelo menos um milagre na sua vida que o tenha despertado do Sono espiritual. Em uma escala nacional, Israel, nesse trecho do Êxodo, está prestes a atingir tal ponto de despertar.

Quando Moisés e Aarão, representando as partes até então desenvolvidas da psique, postaram-se ante o Faraó, a alma animal, e repetiram as palavras do Senhor, “Até quando recusarás humilhar-te perante mim? Deixa o meu povo partir, para que me sirva”, a princípio o Faraó acedeu. No entanto, entendendo que o pedido referia-se ainda a todos os israelitas, mudou a decisão e fez com que os irmãos se retirassem da sua corte (ou consciência). Tal reação provocou o seu resultado, Os gafanhotos que se abateram sobre o Egito começaram a devorar o restante das riquezas e recursos que haviam sido deixados pelas outras pragas. Em pouco tempo não havia mais verde no país; ou seja, a alma vegetal básica, que dá suporte a alma animal, estava arrasada. A nona praga, a das trevas, desceu então sobre o Egito exceto para a terra de Gessem.

Vistos kabbalisticamente, os gafanhotos representam a destruição do Binah, ou o sistema de forma vital do Egito

enquanto que a escuridão é a mutilação do Hokhmah, ou a força vital. Assim, no período das trevas nenhum egípcio se mexeu, o que durou três dias. Isso provocou uma situação de total paralização, tanto para o nível vegetal quanto para o animal do Egito, fazendo com que o Faraó fosse forçado a convocar Moisés e dizer-lhe que pegasse os israelitas e fosse com eles adorar o Senhor. Entretanto, isso só poderia ser feito com a condição de os rebanhos serem deixados para trás; quer dizer, a riqueza ou a vitalidade natural dos israelitas deveria permanecer no Egito. Moisés afirmou que Israel precisava dos rebanhos para alimento e para o sacrifício, mas o Faraó reagiu, como só pode fazê-Lo a alma animal acometida de pânico, desfez todos os compromissos levado pela sua mente confusa, e ameaçou de morte, caso visse Moisés mais uma vez. Moisés respondeu-lhe gravemente dizendo: “Tu o disseste; nunca mais tornarei a ver a tua face”.

Em preparação para a separação das duas nações, ou níveis, o Divino instruiu Moisés a aprontar os israelitas para a partida. Eles deveriam aproximar-se dos egípcios e pedir-lhes as suas joias e o seu ouro, ou seja, as riquezas do Mundo físico. Estavam então nos preparativos da Páscoa, que era um ritual especialmente projetado para aproximar o povo ou os diferentes aspectos da psique, em um todo coordenado, tornando assim essa ocasião momentosa em uma iniciação profunda. O paralelo individual é frequentemente o mesmo, quando algum ato ritual é praticado para marcar uma mudança de estado. Em algumas tradições existem cerimônias elaboradas, em outras um gesto simples, mas poderoso indicativo da passagem da escravidão para a liberdade.

A forma do ritual da Páscoa é descrita detalhadamente na Bíblia. No começo é vista como ocorrendo no primeiro mês do ano, e no décimo dia, ou seja, no princípio de um novo ciclo e depois de os dez primeiros estágios de preparação Sefirótica encontrarem-se completos. Nesse dia, um cordeiro sem manchas é levado para casa e mantido pela comunidade até o décimo quarto dia, que significa a metade de um ciclo Yesódico ou lunar, quando então é abatido, no ponto crucial do escurecimento do ritmo diário. Embora tais instruções possam agora parecer primitivas aos nossos olhos, elas ficavam dentro do contexto de uma época que aceitava ideias esotéricas, sob a forma ritual dos costumes



locais. Portanto, o sacrifício do cordeiro simboliza a morte da vontade animal em Israel, e o seu sangue esfregado no limiar da porta simboliza o sinal exterior da realização. Era também uma proteção contra o anjo da morte, que estava para chegar ao país com a finalidade de tirar as vidas dos primogênitos dos egípcios e derrotar os deuses do Egito.

A narração detalhada do que se podia comer nessa última ceia no Egito é cheia de simbolismo, resguardado até os nossos dias em cada casa judia que celebra a Páscoa. Vejamos, por exemplo, o prato parecido com argamassa. Preparado com água salgada e ervas amargas, representa o trabalho árduo, as lágrimas e as asperezas daquele período. É um costume em que o folclore humano se apoia para lembrar a frouxidão dos egípcios, e muitos outros símbolos, tais como o pão ázimo e a raça de vinho dos anjos prometidos, agem como memorizadores desse estágio histórico e pessoal do desenvolvimento.

Talvez a instrução mais esotérica seja o método através do qual é tomada essa última ceia. Prossegue o texto: “É assim que deveis comê-lo: com os rins cingidos, sandálias nos pés e a vara na mão, comê-lo-eis às pressas (...)”. Hoje, a urgência nacional desapareceu na Páscoa, mas a implicação espiritual se faz evidente na cerimônia, onde cada pessoa deve se considerar como se fosse verdadeiramente um israelita, pronto para deixar a Terra da Escravidão.

Foi dito aos israelitas que se preparassem para a partida imediata, visto que a praga mais devastadora ainda estava por se abater sobre o Egito. A morte dos primogênitos era para separar a ligação entre o corpo e a psique. Por ocasião do choque, os egípcios estariam tão preocupados que haveriam de permitir a saída dos israelitas. No nível individual, um choque frequentemente libera a psique dos seus hábitos fisicamente constrangedores e precipita o movimento interior. Por conseguinte, quando o anjo da Morte houvesse destruído os primogênitos, o laço com o Egito estaria rompido e os israelitas poderiam levar com eles todas as suas posses.

Ao deixarem os israelitas à casa da Escravidão, os egípcios deram-lhes tudo o que desejavam, e mais ainda, para que pudessem se livrar deles antes que todo o Egito fosse destruído. No nível individual essa liberdade inicial é apenas o começo, pois

embora o corpo se tenha prostrado em submissão, a psique, igualmente aos filhos de Israel, ainda é nesse ponto uma turba tribal, ou uma coleção desorganizada de sensações, pensamentos e ações. A ordenação de tais elementos indisciplinados não é instantânea, nem é facilmente ignorada a determinação da alma animal depois que houver passado o choque da sua derrota.

## INÍCIO DA JORNADA

## ÊXODO 13-14

Com a finalidade de dar aos israelitas um profundo sentido de iniciação, foi-lhes outorgada uma série de regulamentos a serem cumpridos para sempre na noite de Páscoa. Tais práticas não são raras no estágio inicial de um caminho espiritual. Tomando o nível vegetal de atividade, a preocupação com a alimentação, a refeição de Páscoa foi transformada em um ritual que elevava o nível de qualquer um que dele participasse. Essa recordação anual do Êxodo destinava-se a ser particularmente relizada pelo primogênito da casa, não somente porque ele foi poupado pelo anjo da Morte, mas tendo em vista que o seu estado representa o princípio de uma nova geração, uma nova vida. De igual forma, a prática de comer pão sem fermento, durante sete dias, serve para lembrar a todos dos sete estágios da subida para fora da escravidão, ou seja, o domínio do corpo e do ego, a obtenção da voluntariedade, em seguida da vontade, a submissão da alma, o acesso ao espírito e o contato com o Divino. Aliás, esses degraus têm sido galgados na liturgia pascal.

Os filhos de Israel levaram consigo os ossos de José, conforme o seu pedido, para que pudessem ser enterrados junto com os antepassados na Terra Prometida. Esse é o afastamento simbólico do primeiro hebreu que se instalara no Egito. Com a remoção dos ossos, termina o processo de descida para a carne, e começa a ré ascensão. Em hebraico, essa volta é chamada de Teshuvah, que se assemelha no indivíduo ao princípio da redenção.

Antes dos acontecimentos narrados nas Escrituras, o folclore judeu relata uma tentativa anterior de alcançar a Terra Prometida, o que é instrutivo do ponto de vista individual. Contamos a tradição, que apareceu, na tribo de Efraim, filho de José, um homem que segundo ele Deus lhe dissera para liderar os israelitas na sua saída do Egito. Por serem de descendência aristocrática, em virtude da posição e da influência de José no Egito, os efraimitas resolveram que as demais tribos deveriam segui-los. Mas isso não

era para acontecer, pois a ocasião não era oportuna, nem aquele era o homem, embora ele se acreditasse inspirado por uma visão. Não obstante, sua própria tribo o seguiu para o deserto, levando apenas armas e dinheiro, pois esperavam trocar, ou tomar pela força, provisões durante a caminhada. Ao sentirem fome, requisitaram comida de alguns pastores os quais, evidentemente, não tinham qualquer utilização para o dinheiro no deserto e, dessa forma, os efrimitas os atacaram. Tal atitude provocou uma resposta violenta dos habitantes locais, que massacraram todos os efrimitas, exceto dez, os quais regressaram ao Egito para contar a história. A mensagem para os kabbalistas é clara. Não se pode encetar a viagem interior sem uma preparação verdadeira. A força e a riqueza mundanas não têm valor na dimensão espiritual, e visões nem sempre se originam de uma Fonte Divina. Elas podem ser geradas pelo próprio orgulho e vaidade de um homem, ambicionando uma herança não merecida. A lição é que o caminho mais curto nem sempre é o melhor. Esse erro ocorre em casos individuais, em que pessoas despreparadas, tentando uma via rápida ou direta por meio de drogas ou de práticas excessivas, têm danificado seus corpos ou mutilado suas psiques.

Por esse motivo Moisés seguiu um desvio por fora da via mais curta, evitando que os israelitas ficassem assustados com os corpos ainda insepultos da primeira excursão ao deserto psicológico entre o Reino físico do Egito e a Terra espiritual de Canaã. A simples insinuação do conflito anterior poderia também deter um povo que ainda pensava, sentia e agia como escravo. Depois de 430 anos de servidão, os israelitas tinham perdido tudo, menos o seu senso de dignidade; de mais a mais, com a transformação das tribos em uma grande multidão, o sentimento familiar fora minado pela competição, divisão, rivalidade e desunião. Vista sob o nível pessoal, a psique é simples na juventude, mas com a maturidade a vida torna-se mais complexa, à medida que a natureza da pessoa assume características multifacetadas, e esquisita consigo mesma, quando as diferentes necessidades emocionais e os conceitos intelectuais colidem um contra o outro nos diversos níveis da psique. Isso cria as condições particulares e o desarranjo dentro dos aspectos consciente e inconsciente da pessoa média destreinada. Foi nessa situação que

os israelitas acamparam, à borda do deserto de Etã, que significa 'à beira do mar'.

Em termos kabbalísticos, o mar Vermelho é à margem do Mundo Yezirático, ou a fronteira do inconsciente, estendida entre Hod e Netzah da Arvore Psicológica. Ali, diz a escritura, o Senhor postou-se diante deles com um pilar de nuvem durante o dia e um pilar de fogo durante a noite. Tal símbolo da condução Divina era o de levá-los através dos anos no deserto. Indivíduos que tenham alcançado semelhante estágio reconhecem essa presença em suas vidas, tanto em momentos de iluminação quanto nas trevas psicológicas. O Pilar é a Shekhinah, ou Presença Divina, perceptível àqueles no trabalho espiritual.

Enquanto os israelitas acampavam a beira-mar, o Egito recobrava-se do seu choque; e o Faraó, com o coração endurecido pelo sentimento de vingança, considera agora de que modo poderia derrotar os israelitas, momentaneamente indefesos entre o deserto e o mar. No nível pessoal, isso pode ser visto como a resposta corporal à psique tomando a iniciativa. Tal ação destrutiva da alma animal não é desconhecida. A paixão possui o seu lado obscuro e uma poderosa vontade de matar se esse desejo é frustrado.

Nesse estado malévolos, o Faraó e as suas hostes cavalgaram até o deserto para destruírem os israelitas. Ao sentirem a aproximação do exército, muitos israelitas entraram em pânico e disseram a Moisés: "Não havia talvez sepulturas no Egito, e por isso nos tiraste de lá para morrermos no deserto"? Tal grito não é incomum quando a primeira crise posterior à mudança inicial se manifesta. As partes inferiores da psique clamam: "Não é isto que te dizíamos no Egito: Deixa-nos, para servirmos os egípcios? Pois, melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto".

Começa aqui a longa batalha interna entre as diferentes partes da psique, representadas pelas diversas facções dentro das tribos. Às primeiras dificuldades os elementos mais aferrados reagem, de acordo com as suas rotinas esgotadas pelo tempo. Moisés e Aarão, que se situavam nos pilares direito e esquerdo, respectivamente em Netzah e Hod, replicaram dizendo: "Não temais; permaneci firmes e vereis o que Iahweh fará hoje para vos salvar". Ou seja, fiquem interiormente centrados e observem a

Divindade agindo. Nesse estágio apenas a esperança e a crença são capazes de manter serena a psique destreinada, quando em confronto com os adestrados exércitos do corpo. “Iahweh combaterá por vós e vós ficareis tranquilos”, disse Moisés enquanto as hostes do Faraó se aproximavam.

PONTO SEM RETORNO

EXODO 14-15

Quando os israelitas se apavoraram ao avistarem os egípcios, foram instruídos a levantar acampamento. Moisés então levantou o bastão que fora criado no princípio do Mundo e estendeu-o sobre as águas que, de início — de acordo com o folclore —, não obedeceram ao seu comando. Mas quando o mar percebeu que o bastão levava o nome Divino, separou-se em duas partes. Conta-nos a tradição que essa divisão aconteceu na Terra e em todos os mundos acima, para que a Graça pudesse descer diretamente para ajudar os israelitas na sua fuga. Na experiência individual, isso é testemunhado quando tudo relacionado a uma maior transformação interna se reflete em acontecimentos externos, concorrendo com a mudança no estado da pessoa. De acordo com uma outra tradição oral, o mar Vermelho não se partiu até que o primeiro israelita pusesse nele os seus pés, acreditando que ele se partiria, e outra ainda nos diz como as tribos brigaram para serem as primeiras a cruzá-lo. Todas essas narrações descrevem as várias atitudes das diferentes partes da psique, para darem o passo inicial até o ponto sem retorno.

A literatura rabínica nos informa que a divisão do mar foi o primeiro de dez milagres associados ao seu Cruzamento. Tais eventos incluem os doze caminhos que se abriram, sendo um para cada tribo; a água doce jorrando da fonte, com a qual os israelitas mataram sua sede; e o fenômeno que qualquer dos israelitas desejava, como uma maçã, que poderia ser colhida das ondas. Esses e os demais acontecimentos estranhos significavam a entrada em um domínio totalmente diferente. Foi um ato de Graça, permitindo um sabor das boas coisas que estavam para vir. Tais fenômenos são experimentados frequentemente por aqueles se elevando do estado mundano para uma condição superior. Nesses estados transitórios, sucedem vislumbres e sabores do Éden, e oportunidades inesperadas apresentam-se ao indivíduo

que, durante um período de lua-de-mel, experimenta possibilidades até então somente referidas em contos de fadas esotéricos ou na literatura sagrada.

O folclore judeu fala da confrontação existente nesse ponto, entre o anjo do Egito, Uzza, e o arcanjo Miguel, defensor de Israel. Nesse combate, que descreve não apenas o conflito celestial, mas a batalha entre os arquétipos inferiores do corpo e os arquétipos superiores da psique, os deuses do Egito são punidos pela sua ingratidão com a casa de Israel, cuja sabedoria havia livrado a sua nação da fome, ao tempo de José. Ou seja, a alma animal havia-se esquecido da presença do espírito que lhe dera a visão e a vida; ao invés, escravizara os filhos de Israel, ou a psique, que habitavam dentro da terra do corpo.

“Então o anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e passou para trás deles. Também a coluna de nuvem se retirou de diante deles e se pôs atrás, ficando entre o acampamento dos egípcios e o acampamento de Israel”. (Êxodo 14,19). Portanto, não houve contato enquanto os egípcios perseguiram os israelitas durante a sua travessia do caminho existente no mar. O texto prossegue, para dizer como o Senhor prendeu as hastes egípcias por meio das colunas de fogo e nuvem, e embaraçou-os, a ponto de fazê-los exclamar: “Fujamos da presença de Israel, porque Iahweh combate a favor deles”. Isso descreve o ponto de retorno no conflito entre o corpo e a psique, no qual a alma animal começa a entender que não pode lutar fora dos seus domínios. Por conseguinte as tropas egípcias passam a vacilar, ao se afastarem cada vez mais de sua própria praia, quer dizer, ao cruzarem a zona que divide a psique do corpo. A saga popular vai adiante, para afirmar que, a despeito dessa saída de suas profundezas os egípcios ainda tentavam ferir os israelitas com flechas e lanças, rechaçadas pelos sons ensurdecedores das trombetas e das trompas. Elas se somaram ao estrondo dos trovões e aos raios dos relâmpagos provocados pelas hostes angelicais. No contexto individual, isso simboliza as atividades do inconsciente profundo ou os centros psicológicos superiores operando acima do ego, livrando-o de ser um escravo, ou o Daat do Conhecimento do corpo, ajudando este a ser o honorável servo da psique.



Quando todos os israelitas alcançaram a margem oposta do mar Vermelho, Moisés foi instruído a estender a mão para que o mar pudesse voltar ao seu leito normal. Foi assim para que os egípcios, que os perseguiam enquanto a terra se encontrava seca, fossem empurrados de volta. Tal situação não é desconhecida entre aqueles que procuram um interesse no poder, nas perigosas águas da feitiçaria e da magia. Aqui afogar-se em marés traiçoeiras é um risco para os que têm os pés fora do chão, mas não querem alcançar a praia distante.

A lenda estabelece que, quando os egípcios estavam se afogando, as hostes celestiais se rejubilavam. Por esse motivo elas foram repreendidas por Deus, que lhes disse que, enquanto se fazia justiça, isso era uma coisa triste, pois o Criador não se alegrava com a destruição de suas criaturas. Do ponto de vista kabbalístico, vemos o quão longe na psique o corpo é capaz de penetrar, e se olharmos para as Árvores interpenetrantes do corpo e da psique, isso se confirma em teoria e experiência. O momento da separação da influência dominante chega quando o foco da consciência eleva os mundos para tornarem-se predominantemente psicológicos. Isso é simbolizado pela chegada à margem aposta do mar Vermelho. Quando os israelitas olharam para trás, viram não apenas que o caminho por eles utilizado já se encontrava fechado pelas águas, mas que os egípcios mortos jaziam na praia. Por um instante os israelitas ficaram espantados pela mortalidade desses símbolos poderosos da carne. Então compreenderam que se encontravam livres pela Graça de Deus. Sem qualquer esforço próprio, eles foram trazidos para fora da praia da morte física para a possibilidade da vida imortal. Tal acontece quando o miraculoso abre o olho da alma, no meio talvez de um grande sofrimento ou de uma grande alegria, de uma profunda quietude ou de uma imensa atividade, para conceder um vislumbre da visão paradisíaca, e mesmo celestial, além do domínio da natureza. Portanto, foi nesse momento que Moisés e os filhos de Israel irromperam em preces ao Senhor, cantando: “Quem é igual a ti, ó Iahweh... Levaste em teu amor este povo que redimiste... para a tua residência, santuário, Iahweh, que as tuas mãos prepararam...”

---

## REBELIÃO E REGRAS

---



## LAMENTAÇÕES

## ÊXODO 15-16

É lamentável que um tal momento de triunfo e êxtase tenha de passar, quando as condições ordinárias começam a se encaixar novamente. Isso é mostrado nos acontecimentos imediatamente posteriores à passagem do mar Vermelho, quando Moisés levou os israelitas para o deserto de Sur, que quer dizer ‘andar em círculos’, ‘o inimigo’, e ‘ficar à espera’. Foi aqui que a plena implicação de deixar o Egito começou a despontar.

O Êxodo 15,22 estabelece: “(...) e caminharam três dias no deserto sem encontrar água. Mas quando chegaram a Mara não puderam beber da água de Mata, porque era amarga”. (Mara significa amarga.) “O povo murmurou contra Moisés...” O motivo disso não foi apenas o sabor das águas, conta-nos a tradição oral, mas que quando os israelitas viram a destruição dos egípcios, muitos deles, acreditando-se em segurança para voltarem, quiseram recomeçar a antiga vida. Essa condição ocorre porque a psique deseducada crê na possibilidade de retornar aos antigos hábitos com uma imunidade completa, agora que a vontade do corpo se rompeu. Além disso, diz-nos a lenda bíblica, o mar tragou grandes tesouros dos egípcios afogados, e por causa disso muitos israelitas não se sentiam capazes de abandonar a praia. Eles ainda estavam aprisionados às quinilharias do Mundo inferior. Foi somente após Moisés lembrá-los de que fora por meio da Graça de Deus que eles estavam livres e em segurança, que obteve o sucesso de persuadi-los a afastarem-se da beira-mar e entrarem no deserto.

Kabbalisticamente, Mara e o deserto de Sur representam a realização de que, na viagem espiritual, a pessoa não pode mais depender do apoio do mundo físico. Já se fora uma miríade de suportes e divertimentos, que mantém o corpo sossegado e a psique iludida. O deserto é inóspito, a perspectiva medonha. Não

existe nada para ver adiante, em um crepúsculo já avançado, exceto uma grande quantidade de esforço e sofrimento, sem qualquer garantia de sucesso. Caso isso signifique liberdade, então é possível que alguém pense novamente. Tal reação acontece porque o ego, percebendo somente em termos de sua experiência mundana, começa a resumir tudo em uma situação imediata. Portanto, as águas, no meio do que aparenta ser desolação, são de fato amargas quando comparadas à doçura do Nilo e das suas férteis margens.

Então “Moisés clamou a Iahweh e Iahweh lhe mostrou uma Árvore.<sup>4</sup> Moisés a lançou na água, e a água se tornou doce”. A implicação desse simbolismo é significativa para o kabbalista, que vê a Árvore como a análoga da Existência, cuja raiz está no Mundo da Emanação, o tronco está no da Criação, os galhos estão no da Formação, e os frutos estão no Mundo da Ação. Portanto, a Graça estende-se para baixo, para manter e adoçar os níveis inferiores do Universo. Essa utilização da analogia ilustra muito precisamente que os escribas, que elaboravam o ensinamento esotérico na saga tribal, conheciam exatamente o seu significado. Isso é indicado adiante, nos seguintes versículos: “Foi lá que lhes fixou um estatuto e um direito, foi lá que ele os colocou à prova. Depois ele disse: ‘Se ouvires atento à voz de Iahweh teu Deus e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, se deres ouvido aos seus mandamentos e guardares todas as suas leis, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios. Pois eu sou Iahweh, aquele que te restaura”.

O acima citado (de Êxodo 15,25-26) revela claramente as regras da disciplina espiritual. Obedece o Ensino, e muitas coisas que acontecem ao iniciado, por inocência ou ignorância, não ocorrerão. Os sofrimentos que atingem a alma animal não afligirão os buscadores da verdade, porque o Senhor será seu Restaurador: Semelhante oferta é extraordinária, à luz da experiência cotidiana, nas é confirmada por muitos que têm trilhado o caminho espiritual. Estando o seu centro de atenção nos Mundos superiores, o santo e o sábio são isentados da tensão e do

---

<sup>4</sup> - “O autor optou por Tree (Árvore), e não “pedaço de madeira”, como consta em A Bíblia de Jerusalém (N. do Tradutor”).

aborrecimento mundanos. Até mesmo os principiantes percebem que a Providência os observa.

A presença de um ensinamento esotérico é novamente indicada abaixo, no versículo seguinte. Quando os israelitas chegaram a um lugar chamado Elim, cujo significado é 'lugar de árvores', encontraram 12 fontes e 70 palmeiras, ao lado das quais acamparam. De acordo com a tradição, cada uma das fontes refrescou uma das 12 tribos, ou tipos espirituais do ser humano. As 70 palmeiras referem-se às 70 almas originais que desceram para o Egito. Elas se tornaram mais tarde os 70 anciãos de Israel, que guiaram o povo sob a direção de Moisés, e formaram o conselho interno de sábios dentro da população. Percebido em termos pessoais, 70 são aquelas partes da psique da pessoa, suficientemente desenvolvidas para manterem alguma influência sobre o restante do organismo. Vistas em uma escala mais ampla, elas representam o nível espiritual interno da humanidade ou, como nos fala a tradição judaica, a casa de Israel. Em outras tradições, são conhecidas como a Companhia dos Abençoados, a Comunhão dos Santos e a Gratule Fraternidade.

Do local de instrução e refrigério, em Elim, os israelitas aprofundaram-se no deserto, até que chegaram ao deserto de Sin, que significa 'lugar enlameado'; de 'paixão odienta', 'ira' e 'combate'. Chegou então o momento em que todas as lamentações e medos anteriormente retidos foram expelidos contra Moisés, quando os israelitas murmuraram: "Antes fôssemos mortos pela mão de Iahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados junto à panela de carne e comíamos pão com fartura" O medo suprimido da psique inferior manifesta-se a si mesmo, no impulso que parece havê-lo tirado de uma vida desconfortável, mas segura, somente para experimentar uma morte ainda mais miserável.

Felizmente Deus compreendeu os temores dos israelitas, e enquanto Moisés cuidava do pânico, o Céu preparava-se para aliviar a fome dos israelitas, e ensinar-lhes a seguir uma instrução simples. O treinamento para o período no deserto estava para começar.

## INÍCIO DA DISCIPLINA

## ÊXODO 16

No nível do desenvolvimento individual, a posição dos israelitas reflete, até o presente momento, a seguinte situação: a pessoa despertou para uma saída da escravidão que confina a alma, o espírito e o corpo. Os estágios iniciais foram alcançados com o auxílio do alto, sob a forma de um guia, o qual pode ser encarado como um mestre interior ou exterior. Esse instrutor, ajudado pela Divina Providência, levou os indivíduos a um ponto crucial sem retorno, onde o trabalho consciente precisa começar ou o progresso se interromperá, deixando a disciplina encalhada no deserto, entre a escravidão terrena e a liberdade celestial. O deserto é a Face inferior da Árvore Psicológica, ou o Mundo da Formação. A psique, igualmente aos israelitas, compõe-se de uma confederação de unidades individuais, famílias de complexos e trilos de níveis inconscientes, mantidos juntos por um laço de afinidades desconexas. No indisciplinado não existe organização psicológica desenvolvida, mas apenas uma massa amorfa de elementos, a qual, semelhante aos israelitas, pode ser facilmente manejada e lançada ao medo e à confusão por fatores mais fortes, internos ou externos. Para começar estabelecendo alguma ordem dentro da psique imatura, todos os ensinamentos esotéricos expedem instruções aparentemente triviais, mas rígidas, destinadas a dar início ao processo da verdadeira disciplina. Naturalmente, tais injunções devem ser postas para estar (lembre-se da maçã proibida); de outra forma as lições a elas inerentes não serão apreendidas, e não se poderão dar maiores deveres e privilégios. A razão de ser da disciplina é treinar a vontade, não somente para controlar as várias funções na psique, mas conter o poder agregado e dirigi-lo para a obediência à lei espiritual, fazendo com que assim ele possa ser de utilidade para o Criador. Portanto, o Divino tem um interesse no processo, e intervirá se a experiência dada pelo mestre for inadequada.

Naquele ponto os israelitas queixavam-se de que iriam morrer no deserto, e assim o Senhor disse a Moisés que o maná cairia do Céu; quer dizer, que a comida iria cair do Mundo Criativo do Espírito. Tal sustento é vital para a alma esmorecida nesse estágio. Contudo, paralelamente a esse ato de Graça, vieram às instruções de que as pessoas deveriam pegar somente o suprimento para um dia, e no sexto dia a medida para dois dias. Era o teste para ver até onde o povo seria capaz de seguir instruções — embora fossem habitualmente escravos mentais, eles possuíam de fato um livre-arbítrio, que precisava ser exercitado nessa situação totalmente nova.

Moisés, na sua qualidade de intermediário entre Deus e os israelitas, disse a estes que a Graça Divina proveria o seu sustento, pois eles já haviam esquecido de que era com Deus que estavam lidando, e não com ele, Moisés. Esse é um erro frequentemente cometido por estudantes, que veem os seus mestres espirituais como uma figura paterna, capaz de a tudo prover, ou como uma projeção Divina.

Segundo a tradição, o maná é criado no terceiro Céu. Esse é o lugar para o qual um homem, durante um ritual, oração ou contemplação, pode se elevar e receber instruções acerca dos mistérios da criação. A partir desse nível espiritual, chamado de Céu da Sinceridade, a Kabbalah nos conta que uma pura Luz desce para iluminar as 12 tribos. Estabelece a lenda que o maná prometido caiu durante a noite, ou seja, no estado inconsciente, para que quando as pessoas acordassem pela manhã, percebessem a sua presença na mente consciente. Disseram-nos que o maná tomava qualquer forma de alimento que fosse mais agradável ao indivíduo. Para a criança ele se transformava em leite; para o jovem, em pão; para o velho, em mel; e para o doente, em cevada embebida em óleo e mel.

Como maná vieram os bandos de codornizes. Se o maná representava o pilar direito da Misericórdia, as codornizes simbolizavam a coluna esquerda, da Severidade, como seria constatado mais tarde, quando as pessoas se entregaram aos excessos e muitos morreram de uma praga provocada pela sua ambição (Números, 2,33-4). Todavia, esse grau de severidade não foi aplicado naquele estágio inicial de disciplina, quando alguns



israelitas pegaram maná em excesso, ou guardaram-no para o dia seguinte, o que lhes havia sido proibido. O maná ficou cheio de vermes e malcheiroso, uma advertência contra a retirada de coisas espirituais para si próprio, e os perigos dos excessos, mesmo em assuntos sagrados. Isso não é desconhecido para os exageradamente zelosos, acarretando um desequilíbrio psicológico ao exigirem demais do espírito. O que basta para um dia é o suficiente.

A instrução de guardar o maná para o shabbat é interessante. Ela conta ao estudante que, visto que seja necessário trabalhar na colheita do maná para ganhar mérito durante a semana, o dia de descanso lembra-o da confiança no Divino; para fazê-lo entender que é provido em primeiro lugar pela Graça. Portanto, foi dito aos israelitas para devotarem o seu tempo no shabbat ao estudo e à oração. E claro que algumas pessoas desobedeceram, e elas não acharam nada, em todos os sentidos, naquele dia.

O próprio Moisés, conforme instrução, disse então aos israelitas para guardarem uma medida de maná para as gerações futuras, com a finalidade de mostrar como o Senhor os alimentara no deserto, depois que foram trazidos do Egito. Isso foi feito, e estocado em um depósito 'Lifnay IAHWEH', 'ante o SENHOR'. Tal testemunho é experimentado ainda hoje por nós, ao lermos na Bíblia, que é um receptáculo do Ensino diante da Face de Deus.

A ração diária de maná era para ser suprida ao povo todos os dias, enquanto estivessem no deserto, até chegar às margens da Terra onde emanavam leite e mel. Ali então ele acabaria, porque os israelitas, plenamente treinados e amadurecidos, estariam capacitados a participarem diretamente do alimento celestial, contudo, tal estado do ser só aconteceu 40 anos de experiência mais tarde.

REPOUSO

EXODO 17

Quando os israelitas deixaram o deserto de Sin, ou ‘paixão lamacenta’ e ‘ira’ acamparam em Rafidim que significa apoio descanso e repouso, onde também não existia água. Isso fez aflorar mais uma vez o grito de protesto. Moisés replicou, dizendo: “Por que discutis comigo?” “Ma tenasoon et IAHWEH”. “Por que colocais Iahweh à prova? Esse é um fenômeno que se repete no caminho espiritual, quando o estudante não está protestando e testando apenas o seu guia, mas o próprio Deus.

De acordo com o comentário rabínico, quando os israelitas deixaram de estudar e praticar a Toni, ou o ensinamento espiritual, aconteceu o que parecia ser uma falta de água. Não sendo capazes de discernir que havia uma conexão entre desempenho e resultado, imediatamente projetaram a inadequação no seu líder, dizendo, na sua ignorância, que fora Moisés que os tirara do Egito e os pusera nessa posição insustentável. A palavra ignorância pode ser então vista com o seu significado de ‘ignorar’, ou seja, desviar-se do que é conhecido, que é uma condição completamente diferente da inocência, que é não conhecer. Inocência é o estado da maior parte da humanidade. Contudo, aqueles que estão espiritualmente despertos, ou experimentaram o miraculoso, como os israelitas, podem desconfiar, duvidar ou tornar-se ignorantes.

Moisés, que havia aprendido a controlar sua raiva, rezou pedindo ajuda antes que a turba desvairada Começasse a apedrejá-lo. No indivíduo, isso corresponderia a centrar-se na posição do Tiferet do Self e solicitar auxílio do alto, com a finalidade de acalmar os inquietos elementos inferiores do ego. A resposta veio com a chamada de alguns dos anciões de Israel, ou seja, os elementos mais amadurecidos e estáveis da psique, para com eles achar uma pedra que escondesse as águas-vivas. Diz a escritura que Deus se encontrava ali, à sua espera. O lugar foi chamado Horeb, que é a mesma montanha de Deus, onde Moisés vira a sarça ardente. No local, Moisés foi instruído para ferir a rocha com

a Vara de Deus, para que os anciãos pudessem perceber que aquele Bastão da Severidade, que havia destruído os egípcios, era também o Bastão da Misericórdia, através do qual o povo seria alimentado. O folclore de fato conta que aos anciãos, foi permitido escolher a rocha, como prova contra a possibilidade de um truque, porque alguns israelitas, duvidando de qualquer coisa irracional ou sobrenatural, suspeitavam de que as habilidades de Moisés, aprendidas durante o seu tempo de pastor ao lado de Jetro, pudessem fazê-lo localizar a água. O cinismo racional está sempre pronto a opor-se e a testar os feitos espirituais. Moisés denominou o local de Massa, ou ‘provação’, e Meriba, ou ‘contestação’ devido a esse confronto com Deus, como o afirma o texto, “... porque colocaram Iahweh à prova, dizendo: ‘Está Iahweh no meio de nós, ou não?’” (Êxodo 17,7.)

A lenda judaica nos conta que a partir desse momento os israelitas tiveram uma nascente jorrando. Esse patrimônio memorável veio por intermédio de Miriam, irmã de Moisés, que se encontra na posição Yesódica, ou do ego, dos filhos de Israel. Ela possuía uma capacidade psíquica intuitiva, comum em um ego altamente sensível. O manancial funcionou enquanto ela viveu, e simboliza o fluxo da nutrição totalmente inconsciente, igual ao que se pode esperar ouvir acerca de uma pessoa, ou ego, sensível, mas não necessariamente sábia. A nascente, consistindo de uma rocha com buracos no meio, através dos quais jorrava água cristalina, acompanhou os israelitas no deserto, sempre que estes se moviam ou permaneciam parados. Mais tarde, quando foi construído o Tabernáculo, ela sempre se colocava do lado oposto da estrutura, e os chefes das 12 tribos deveriam pedir-lhe para esguichar o que era feito com tal abundância que levou a vegetação oculta na areia do deserto a um estado de fertilidade capaz de alimentar as tribos.

O conteúdo kabbalístico dessa fábula é que eia descreve de que forma a capacidade psíquica tem as suas limitações, porque não compreende completamente o que está circulando através do ego. Às vezes, por exemplo, a mente enxerga fantasias em vez de visões. Não obstante, embora a penetração do ego não seja grande, é a vertente através da qual fluem as águas límpidas vindas das profundezas da alma e do espírito. Sob disciplina, a fonte do ego refresca e alimenta a pessoa, e faz florescer talentos que se

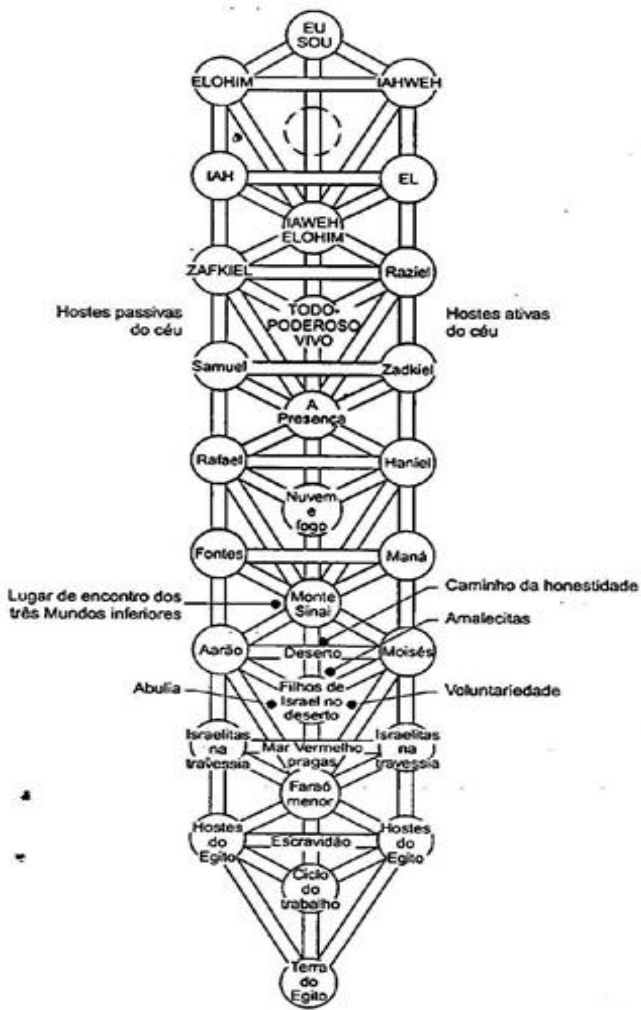
encontravam escondidos no terreno árido de uma psique estorricada. Algumas lendas contam que a nascente só secou quando os israelitas chegaram a Canaã.

## PRIMEIRO COMBATE

## ÊXODO 17

Porque os israelitas haviam testado Deus, o Divino enviou os amalecitas para atacá-los em Rafidim, o lugar do Descanso. O chefe dessa tribo de rapinantes era Amalec, cujo nome significa ‘semelhante a um guerreiro’, ‘povo da presa’, ‘combatentes do vale’ e ‘homens das cavernas’. Tais significados indicam a qualidade da tribo e a sua correspondência às partes mais inferiores da psique. A ascendência de Amalec nos fala ainda mais. Filho de Elifaz, que quer dizer ‘ouro de Deus’, com uma concubina, que é uma ligação inferior, era o neto de Esaú e, portanto, o rival natural dos descendentes de Jacó. Como tal, os amalecitas eram hostis aos israelitas, e a lenda estabelece que eles esperaram várias gerações para se vingarem de Jacó — pela assunção por Israel do direito à primogenitura familiar. As implicações psico-espirituais estão claramente apresentadas aqui, na primeira de muitas batalhas entre os elementos inferiores e superiores em um indivíduo.

A lenda bíblica conta-nos em primeiro lugar que Amalec não pôde fazer nada contra os israelitas por causa da coluna de nuvem e fogo. Mais tarde, quando Moisés pronunciou o Nome Divino diante dos amalecitas, estes retiraram-se desordenadamente. Posteriormente nenhum assalto direto foi tentado, pois os israelitas construíram uma fortificação e os amalecitas tiveram que adotar uma estratégia de aguardar à espreita, visando pegar furtivamente os israelitas em emboscada; portanto, o primeiro estágio da ordem psicológica cria o princípio da proteção. As demais tribos do Sinai e Canaã estavam naturalmente interessadas na campanha dos amalecitas contra Israel, mas a eles não se haviam aliado até então nas hostilidades. Temos aqui uma descrição perfeita da situação interior de uma pessoa nos primeiros dias da disciplina espiritual. Os amalecitas, ou os elementos indisciplinados mais próximos dos israelitas,



**Figura 10. Escada do Êxodo.** Havendo fugido da escravidão do corpo, a consciência agora eleva-se para o ego, onde, guiados por Moisés e Aarão, os israelitas iniciam a purificação da psique. No deserto eles encontram os seus primos obscuros, os amalecitas, antes da chegada ao Monte Sinai. Dos Céus cai-lhes o alimento da Justiça e da Misericórdia, enquanto os arcanjos o distribuem. Acima de todos, o DEUS de ISRAEL observa e vê através das nuvens.

Procuram corromper a nova ordem, enquanto que os antigos hábitos, complexos e conceitos, mais profundos, representados pelos hititas, hivitas, jebasitas, amoritas e cananeus, aguardam para ver se a ameaça aos seus territórios pode ser acordada na fronteira liminar que divide o consciente do inconsciente. Na Árvore Psicológica, essa é a linha entre Hod e Netzah. O caminho vertical entre o Yesod do ego e o Tiferet do Self é chamado — não sem motivos — de ‘honestidade’ e ‘ficar à espera’.

Na história rabínica, os amalecitas fizeram uso do seu parentesco com os israelitas para arrancá-los da proteção do acampamento, oferecendo-se para comerciarem favoravelmente, invocando sua qualidade de parentes distantes. Portanto, os elementos inferiores da psique procuram tentar algumas partes superiores, embora subdesenvolvidas, que são levadas a acreditar que os negócios podem ser transacionados inocentemente. O resultado não foi somente a morte desses israelitas, mas a mutilação dos seus órgãos genitais pelos amalecitas, que zombaram do Céu pela aliança rompida da circuncisão, O significado desse ato é a redução da vontade psicológica e do poder físico, quando a integridade do indivíduo é desonrada pela sua própria humilhação, a despeito da esperança de que isso não afetarà o seu progresso geral. Em Rafidim, depois do desafio a Deus, os amalecitas sentiram-se encorajados a atacar abertamente, pois a proteção da Nuvem Divina fora afastada. Essa punição Gevúrica dos israelitas, contudo, não se tratava da malícia de um Deus vingativos, mas do estrito castigo pelo afastamento do Mestre Divino. Assim, quando os amalecitas atacaram com impressionante rapidez, os israelitas viram-se na posição de terem de aprender como defenderem-se, ao serem levados a uma tal tarefa.

Assim foi que Moisés disse ao seu servo Josué, cujo nome significa ‘libertador’, que selecionasse alguns homens fortes e disciplinados para saírem e combaterem os amalecitas. Esse ato, para uma nação que sempre vivera como um povo subjogado durante muitos séculos era uma mudança crucial em suas atitudes, como poderia ocorrer em uma pessoa que se permitisse ser dominada pelos outros ou por padrões dentro de si mesma. Conta-

nos a lenda que Josué descendia de José, o único dos 12 irmãos de Israel que não havia pecado. Tal fato, deu a Josué uma vantagem marcante, mas ele ainda precisava de ajuda, porque, prossegue a lenda, os amalecitas, possuidores de conhecimentos mágicos, sabiam da hora mais propícia ao ataque. Isso era devido a que cada tribo estava sob um signo do zodíaco, estando, por conseguinte, vulnerável em determinadas ocasiões. As tribos ainda não estavam unidas em torno da casa de Israel que, como o espírito, encontrasse acima do mundo planetário de Yetzirah. Portanto, os filhos de Israel poderiam ser assaltados nos seus pontos mais fracos, como ocorre frequentemente em momentos de crise, quando a psique está dividida.

A ajuda do alto veio através da intercessão de Moisés e de dois outros israelitas, na ocasião em que ele postou-se no topo da colina, observando o combate e segurando o Bastão de Deus acima da cabeça (Êxodo 17,9). Sob o ponto de vista kabbalístico, a colina representa um nível superior ao do campo de batalha, mas não demasiadamente acima da ação. Os dois auxiliares eram Aarão, da tribo de Levi, e Hur, da tribo de Judá. Hur significa 'nobre' (era também prometido para marido de Miriam, irmã de Moisés). Assim, as duas famílias aristocráticas de Israel, representando os senhores espiritual e temporal, puseram-se de cada lado de Moisés, a fim de ampará-lo, enquanto este sentava em uma pedra. Isso foi necessário, pois enquanto Israel triunfava quando o braço de Moisés estava levantado, seus guerreiros recuavam quando ele o baixava pelo cansaço. Temos aqui uma imagem gráfica dos três pilares da Árvore, apresentados conscientemente pela vontade humana para fazerem descer a Graça, de maneira que a Unidade possa prevalecer contra a desunião. Corresponde ao ritual da Kabbalah, no qual o indivíduo alcança os Mundos superiores e chama o Santo para auxiliar aquelas partes da psique que buscam unidade, e expelir os aspectos voluntariosos que se opõem ao crescimento interior.

Moisés e os seus auxiliares sustentaram essa forma ritualística até o pôr do sol, quando as forças de Josué derrotaram Amalec, "e pôs o seu povo ao fio da espada". Nas lendas isso é feito de uma maneira limpa e honrada, sem mutilação ou humilhação do inimigo. Quando é preciso extirpar as características ruins, há que



fazê-lo como cirurgião e não como açougueiro, para que nada que seja deixado possa infectar.

Ao término dessa primeira ação unida contra as forças do mal, Moisés referiu-se à necessidade de apagar a lembrança de Amalec da face da terra. Quer dizer, os elementos destruidores precisam ser continuamente removidos da psique. Tal intenção é consubstanciada em um memorial, após a batalha. “Depois Moisés construiu um altar, e pôs-lhe este nome: ‘IAHWEH-NISSI’, porque ele disse: ‘A bandeira de Iahweh em mãos HAHWEH está em guerra contra Amalec de geração em geração’”.

**ENSINAMENTO DO MESTRE****ÊXODO 18**

Quando Jetro ouviu tudo acerca do que Deus fizera por Moisés, e como os filhos de Israel foram tirados do Egito, saiu ao encontro do genro acampado na montanha dos ELOHIM. Jetro também desejava ver o seu ex-discípulo, porque estava claro que este excedera o mestre. Contudo, tais eram o amor e o respeito que Moisés dedicava ao seu professor, que acompanhado por Aarão e os 70 anciãos, saiu do acampamento e curvou-se profundamente diante de Jetro, beijando-o em saudação. Isso nos diz muito acerca do relacionamento entre mestre e ex-discípulo. Não importa quão superior seja o nível que o mais jovem tenha alcançado, ele honrou o seu mestre e o Ensino por trás do homem que tornou possível o seu desenvolvimento espiritual.

Ao se retirarem para a privacidade da tenda, Jetro foi informado detalhadamente de tudo o que acontecera a Moisés, desde que ele saíra de Madiã para o Egito. Essa é uma prática comum; o estudante relata, de forma objetiva, os eventos de sua vida, tanto interior quanto exterior, ao mais idoso, que por sua vez aprende e ensina a partir das lições experimentadas. Jetro, que estava espantado com a narração de Moisés, exclamou: “Bendito seja IAHWEH que vos libertou da mão dos egípcios e da mão de Faraó, e libertou o povo da submissão aos egípcios. Agora sei que IAHWEH é maior que todos os deuses...” Essa última observação revela o nível de Jetro. Embora, de acordo com a tradição rabínica, não seja um idólatra, ele acredita verdadeiramente na hierarquia panteística e vê IAHWEH como o maior dos deuses. Isso é completamente diferente da visão monoteísta e é o ponto divisório entre Jetro e Moisés.

Depois de Moisés, Aarão e os anciãos partilharam uma refeição com Jetro, que ofereceu á sacrifício que trouxera para celebrar a benção de Deus pelo seu encontro. Então Moisés mostrou a Jetro como agia em um tribunal para dirimir as disputas entre as tribos e os indivíduos, isso demonstrava diariamente como Moisés estava ensinando ao mesmo tempo em

que julgava pendências. Jetro, que era o seu superior nessa experiência, observou que Moisés não estava utilizando a sua energia economicamente, e aconselhou-o a modificar o método de trabalho, através da delegação de tarefas a homens honestos e tementes a Deus, os quais poderiam decidir os casos mais simples. Tal providência o deixaria com tempo livre para ensinar e julgar as controvérsias mais complexas.

A lição relevante do acima narrado é de que a verdade vem antes de tudo. Embora Moisés esteja agora mais desenvolvido do que Jetro, ele ainda aceita conselhos do seu mestre, e de uma forma modesta. Isso deve ter espantado os israelitas, que viam o aristocrático profeta Moisés com algum temor. O significado interior dessa passagem é que o foco desperto da psique, representado por Moisés, está inclinado a assumir responsabilidade por tudo; isso não pode ser feito sem a imposição de grande esforço e perda de tempo, para exercer a sua própria tarefa especial. Vê-se isso antes que qualquer processo de aprendizado se torne automático. Aqui, Jetro representando a experiência prática e psicológica aconselha a tríade desperta de Hod, Nezah e Tiferet a permitir àquelas partes da psique inferior, que são fidedignas, a livrarem-se de todo o trabalho rotineiro. Um exemplo é quando a mente permite-se a cálculos que podem ser feitos sem a atenção consciente do Self; o qual tem tarefa mais importante com que se preocupar.

“Moisés seguiu o conselho de seu sogro, fez tudo o que ele havia dito. Portanto, foi criada uma série de tribunais, ou novos complexos na psique, que lidavam com assuntos rotineiros, para que Moisés se dedicasse apenas aos assuntos de maior relevância. Feitos esses ajustes, o ex-mestre de Moisés partiu para o seu próprio país, ou nível de evolução, em Madiã”.

---

# Iniciação

---

## PREPARAÇÃO

### EXODO 19

“No terceiro mês depois da saída do país do Egito, naquele dia, os filhos de Israel chegaram ao deserto do Sinai”. O significado disso é que os israelitas haviam ultrapassado três ciclos lunares e atingido a primeira quarta parte do ano hebraico, no meio do verão. Se a Lua é o símbolo de Yesod, o ego, e o Sol de Tiferet, o Self, então o período de tempo nos fala de um acontecimento crucial relacionado à relevância do solstício de verão. No mundo antigo, o solstício era celebrado por um grande festival, que marcava um instante cósmico, quando o fluxo do Universo mudava de estado, no momento decisivo entre as estações. Tal acontecimento era considerado uma transformação na Criação, e, por conseguinte no espírito, que corresponde àquele mundo cósmico.

Os israelitas prosseguiram caminhando no deserto até armarem acampamento ao pé da Montanha Sagrada. A palavra Sinai agora quer dizer tanto um alto penhasco quanto uma funda ravina. Isso pode ser visto simbolicamente como um degrau na subida aos Céus ou uma descida profunda ao espírito. Ali, Moisés subiu o monte e conversou com Deus acerca da casa e dos filhos de Israel. Eis uma clara distinção entre os dois níveis de hebreus. O primeiro representa a essência interior dos anciãos, espiritualmente iniciados, e o segundo aqueles imaturos em tais matérias. A confirmação do que acabamos de afirmar vem quando o Senhor fala de que modo o Divino carregara os israelitas sobre asas de águia para o lugar da Santa Presença, aqui na Montanha Sagrada. O símbolo da águia não se trata apenas de imaginação poética, mas de um dado preciso para o Mundo Beriático ou espiritual: à águia é um dos quatro Animais Sagrados utilizados mais tarde em Ezequiel para representar os Quatro Mundos.

Segundo a tradição, o Touro simboliza Asiyah (o físico, ou ação), o Leão, Yetzirah (o formativo, ou psicológico), a Águia,

Beriah (o espiritual, ou cósmico) e o Homem, Atzilut, ou o Divino. Além dessa libertação da servidão, existe a possibilidade de serem de verdadeira utilidade para Deus: “Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha”. (Êxodo 19,5.)

Em uma escala individual, essa é a espécie de conversação que acontece na parte mais profunda da pessoa, durante o período preparatório antes de uma iniciação de Compromisso. A voz ainda quase inaudível apresenta o oferecimento à alma desperta, enquanto esta olha para o alto, da base da Montanha Sagrada interna. “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”. Embora isso tenha hoje uma implicação histórica para os judeus, aplica-se igualmente ao indivíduo, quando ele ou ela resolve organizar as tribos inquietas dentro da psique em uma unidade integrada, ou Reino Sagrado. Tudo isso foi dito no monte a Moisés, que, como representante da casa de Israel, devia transmitir a mensagem aos filhos de Israel, abaixo.

“Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que Iahweh lhe havia ordenado.” (Êxodo 19,7.) Os anciãos, representando os aspectos superiores da psique, concordaram em fazer o que o Senhor lhes ordenara. A resposta foi levada, via nível intermediário ou consciente de Moisés, ao Divino, que replicou: “Eis que virei a ti na escuridão de uma nuvem, para que o povo ouça quando eu falar contigo...” (Êxodo 19,9.) Kabbalisticamente, isso quer dizer que o Divino descerá de Atzilut, o Mundo da Pura Luz, para Beriah, o Mundo do Ar, e para Yetzirah, o Mundo da Água (que se combinam para fazer a neblina), a fim de que os níveis da psique inferior possam experimentar a Presença Divina.

Segue-se então uma instrução detalhada de como os filhos de Israel deverão preparar-se para notar a presença de Deus. Precisarão lavar as suas roupas, ou seja, limpar as suas psiques, para que nenhuma impureza possa separá-los da entrada em um estado lúcido, e não dormir com as suas mulheres, para que o corpo fique em repouso e não distraia a atenção. Tais práticas são comuns a todas as tradições, na preparação para uma iniciação. O processo terá a duração de três dias, para que assim afete o

passado, o presente e o futuro. Dessa forma, o ser se tornará inteiramente receptivo.

Moisés é posteriormente instruído a estabelecer proibições ao povo para que não suba a montanha. E para proteger qualquer um que pense estar preparado para ir sozinho e ver Deus, o que as pessoas com pouco conhecimento e experiência em assuntos espirituais frequentemente querem fazer. As barreiras têm também a finalidade de construir uma disciplina Física e psicológica, quando a abstinência sexual e a continência psicológica começam a focalizar o poder em uma considerável fonte de pressão. As severas injunções de apedrejar ou flechar quem quer que quebre as barreiras são mais para deter e salvaguardar o ignorante e o inocente de si próprios, do que para puni-los. Portanto, os israelitas foram colocados em um estado de prontidão, de que aguardassem o som da trombeta chamá-los para a Montanha Sagrada.

Visto em termos de um indivíduo, aqui temos uma pessoa que está quase para ser levada através de uma cerimônia iniciática. Ela concordou com o compromisso e espera o momento em que ouvirá formalmente as regras da tradição espiritual e a elas prestará testemunho, uma tal aliança não deve ser feita superficialmente por ninguém, pois uma declaração desse porte outorga privilégios que fazem da pessoa 'um tesouro peculiar' para Deus, significando também que deveres especiais terão que ser desempenhados nessa transação entre o Divino e o homem. Considerando que o contrato é livremente aceito pelo indivíduo, lhe é dado tempo suficiente para ponderar a respeito, enquanto se prepara para se submeter à iniciação do Sinai, quer dizer, um lugar elevado e profundo entre os Mundos superior e inferior. A solenidade inaugural da ocasião está simbolizada no Êxodo 19,19 pela trombeta, o trovão e o relâmpago. Esses sons e sinais vindos da Montanha Sagrada geram o temor a Deus, que as tradições situam no primeiro passo em busca da Sabedoria.

## REVELAÇÃO

## ÊXODO 19

“Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, relâmpagos e uma espessa nuvem sobre a montanha, e um clamor muito forte de trombeta; e o povo que estava no acampamento pôs-se a tremer”. Começa aqui a iniciação à Revelação. Vista no plano individual, a nuvem acima da montanha representa o véu espiritual que esconde da psique a ofuscante Presença de Deus, enquanto o Divino desce para se aproximar do homem.

“Moisés fez o povo sair do acampamento ao encontro de Deus, e puseram-se ao pé da montanha”. Quer dizer, Moisés, o guia interior, levou a psique para fora da estrutura que a protegia dos elementos indisciplinados, até um estado superior de conscientização. Em termos kabbalísticos, o centro da consciência foi elevado do ego para alcançar o ponto mais baixo do espírito, em Tiferet, o lugar onde os três Mundos inferiores se encontram no Self (Figura 12).

“Toda a montanha do Sinai fumegava, porque Iahweh descera sobre ela no fogo; a sua fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e toda a montanha tremia violentamente”. Aqui nos é mostrada uma imagem do organismo físico-psico-espiritual sendo sacudido por haver entrado em contato com o fogo de Atzilut.

“O som da trombeta ia aumentando pouco a pouco; Moisés falava e Deus lhe respondia no trovão”. Essa referência a um instrumento de sopro indica que de é Beriático ou espiritual por natureza. O seu volume prolongado e crescente dirige a atenção para cima, em um estado em que quem fala e a palavra dita tornam-se unos com o Nome e o seu dono. Nessa condição Moisés falou e foi respondido.

“Iahweh desceu sobre a montanha do Sinai...”, ou seja, a Shekhinah, ou Presença Divina, manifestou-se na parte superior dos Mundos inferiores. E “Iahweh chamou Moisés para o cimo da montanha, e Moisés subiu, O que quer dizer que Moisés elevou-se para a tríade do despertar, de Hod, Nezah e Tiferet, ele próprio

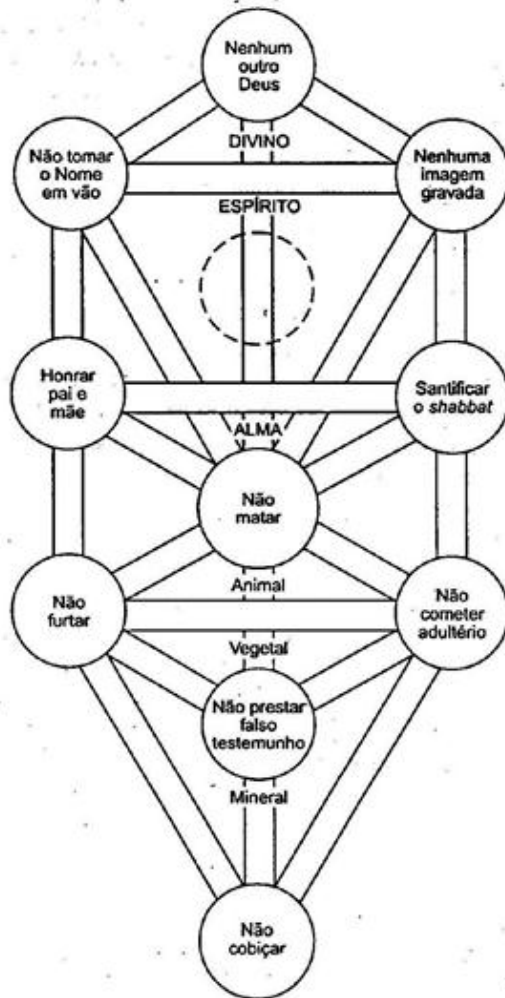


centrado em Tiferet, que é simultaneamente a base da Árvore Espiritual e o Sefirah culminante do mundo físico.

“Iahweh disse a Moisés: ‘Desce e adverte o povo que não ultrapasse os limites para ver Iahweh, para muitos deles não perecerem’. Eis um aviso frequentemente repetido para não permitir os destreinados a pressionarem para chegar ao reino da psique superior e do espírito inferior, evitando que se tornem ofuscados pela experiência, como às vezes acontece quando as pessoas forçam o seu caminho em direção às partes mais profundas do seu ser, ou dos Mundos superiores, antes de se encontrarem preparados. Em hebraico, a palavra para ‘empurrar’ também significa ‘cair’, ou seja, perder a elevação alcançada, igual ao que muitos despreparados fazem depois de serem destruídos por tais experiências.

“Mesmo os sacerdotes que se aproximarem de Iahweh devem se santificar, para que Iahweh não os fira.” Até os indivíduos familiarizados com a experiência interior são advertidos para se fortalecerem. Eles devem fazer a sua integração cada vez mais pura, a fim de que possam conter a Divindade que haverá de preenchê-los. Desse modo, os diversos níveis dentro de uma pessoa que está sendo iniciada são simbolizados e postos de prontidão para receber a revelação.

*A narrativa recorda-nos então como Moisés falou que o povo não podia subir devido às barreiras colocadas ao redor da montanha para santificá-la; para separá-la das coisas mundanas, que é o significado da palavra ‘sagrado’. A resposta Divina foi que Moisés descesse e retornasse em companhia de Aarão, mas não dos sacerdotes. Isso é relevante por mostrar que o sacerdócio existente não era de um nível suficientemente elevado; vale dizer, que embora um interesse em assuntos espirituais seja elogiável, sem uma verdadeira disciplina e conhecimento não há a capacidade do ser em participar dessa experiência direta. Por conseguinte, ainda que uma pessoa seja bem instruída e até mesmo pratique vários métodos espirituais, tais atividades podem ser não mais do que fantasias ego-centradas, que poderiam ser destroçadas em uma entrada nos Mundos superiores. Esse quadro dramático do Monte Sinai não é apenas o testemunho do poder da criação, mas o contato com a Causa das Causas, que na sua qualidade de Aliança das Alianças, está normalmente além da manifestação.*



**Figura 11. Os dez mandamentos.** Neste esquema são mostrados os mandamentos relacionados ao Divino na tríade superior, os pertencentes ao indivíduo na tríade da Alma, e aqueles relacionados com a sociedade na Face inferior da Arvore. Cada mandamento está ligado a um Sefirah particular, como o de não matar o próprio Self, nem o de qualquer outra pessoa.

## INSTRUÇÃO ACERCA DO DIVINO

## Êxodo 20

“Vayedabar ELOHIM et Kol hadebareem haaleh laymor”. “ELOHIM pronunciou todas essas palavras, dizendo: ‘EU SOU IAHWEH teu Deus, te fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão’”. Vemos aqui os Nomes supremos de Deus no topo da Arvore Divina, embora no texto hebraico a palavra ANOKI, ou apenas ‘EU’, seja empregada no lugar do tradicional EHEYEH, para equilibrar os Nomes de IAHWEH e ELOHIM. Conta o folclore judeu que Jacó falou aos seus filhos que ANOKI era um termo familiar usado para Abraão e Isaac, e de fato é um título mais íntimo do que a palavra EHEYEH, ou EU SOU. Esse Nome, que trouxe a Existência à manifestação, foi utilizado para Moisés na sarça ardente, mas não no Monte Sinai, porque os filhos de Israel não poderiam suportar a majestade total do Divino. Os outros dois Nomes Divinos maiores, associados tradicionalmente ao lado ativo, sábio e misericordioso, e com o aspecto passivo, compreensivo e justo da Divindade, fundem-se no Nome composto IAHWE-HELOHIM (traduzido como Iahweh teu Deus) prosseguindo então para dar forma aos dez mandamentos. Esses, por sua vez, acompanham a sequência dos dez Sefirot da Árvore Sagrada. Começando pela coroa, o primeiro mandamento estabelece:

“Não terás Outros deuses diante de mim”.

Isso quer dizer que unicamente o Absoluto deve ser reconhecido como Deus. O significado dessa declaração para o mundo antigo, que possuía inúmeras divindades, era enorme. Não apenas deu uma base para uma nação a ser criada com o exclusivo propósito de propagar a ideia de um Deus único, mas introduziu uma dimensão totalmente nova para a massa da humanidade, que

afetaria no devido tempo a maior parte da raça humana. No nível individual essa é a realização de que nada, nem mesmo Self, pode vir antes do EU SOU.

“Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão de baixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás...”.

Esse mandamento é uma advertência contra ser apanhado pelas aparências das coisas. Significa que a Divindade não se contém em uma imagem nem pode ser confundida com a própria Existência, visto que o Absoluto está acima, abaixo, antes e além da Existência. Até a imagem de Deus é apenas um reflexo. **Deus é Deus**, e não existe ‘coisa’ nenhuma igual a Deus.

“...porque eu, IAHWEH-ELOHIM, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até a milésima geração para aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”.

Essa passagem fala da Severidade e da Misericórdia estendidas sobre aqueles que ignoram ou reconhecem a soberania Divina. A palavra ‘geração’, não se encontra efetivamente no texto hebraico, mas é inserida por tradutores para dar mais sentido a uma sentença aparentemente incompleta. Isso sugere que uma lei mais alta é posta em referência, pois a punição dos filhos poderia parecer injusta e inconsistente. A noção da reencarnação, ou Gilgulim, é a explicação mais apropriada. De acordo com essa lei da transmigração, uma pessoa recebe suas recompensas e suas punições, ou carma, nas próximas três vidas, mas a Misericórdia de Deus a estenderá por mil vezes. O conceito de transmigração não é aceito por todos os judeus, mas tem feito parte do ensinamento kabbalístico há muitos séculos.

“Não pronunciarás em vão o nome de IAHWEH-ELOHIM, porque Iahweh não deixará impune aquele que pronunciarem em vão seu nome”.

Temos aqui o último dos três mandamentos relativos à própria Divindade. Nessa instrução, os nomes não podem ser utilizados para qualquer propósito que não seja o direcionamento de si mesmo a Deus. Referir-se ou apelar para o Divino, sem compreender qual nome está sendo usado, desvaloriza a conexão íntima já agora estabelecida entre Deus e o homem. Tal acontecimento é muito sério, e, por conseguinte, o Senhor, misericordiosamente, fez uma advertência em Severidade Divina para afastar a tomada do Nome Sagrado 'lashav', em falsidade ou vaidade, traduz o rabino. Quando postos conjuntamente, esses três mandamentos alusivos à Divindade constituem-se no relacionamento correto do homem com Deus.

Segundo a tradição rabínica, quando Deus falou de Divindade, todos os tremores das sete Terras abaixo e dos sete Céus acima cessaram, e todas as hostes angélicas ficaram quietas, e até mesmo toda a Natureza permaneceu calada e imóvel. Por causa desse evento, o morto e o ainda não nascido, dizem, compreenderam que um grande acontecimento estava ocorrendo, como o fizeram todas as nações do mundo, que escutaram a ressonância distante do Decálogo Divino, na linguagem dos seus próprios idiomas. Nesse instante intemporal, a Toráh foi entregue às almas e aos espíritos nascentes da humanidade. E aí, portanto, que todos os níveis dentro de um ser humano nesse estado de revelação, se tornam quietos e à escuta, cada um a seu modo, para a distribuição das instruções concernentes à primeira relação de homem para Deus, e depois de homem para homem, como veremos a seguir.

## INSTRUÇÃO ACERCA DO HOMEM

### ÊXODO 20

A segunda parte dos mandamentos está relacionada aos sete Sefirot inferiores da Árvore. Eles poderiam ser tomados para definir a conduta externa e interna de uma comunidade e de um indivíduo.

O quarto mandamento: “Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo”, é colocado sobre o Sefirah Hesed, ou o Atributo da Misericórdia. Assim, após uma semana de trabalho, o descanso do Criador é reconhecido e reservado como um dia destinado à contemplação do propósito do homem e das maravilhas da criação, e à adoração de Deus. Tal ato de santificação enseja que o aspecto expansivo de Hesed preencha o shabbat com a bondade amorosa, para que um espírito de abertura e relaxamento permeie o dia. Nessa atmosfera, tanto a comunidade quanto o indivíduo celebram e imitam a misericórdia Divina que, segundo se afirma, desce no shabbat através de todos os mundos, para naquele dia trazer paz, até mesmo para os habitantes do Inferno.

“Honra teu pai e tua mãe”, não é apenas um sinal de respeito exterior que cria a estabilidade familiar, a qual, por sua vez, é à base de uma comunidade socialmente ordenada; é também o reconhecimento dos Sefirot Hokhmah e Binah, Sabedoria e Compreensão, conhecidos em Kabbalah como o grande Pai e a grande Mãe. Esse mandamento, associado ao Sefirah Gevurah, estabelece que o Julgamento deveria ser, com o seu poder judicante, o defensor da tradição e da Revelação, que são os pais do Espírito. No indivíduo, o mandamento instrui a tendência do Sefirah, através da Severidade, a respeitar a mãe e o pai interiores, da Razão e da Inspiração. O relacionamento emocional correto entre a Sabedoria e a Compreensão, ou Intelecto, que mantém o equilíbrio psicológico nesse mandamento, baseado no temor a Deus, é complementado pelo mandamento Hesédico, baseado no Amor de Deus.

A injunção “Não matarás”, vem da palavra radical ‘ratsach’. É completamente diferente do ‘matar’, significando

‘assassinar’, encontrado na Bíblia inglesa do rei James. Matar pode ser acidental, ou mesmo necessário, em circunstâncias extremas, para evitar a ocorrência de um mal maior, mas assassinar é matar por um motivo mal. Além das óbvias razões sociais, o significado esotérico torna-se evidente quando esse mandamento é visto para ser colocado no Tiferet da Árvore. Aqui o Ensino mostra que não se pode destruir o próprio Self, ou de outra pessoa. Esse é um crime capital, no qual a morte do Self afeta todos os demais Sefirot, e rompe a conexão entre corpo, psique e espírito. A tradição rabínica estabelece que o primeiro mandamento, na Coroa, corresponde ao sexto, em Tiferet. Isso se evidencia na ordenação “Eu sou Iahweh teu Deus”, que está associada à Coroa de cada Árvore. Portanto, matar, pela provocação da morte física prematura, destrói a esperança da psique e a possibilidade de crescimento do espírito. Tal crime provoca grandes penalidades. Como lembrou um kabbalista: “Seria melhor para essa pessoa que não tivesse nascido”.

Os dois mandamentos referentes ao adultério e ao roubo, relacionam-se a Nezah e a Hod, respectivamente. Na Árvore dos Mandamentos, eles colocam-se sobre os dois Sefirot que agem como uma ponte entre a psique e o corpo. Dessa forma, o mandamento contra o adultério é guardar-se contra a utilização imprópria da mistura dos níveis, bem como a irresponsabilidade sexual. O mau uso dos poderes adquiridos para provocar um efeito desejado é um dos exemplos. O charlatanismo mágico é uma forma de sedução esotérica, ou adultério psicológico. O mandamento acerca do roubo refere-se ao furto de ideias ou de emoções como também dos bens físicos. O adultério e o roubo espirituais podem ser vistos naqueles que misturam e adulteram a teoria e a prática de diferentes disciplinas, levados por motivos egoísticos. Isso não apenas transmite o ensino de forma impura, mas o enfraquece e distorce. Muitas pessoas já destruíram as possibilidades de crescimento espiritual de si próprias e de outras através do rompimento desses dois mandamentos nos Mundos superiores. Tais violações da lei são às vezes de uma consequência maior do que as suas contrapartes físicas. Isso leva diretamente ao nono mandamento.

“Não apresentarás um falso testemunho contra o teu próximo, significa abster-se de mentir não somente para o

próximo, mas para si mesmo. Esse fenômeno pode ser encontrado no relacionamento do ego, em Yesod, com o Self acima, em Tiferet. Assim, o ego, provavelmente inflado pela imagem da própria espiritualidade, posiciona-se diante do mundo e de Deus como uma falsa testemunha da Verdade. Tal mandamento é tão importante quanto à ordenação de não matar, e é colocado no pilar central, que relaciona-se sempre com a vontade. Portanto, qualquer intenção sobre esse eixo de consciência afeta diretamente a conexão com o Divino.

E a razão pela qual o último mandamento, em Malkhut, em termos esotéricos está ligado ao pecado mortal da negação da Sagrada Presença. “Não cobiçarás”, aplica-se não apenas à propriedade do próximo, mas à cobiça do que pertence a Deus. O Sefirah mais inferior é o Reino, e como tal, contém toda a Graça que vem do alto. Por conseguinte, o Universo e tudo nele contido pertencem ao Senhor. Um ser humano pode usar por empréstimo durante a sua permanência na terra todas aquelas coisas que lhe são cedidas pela Providência, mas não as pode considerar como suas posses, porquanto elas são dons. Um indivíduo que acredite ser o proprietário de tais bens, ou mesmo do seu corpo, incorre em um grave erro; cobiçar a riqueza dos outros não é apenas iludir-se, mas negar a verdadeira fonte de tudo o que se é ou que se tem. No trabalho kabbalístico isso é considerado uma das faltas mais perigosas, por gerar o mal do orgulho espiritual, causador da queda de Lúcifer.

O que acabamos de ver ilustra a interconexão entre todos os mandamentos, da forma como se apresentam na Árvore, O comentário rabínico acerca do Decálogo junta os mandamentos em uma só unidade, de modo que o rompimento de um deverá afetar os demais. Para o kabbalista, isso pode ser visto externamente, nas ocasiões sociais e religiosas, e internamente, nas manifestações psicológicas e espirituais, como acontecimentos que em qualquer mundo ou em qualquer nível têm de provocar repercussões nos outros.

A posição do Decálogo na Árvore revela não somente os princípios subjazendo os mandamentos, mas um vislumbre dos Sefirot em ação. Para os israelitas, os dez mandamentos foram o princípio da verdadeira disciplina, e o impacto do seu significado foi peculiar para muitos que, embora desejando ser espirituais,



assim mesmo exclamaram a Moisés: “Fala-nos tu, e nós ouviremos; não nos fale Iahweh, para que não morramos”. Os membros destreinados das tribos psicológicas procuram aqui evitar o contato direto com a realidade e buscam a sombra do mestre ao expressarem o seu medo da morte. No indivíduo, isso é a retirada para o ego, que se tornou subitamente ameaçado de extinção, juntamente com os antigos hábitos e atitudes.

**REGRAS****EXODO 20-23**

“Moisés disse ao povo: ‘Não temais, Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, e não pequeis’. O povo ficou longe; e Moisés aproximou-se da nuvem escura, onde Deus estava”. Segundo a lenda, a experiência de encontrar-se na Presença do Divino, no alto do Monte Sinai, causou uma dor tão forte que os israelitas recuaram e desceram para uma considerável distância do topo da montanha. A experiência, no entanto, deixou-os com uma lembrança inesquecível, e contam que até mesmo os mais ignorantes dentre eles tiveram uma visão que muitos santos não conseguiram obter durante suas vidas. Do ponto de vista do nível pessoal, encontram-se aqui as partes menos importantes da psique retirando-se de uma profunda experiência mística para um estado inferior de consciência, enquanto Moisés permanece em contato Com o Divino, no lugar do Self, onde se encontram os três Mundos inferiores.

Conta-nos o folclore que foi dito aos israelitas para voltarem às suas tendas, onde poderiam manter outra vez relações conjugais, enquanto que a Moisés foi recomendado: “fiques tu ao meu lado”. Vai adiante, a tradição oral ao dizer que esse favor de intimidade deu a Moisés uma clareza que a nenhum outro profeta jamais fora dado possuir. E por que ele estava completamente desperto durante as suas revelações. Aqui está a diferença entre intuição inconsciente, que percebe lampejos de vislumbres, e plenos momentos de consciência lúcida, que relacionam-se a um quadro espiritual integral. Em Kabbalah eles são definidos como os estados menor e maior da profecia. Um exemplo do primeiro é Saul, que teve visões extáticas, mas ficou inconsciente durante suas manifestações (Samuel 10,10).

Enquanto o povo retirava-se para reassumir as suas atividades rotineiras, Moisés mantinha a conexão direta entre os Mundos Divino e humano. Aí começou a segunda fase da iniciação do Monte Sinai. Isso é detalhado nas regras que se seguiram às

dez grandes leis do Decálogo. Tais regulamentos foram chamados de o Código da Aliança.

O Código da Aliança foi prefaciado na lenda bíblica por Moisés, dizendo que a partir daquele instante os israelitas já não poderiam mais ser considerados ignorantes. O significado dessa afirmação é que nenhuma ação deveria ser praticada sem que o seu resultado fosse considerado. A relevância disso era causar um efeito profundo na inconstante história de Israel, na qual a periódica aceitação e rejeição da lei Divina serviam para mostrar ao restante do mundo que, enquanto o conhecimento espiritual significa privilégio, também quer dizer responsabilidade. Foi para demonstrar esse princípio que Israel foi escolhido para se manter como paradigma do mundo.

Para que não houvesse qualquer mal-entendido sobre os dez mandamentos, quando aplicados à vida cotidiana, o Código da Aliança apresenta uma série de exemplos de conduta correta. Para o observador destreinado, o texto do Êxodo 21 ao Êxodo 23,33 parece não ser mais do que um exercício legislativo. Pois não é. O que está sendo mostrado é a aplicação dos princípios Divinos da Justiça e da Misericórdia, baseadas em um conhecimento das Leis que governam a Criação. Assim, por exemplo, “se alguém ferir o seu escravo ou a sua serva com uma vara, e o ferido morrer debaixo de sua mão, será punido”. Essa não é a dura lei do Antigo Testamento que se supõe famosa por isso, mas um reconhecimento da causa e do efeito. A palavra crucial é ‘será’. Isso não quer dizer que um homem deva ser punido, mas pela lei do balanceamento cósmico tal coisa é inevitável, pois que o Sefirah da Justiça existe para corrigir a injustiça e trazer a Existência de volta ao equilíbrio.

A regra “não afligirás o estrangeiro nem o oprimido, mas tende compaixão dele, pois vós mesmos fostes estrangeiros no país do Egito”, relaciona-se ao auxílio aos buscadores da verdade, aos inocentes, e àqueles confundidos pelo mundo. Não se deve levar vantagem sobre eles. Da mesma forma o regulamento acerca do dinheiro dado aos pobres refere-se aos assuntos interiores. Não deveria ser usado para aprisioná-los ou por ganância. Esse tipo de riqueza é concedido para apoiar o fraco e não para ser corrompido, como sucede frequentemente quando entra em cena o clericalismo.

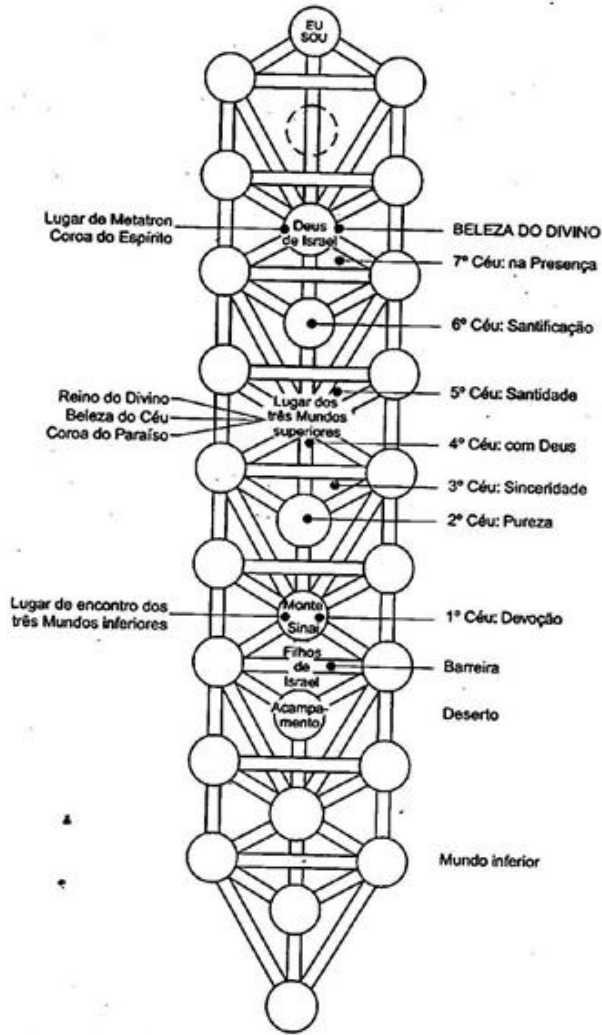
A parte final do Código da Aliança é mais direta, mas de

igual profundidade. Por exemplo: “Não tomarás o partido da maioria para fazer o mal”. Isso significa que a pessoa não se deve colocar sob as leis que regem as grandes massas, as quais estarão sempre sujeitas ao fluxo e refluxo da moda, da diversão inconsequente, dos jogos econômicos, da política e da guerra. Nesse contexto, o mal é uma atividade sem Deus. Um grande mestre na tradição disse, em época posterior, o mesmo com outras palavras: “Estar no mundo mas não ser do mundo”. Um outro versículo adverte contra a justiça corrompida em favor de uma pessoa que é desvalida mas que está errada. A verdade deve vir em primeiro lugar. Esse é um aviso para a fraqueza de um Hesed ou Misericórdia excessivo. Em outro versículo a pessoa é advertida a descansar não apenas ela própria no shabbat, mas os seus servos e animais, pois todas as coisas criadas precisam ter um período de recreação. Eis uma apreciação profunda dos princípios cósmicos, quando aplicados à vida.

Nos versículos de encerramento do Código, são baixadas instruções acerca de peregrinações religiosas. São os períodos dispostos anualmente para as jornadas espirituais. Exteriormente, tais celebrações nacionais estão relacionadas às estações para que um aspecto cósmico surja nesses períodos de reflexão espiritual.

No nível individual, é a prática diária do ritual, da oração e da contemplação, ao alvorecer, ao meio-dia e à noite. Essas ocasiões de meditação levam o indivíduo e o Universo a um relacionamento, e fazem lembrar à pessoa a Fonte da Existência.

O Código da Aliança termina com a ordenação do Senhor: “Eis que envio um anjo diante de ti para que te guarde pelo caminho e te conduza ao lugar que tenho preparado para ti”. Para o kabbalista, essa é a conexão interior com a tradição.



**Figura 12.** Escada do Monte Sinai. No seu acampamento na Fundação do ego, os israelitas subiram ao pé da Montanha Sagrada. Aqui, onde se encontram os três Mundos inferiores, eles ficaram diante das barreiras, enquanto os anciãos da psique e Moisés prosseguiram na escalada. No nível do quarto Céu, os anciãos aguardaram, na Coroa da Formação, de onde vislumbraram, através da Beleza da Criação) o Reino da Emissão, no qual Moisés penetra para comungar com o Divino.

## VISÃO

### Êxodo 24

De acordo com a tradição rabínica, o anjo enviado por Deus para guiar os israelitas era ninguém menos que o arcanjo Metatron, que é o Henoc transfigurado. A razão para isso é a frase: “Nele está o meu Nome”, associada à Henoc, de quem a tradição kabbalística diz ser o mestre esotérico da Humanidade. Como tal, ele tem um interesse direto em qualquer pessoa que aspire libertar-se do domínio dos Mundos inferiores por meio do espírito, onde Metatron se situa na Coroa da Árvore da Criação, na sua qualidade de o anjo do Senhor. Como Henoc, ou o ‘iniciado’, ele conhece todas as lutas com as quais se debate um ser humano e, por conseguinte, está bem credenciado para conduzir os israelitas aos Mundos superiores e invisíveis, utilizando-se da intermediação de Moisés.

O contato com um ser espiritual que dá instruções é aceito na tradição, e muitos kabbalistas através dos tempos afirmam ter sido abordados por um maggidim, como costuma ser chamada essa entidade espiritual. Alguns disseram haver tido Elias como mestre, e isso parece correto, porque o profeta, cujo nome significa ‘Deus é IAHWEH’, é considerado como uma manifestação de Metatron. Para alguém que tenha atingido o nível do espírito, não é incomum sentir a presença de um guia invisível. Muitos já experimentaram a intervenção de tal inteligência em suas vidas, embora não se possa estabelecer nenhuma prova direta desses eventos, exceto através da experiência pessoal. Um exemplo em Kabbalah é o do rabino Joseph Karo, um homem da lei que viveu na Palestina do século XVI, e que relatou em seu diário tudo o que o mentor angélico lhe havia falado.

O contato direto com os níveis angélicos revela uma mudança maior de estado, na qual o intercâmbio entre o Céu e a Terra pode então acontecer livremente. A relevância disso para Israel e para o indivíduo é enorme. Encarado do ponto de vista

kabbalístico, significa que as regiões celestiais de existência podem manifestar-se abaixo, em uma consciência que seja capaz de receber um poder e uma visão do que normalmente não ocorre em uma experiência mundana, enquanto capacita aqueles que se encontram abaixo a ascenderem para fora da condição de escravos da matéria, e vislumbrarem as maravilhas dos Mundos superiores. É nesse ponto, em Êxodo 24, que se estende um convite, não apenas a Moisés, mas também a Aarão, a seus dois filhos e aos 70 anciãos, a subirem para as regiões mais elevadas da Montanha Sagrada.

No altar de 12 colunas, erigido por Moisés no sopé da Montanha, o Código da Aliança foi lido para a população. Depois que esta concordou em fazer tudo o que lhe fosse pedido, Moisés aspergiu o sangue do sacrifício sobre ela, dizendo: “Este é o sangue da Aliança que Iahweh fez convosco, através de todas estas cláusulas”. Por meio dessa operação física e simbólica, a Aliança foi feita e selada, visto que os rituais são realizados com a finalidade de afetar o corpo, a psique e o espírito do compromissário. Dessa forma, todos os níveis e todos os Mundos encontram-se envolvidos e o consentimento é total. Havendo completado a cerimônia, o estado elevado de consciência permitiu que aqueles convidados pelo Divino subissem através dos Mundos. Essa jornada miraculosa está descrita no versículo nono de Êxodo 24. Com a maior concisão. “E Moisés, Aarão, Nadab, Abiú e os setenta anciãos de Israel subiram. Eles viram o Deus de Israel. Debaixo de seus pés havia como um pavimento de safira, tão pura como o próprio céu. Ele não estendeu a mão sobre os notáveis dos filhos de Israel. Eles contemplaram a Deus e depois comeram e beberam”.

Em termos kabbalísticos, a assembleia de almas atingiu a Coroa da Formação, que é simultaneamente o Tiferet Central do Mundo da Criação e o Sefirah básico da Emanação.

Desse lugar, onde se encontram os três Mundos superiores, eles viram a Luz Divina de Atzilut brilhando através da substância lúcida do Céu, acima do que estava com os pés tocando a Criação, o Deus de Israel. Enquanto nesse estado de graça; ninguém sofreu qualquer dano que poderia ter ocorrido na presença de tal poder espiritual e radiação Divina. Em vez disso,

eles foram alimentados com a comida dos seres angélicos, que é a emanção dos ELOHIM.

Visto na experiência pessoal, tal momento de visão durante uma cerimônia de iniciação não é desconhecido, embora possa ser apenas o mais breve dos lampejos, que revele todos os Mundos presentes dentro e fora de uma pessoa. Essa rapidez, como no exemplo das Escrituras, é para resguardar contra qualquer perigo um corpo e uma psique despreparados. Em alguns casos a pessoa deseja morrer, porque a alma e o espírito não aspiram nada mais do que a união com Deus. Enquanto algumas tradições buscam esse estado como um ideal, a Kabbalah não treina os seus praticantes para deixarem a terra antes do momento apropriado. Ela leva o indivíduo até esse nível, a fim de que ele possa se tornar um canal para que os Mundos superiores fluam através e para baixo, no que se chama de um ato de unificação. Desse modo, os níveis inferiores da Existência podem ser permeados com uma consciência da alma, do espírito e da Divindade.

É interessante notar aqui, que os filhos de Aarão estão incluídos nessa ascensão, porque mais tarde eles vieram a morrer, quando usaram fogo 'irregular' ou exterior durante uma oferenda sacerdotal (Levítico, 10,2). Tal exemplo serve de aviso aos espiritualmente ambiciosos, que embora considerando haverem obtido uma vez o privilégio, ainda existe o perigo de cometer erros. Isso pode custar o preço mais alto e precipitar uma queda do lugar mais elevado que a maioria dos mortais seja capaz de alcançar.



## ELEVAÇÃO

## EXODO 24

“Vaal Mosheh el haHar”. “Depois, Moisés subiu à montanha. A nuvem cobriu a montanha. A glória de IAHWEH pousou sobre o Monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, Iahweh chamou Moisés do meio da nuvem.” Nessa série de sentenças majestosas, Moisés começa a elevar-se além do nível dos anciãos e penetrar no Mundo seguinte. Visto kabbalisticamente, ele deixa a Coroa do Mundo da Formação para entrar no Lugar da Beleza, que fica no centro do Mundo do Espírito. Esse Tiferet da Criação é o estágio mediano do lugar de encontro dos três Mundos superiores e, tradicionalmente, onde reside o grande arcanjo Miguel, cujo nome significa ‘à semelhança de Deus’, na sua qualidade de sumo sacerdote da Jerusalém Celestial. Em tal nível espiritual, diz-se que a pessoa está com Deus’, embora a transposição para o terceiro ou Atzilúutico estágio desse nível, quer dizer, para o Malkhut ou Reino do Mundo Divino, ainda esteja para acontecer.

Na literatura apócrifa, o espaço entre Moisés deixando os anciãos e dirigindo-se para a parte superior da montanha é preenchido com uma narração desse estágio de sua elevação. Não é rara a sua experiência como a da sarça ardente, mas a diferença é que agora não se trata de um Moisés imaturo, embora ele não se ache de forma alguma absolutamente autoconfiante, à medida que transpõe as diversas fronteiras dos Céus. Isso quer nos dizer que, embora a pessoa possa estar segura a respeito dos níveis abaixo, sendo mesmo sua mestra, há sempre os níveis acima, que restam o equilíbrio, a pureza e o conhecimento daqueles que penetram nesses Mundos supremos. Eis por que determinadas práticas kabbalísticas foram reservadas somente àqueles que desfrutam de boa saúde, psique estável e tenham uma conexão bem estabelecida com o espírito.

Nessa ascensão, dizem, a nuvem que permanecia no topo do Monte Sinai abriu-se para permitir a entrada de Moisés.

Kabbalisticamente, essa nuvem mais alta representa os níveis líquido e aéreo da Formação e da Criação, contendo a Presença do Espírito Santo. Quando Moisés ultrapassou o lugar dos anciãos, abaixo, ou seja, o Mundo psicológico de Yetzirah, e entrou no reino espiritual de Beriah, foi recebido pelo porteiro angélico Kemuel, que juntamente com 12 000 anjos destruidores, guardava os portões do firmamento. Esse ser formidável perguntou a Moisés por que ele estava ali, onde não era permitido a um homem permanecer. Moisés respondeu que tinha sido chamado pelo Santo para receber a Toráh, e levá-la de volta a Israel. Kemuel, igualmente a todos os seres angélicos, apenas podia cumprir uma ordem de cada vez, e continuou bloqueando o Caminho. E assim, contam, foi dado a Moisés o poder de remover Kemuel completamente daquele Mundo, e dessa forma continuar a sua elevação, que passou através dos sete estágios. Isso é sugerido em Êxodo 24,16, nas palavras: "... durante seis dias. No sétimo dia, Iahweh chamou Moisés do meio da nuvem". Durante esses dias Moisés passou por uma série de encontros similares com outros seres angélicos, com cada um questionando veementemente o seu direito de estar ali e de ir mais para cima. Felizmente o Senhor Onisciente está acompanhando a ascensão, e desse modo o Caminho se abre para Moisés. E interessante notar aqui, que uma vez que os anjos aceitaram Moisés, tornaram-se seus protetores. O anjo Hadarniel, por exemplo, antecede Moisés na entrada ao estágio seguinte, de Sandalfon, que junta às preces que sobem em buquês, para a Coroa do Senhor. Essa ocupação angélica é tão importante que as Hostes Celestiais estremecem quando as orações entrelaçadas se elevam dos reinos inferiores. Para ilustrarem seguida a outra escala mundana que Moisés ultrapassa na sua elevação, em um determinado ponto ele deve cruzar o ígneo rio de Rigion, onde os anjos se purificam. Essa corrente tão ardente circunda o Trono do Céu, como uma vala celestial, e faz parte de uma topografia espiritual descrita na primitiva literatura kabbalística.

Quando Moisés aproximou-se do Trono, foi recebido pelo arcanjo Raziél, o revelador dos segredos de Deus, que trouxe Moisés em segurança através dos escalões angélicos do Trono, até à Presença do Divino. As escrituras descrevem o sinal da glória do Senhor como devorando o fogo no topo da montanha. A tradição

oral, em contraste com esse aspecto severo do Divino, diz que Moisés contemplou Deus sentado no seu Trono, ornamentando o Ensino com decorações sob a forma de coroas, para indicar o quão elaborada seria a Toráh nos tempos vindouros. Moisés ficou ali por 40 dias, enquanto o Santíssimo, pessoalmente, o instruía acerca da natureza da Divindade, da composição do Universo e do propósito da humanidade. Foi também mostrado a Moisés o que poderia ser baixado por escrito, e o que só poderia ser passado pela palavra oral. Daí veio a Lei Escrita, que era para ser estudada durante o dia, quando ela podia ser vista, e a Lei Oral, que era para ser aprendida durante a noite, em reclusão discreta. Ainda foi mostrado a Moisés tudo sobre os sete Céus, sendo-lhe permitido ver o Templo celestial.

O folclore judeu lembra que Moisés continuou esquecendo as suas lições, o que é um acontecimento comum para qualquer um que passe por uma experiência mística. Contudo, a ele foi assegurado que o Ensino ficaria profundamente entranhado nos níveis espirituais de sua natureza. Ao terminar o seu curso de treinamento celestial, foram-lhe entregues duas tábuas feitas de uma estranha pedra do tipo safira, que podia ser dobrada como um rolo. Na sua superfície tinham sido gravados os dez mandamentos, de tal forma que pudessem ser vistos de ambos os lados. Com efeito, entre cada linha estavam escritas todas as particularidades dos preceitos. Tal instrumento, escrito pelo dedo Divino, destinava-se a formar a base da Bíblia, do modo como a conhecemos.

Além das leis voltadas a ordenar e governar a comunidade ainda desorganizada de tribos, foram dadas a Moisés instruções detalhadas acerca da construção de um Tabernáculo móvel. As recomendações continham não apenas planos estruturais, mas os projetos para o mobiliário e as vestimentas sacerdotais. Elas foram elaboradas meticulosamente antes de serem transmitidas a Moisés, porque o Divino queria que cada detalhe refletisse um aspecto da Toráh, ou Ensino, referente ao Homem, ao Universo e a Deus.

Tudo o que acabamos de ver, quando considerado no nível do indivíduo, é a experiência da realização mais profunda. Em tal momento, o que foi, o que é e o que será para uma pessoa, é revelado em uma intensa iluminação, na qual todos os

acontecimentos aparentemente desconexos da vida se fundem no reconhecimento de que se foi treinado para preencher um determinado destino. Isso frequentemente precipita uma reorientação interior total, quando são mostradas à pessoa coisas referentes aos Mundos superiores, das quais—até então só se tinha ouvido falar. Como, a exemplo de Moisés, o resultado é a recepção de uma instrução direta de como fazer descer o que lhe foi mostrado na visão, e dessa forma construir um Tabernáculo na Terra, para funcionar como um reflexo vivo da Criação e da Divindade.

---

CONHECIMENTO

DA

EXISTÊNCIA

---

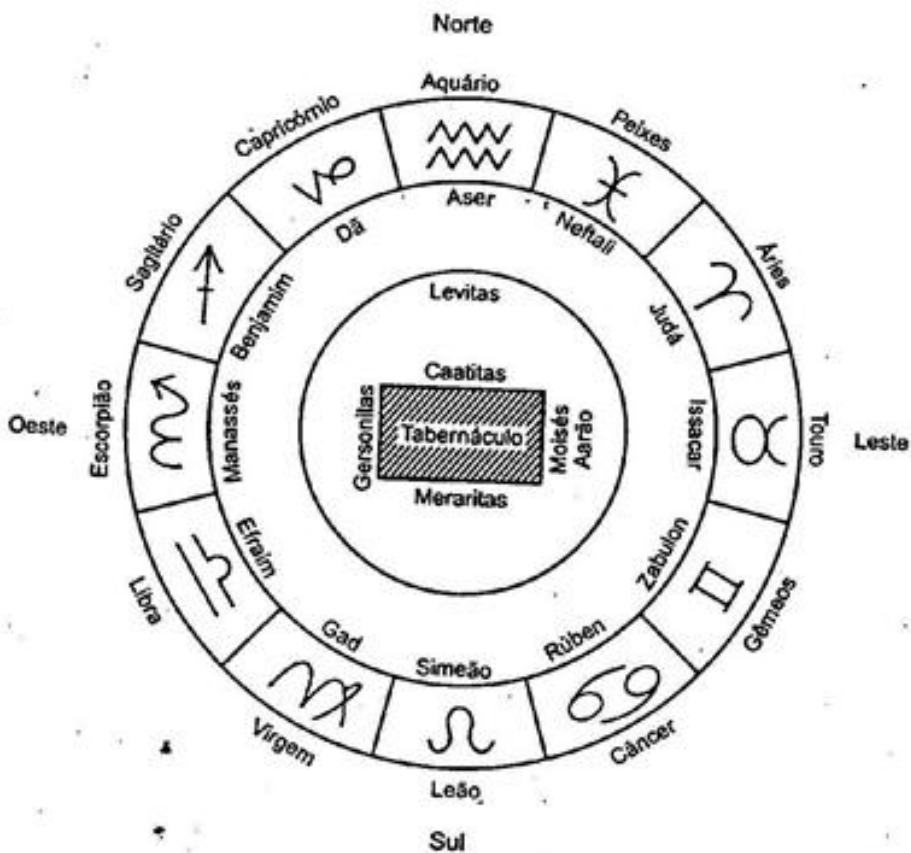
## PRONTIDÃO

## ÊXODO 25

O capítulo 25 do Êxodo começa com as palavras: “Tahweh falou a Moisés, dizendo: ‘Dize aos filhos de Israel que me tragam uma contribuição. Tomareis a contribuição de todo homem cujo coração o mover a isso’. Essa determinação do Divino, antes da descrição do padrão do Tabernáculo, é crucial quando afirma que um homem precisa dar ao Senhor alguma coisa de dentro do seu coração. Na Kabbalah essa é a tríade da Alma composta dos Sefirot emocionais da Justiça e da Misericórdia, ou disciplina e amor, e de Tiferet, o Sefirah da Beleza e da Verdade.

Na tradição rabínica, Deus diz: “Não penseis que estais dando essas oferendas em retribuição às coisas que vos fiz no Egito, quando Eu vos vesti e calcei pelos egípcios, que amontoavam oferendas diante de vós. Não! Dareis a vossa contribuição através do santuário, pela vossa própria vontade”. Tal recomendação apresenta uma compreensão correta da riqueza e do seu uso apropriado, definindo, por conseguinte, o modo como um indivíduo deveria utilizar as suas habilidades físicas e os seus dons psicológicos para ajudar no crescimento e na construção de um santuário espiritual interior.

O texto prossegue então para relacionar uma lista de materiais. São ouro, prata e bronze, corantes azul, púrpura e escarlata, linho fino, pêlos de cabra, pele de carneiro tingida de vermelho, couro fino e madeira de acácia, azeite, especiarias, ônix e outras pedras, para serem utilizados nas vestimentas sacerdotais. O fato de os israelitas se encontrarem no meio do deserto, indicava claramente que deveriam obter os seus próprios recursos. O paralelo psicológico é perfeito. No trabalho da Alma, uma pessoa não pode confiar em mais ninguém, nem pedir emprestado ou roubar qualquer coisa que venha a realçá-la.



**Figura 13. Tribos e Tabernáculo.** No antigo mito judeu, as tribos acampavam do modo acima, de acordo com o zodíaco, com os levitas ao centro. Esse duplo círculo representa os 12 portões do Espírito, com o núcleo interior da humanidade iniciada o mais próximo possível do centro esotérico, simbolizado pelo Tabernáculo.

Os materiais listados têm um significado esotérico. Por exemplo, o ouro, que deve ser trabalhado em estado puro, representa a Emissão inferior, enquanto o ouro comum simboliza o Mundo da Criação. A prata simboliza o Mundo da Formação e o bronze o Mundo da Ação. As diversas cores significam igualmente os três níveis inferiores da Existência. Azul-celeste é para o Céu, púrpura, a mistura do azul e do vermelho, para o Mundo da Alma, e o escarlate, a cor do sangue e da terra, para o Mundo da Ação. O linho branco é a base material e a cor para o Solo Divino da Emissão.

A localização do Tabernáculo é no centro do acampamento israelita, que se arranja de acordo com as quatro divisões das 12 tribos ou tipos humanos. Tais subdivisões expressam-se pelos quatro temperamentos elementares, associados aos quatro Mundos. Aqui, a Ação representa-se pela Terra, a Formação pela Água, a Criação pelo Ar, e a Emissão pelo Fogo. Portanto, o círculo que rodeia o núcleo do Tabernáculo é cósmico na sua concepção. Assim, cada tribo por sua vez tinha um signo do zodíaco (Figura 13). Segundo a tradição rabínica, as posições das tribos foram dispostas em sua sequência zodiacal, com Judá, Issacar e Zabulon a leste, Rúben, Simeão e Gad ao sul, Efraim, Manasses e Benjamim a oeste, e Dã, Aser e Neftali ao norte.

No lado interno do círculo das tribos, entre estas e o Tabernáculo propriamente dito, deveria ficar a tribo sacerdotal de Levi. Esta, por sua vez, dividia-se em quatro clãs, de Merari ao sul, Gérson a oeste, Caat ao norte, e Moisés e Aarão e seus filhos a leste. Tal honraria deveu-se a que a tribo dos levitas conservou os preceitos patriarcais durante a escravidão no Egito, mantendo portanto viva a memória dos Mundos superiores, enquanto os demais israelitas copiaram os costumes egípcios. Essa lealdade ao Deus dos seus ancestrais concedeu-lhes o privilégio e o dever de guardarem e servirem ao santuário. Moisés era desse clã, e ao se tornar o seu líder, inevitavelmente passou a dirigir as outras tribos como sumo sacerdote e rei de Israel, em nome de quase tudo. Seu treinamento anterior na corte egípcia e com Jetro, fora cuidadosamente preparado pela Providência.

Encarada a partir do nível individual, a organização do acampamento representa a ideia de uma ordenação dos elementos



psicológicos exteriores, de acordo com o temperamento zodiacal de cada tribo. Os aspectos mais refinados e profundos da psique, formados pela devoção longa e diligente (os levitas), elaboram um lugar interno, em relação ao trabalho e à adoração. Tal disposição interior compõe-se daquelas partes nossas que combinaram daí à psique o princípio de alguma unidade e estabilidade. Esses levitas interiores submetem-se facilmente à disciplina espiritual, enquanto que o círculo exterior dos israelitas distrai-se rapidamente com os assuntos externos ou com os conflitos intertribais dentro da psique. A divisão dos levitas em quatro clãs revela as quatro abordagens tradicionais do ritual, devoção, contemplação e misticismo. Aí estavam os caminhos da ação, da emoção e do intelecto, com o clã de Aarão representando a dimensão mística.

Segundo o Talmud, o espaço no meio do círculo dos israelitas seria o de situar o Tabernáculo. Não apenas como o foco do Divino na Terra, mas o centro da Santidade para todas as nações do mundo. Seguem-se então as especificações para a Miskan, ou lugar da Morada, onde pode residir a Sagrada Shekhinah.

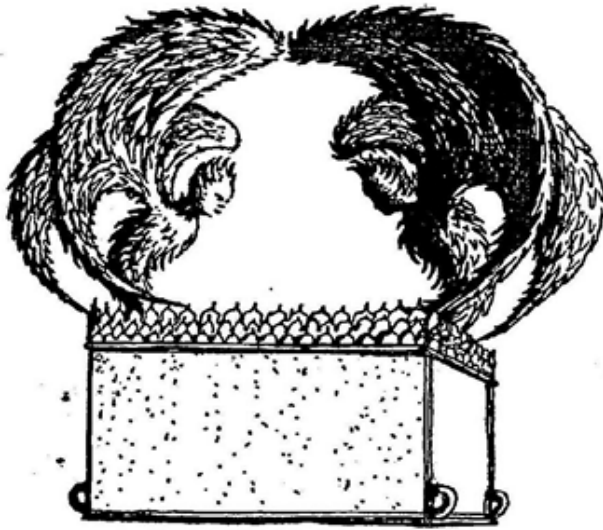
## DIVINDADE

## ÊXODO 25

O versículo nono do capítulo 25 do Êxodo lembra as palavras de Deus: “Faras [o Mundo da Ação] tudo conforme o modelo do Tabernáculo e o modelo da sua mobília [o Mundo Formativo das Espécies] que irei te mostrar [o Mundo Criativo das Ideias]”. Os próximos seis capítulos do Êxodo referem-se a uma exposição de como exatamente a operação seria efetuada. O paralelo humano é o do escultor que transforma uma idéia criativa em um projeto que pode executar como um trabalho sólido. Aqui estão Vontade, Criação, Formação e Ação. Portanto, o homem, imagem do Criador, imita Deus.

Nas instruções Divinas a Moisés, tudo foi elaborado nos mínimos detalhes. Cada elemento não somente relacionava-se com o seu vizinho, mas a uma unidade maior, que por sua vez encaixava-se em um esquema integrado, que expressava, dentro de sua complexidade, a Unidade da Existência. Conceber, projetar e construir tal edifício, requeria especificações muito precisas, e elas foram dadas, de acordo com o processo de manifestação. Portanto, acontece que a criação do Tabernáculo não começou com o planejamento global exterior, mas com o mínimo e mais íntimo elemento. A joia se faz antes da sua apresentação. Seguindo as Leis da Existência, os dez mandamentos deveriam ser colocados na Arca; quer dizer, os representantes Divinos dos Sefirot precisam ser contidos em uma criação, simbolizando tanto o espaço quanto o tempo.

A Arca, que era depois das tábuas da Lei o mais sagrado dos objetos, deveria ser um cofre retangular, com dois côvados e meio de comprimento por um côvado e meio de largura. Sua base seria feita de madeira de acácia sem nós e sem fissuras que, contanos a tradição, Jacó teria levado ao Egito para ser mantida de prontidão para tal uso. A cobertura da madeira feita de ouro. Tal qualidade luminosa e imutável utilizava-se para expressar a soberania eterna de Deus. Metal do Sol, o ouro era a luz infinita



**Figural 14. A Arca.** Feita por Beseleel, cujo nome significa ‘na sombra de Deus’, a Arca é construída de madeira de acácia, coberta do mais fino ouro. Rodeada por uma coroa flamejante, o Trono superior da Misericórdia tem dois querubins, cujas asas formam o espaço no qual reside a Shekhinah, a Presença Divina. É o lugar em que o Absoluto e o relativo se encontram, e o Divino pode falar ao âmago do homem.

Mantida em uma forma material. Folhear a madeira da Arca por dentro e por fora, as coberturas interiores e exteriores, falava da Emanação oculta e manifesta. Para completar o simbolismo Atzilúutico, Moisés foi instruído a fazer uma coroa de ouro, que funcionaria como um halo de radiação, ao redor da parte mais alta da Arca.

O tampo da Arca se constituiria de uma chapa de ouro puro, contando dois côvados e meio de comprimento por um e meio de largura, destinado a ser o Trono da Misericórdia. Visto kabbalisticamente, o Trono representava a parte superior da

Criação, correspondente à parte inferior da Emanação. Isto é, onde o Mundo Divino interpenetra o Mundo do Espírito. Em ambas as extremidades do assento, seriam colocados dois querubins, feitos de ouro batido, cujas asas se arqueariam acima e à frente para formar um Trono. Tais criaturas angélicas dos Mundos superiores, as quais Deus apresentara para guardar o Caminho Da Árvore da Vida, flanqueariam a Sagrada Presença da Shekhinah, pairando entre eles e por sobre a Arca. Como tal, elas representavam as Hostes de IAHWEH, à direita, e as Hostes dos ELOHIM, à esquerda. Esse arranjo apresentava o esquema das três colunas, Misericórdia à direita, Justiça à esquerda e Graça Divina no centro. Kabbalisticamente encontram-se os três supremos da Criação, com o CRIADOR guardado pelos grandes espíritos de Raziel e Zafkiel. Não foi sem motivos que a Arca chamou-se de O Trono do Céu. Mais tarde deveria ser coberta com uma cortina de feitura azul-celeste, quando tivesse que ser levada pelos levitas. De acordo com o folclore, a extensão total dos querubins era de 22 palmos. Esse é o número das letras do alfabeto hebraico. Em Kabbalah, as letras definem os caminhos na Árvore, que unem os Sefirot. Também elas, segundo a tradição, por meio das suas combinações trazem a Criação à existência. Um outro fragmento do folclore diz que os querubins tinham suas faces voltadas para trás, como se olhassem em direção ao seu Mestre. A Bíblia é mais precisa, quando no seu texto declara que as faces deveriam se voltar para o Trono da Misericórdia, no qual o Senhor promete morar e encontrar Moisés.

A Arca seria o lugar onde o Divino pudesse descer através dos Mundos para falar aos homens. Diante desse altar terrestre, um indivíduo poderia dirigir-se ao seu Criador, que estava preparado para sair da Transcendência Absoluta em direção ao Universo relativo, para assim falar diretamente a um ser humano “como um homem fala ao seu amigo”. Tal acontecimento tinha as implicações mais extraordinárias para toda a humanidade. Com efeito, a Arca não seria apenas o centro do Tabernáculo, o acampamento israelita rodeando as nações, mas o foco da Criação, quando o Divino comungava com o homem, a Imagem de Deus, no meio da Existência.

## CRIAÇÃO E ESPÍRITO

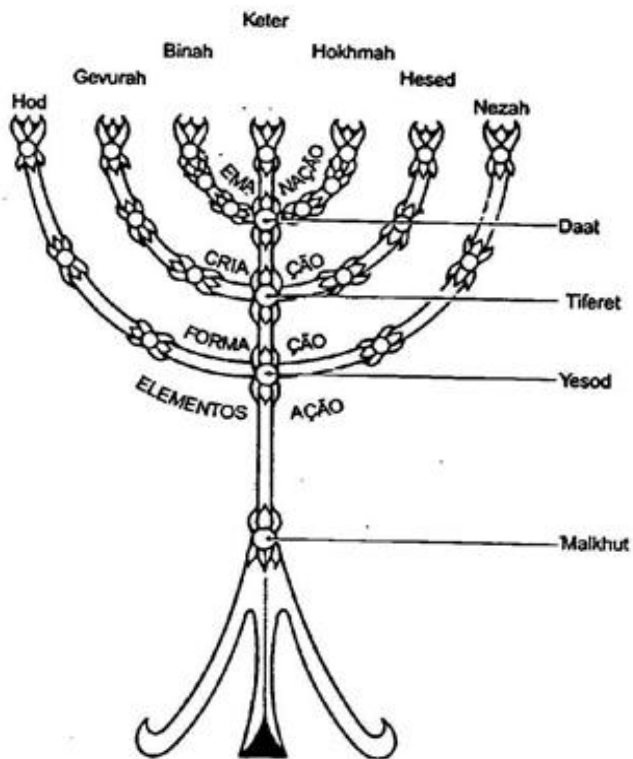
### EXODO 25

Depois da Arca segue-se a descrição de como fazer a mesa dos pães da oblação. Construída de madeira de acácia e revestida de ouro puro, igualmente à Arca, com uma moldura sob a forma de coroa. Ela seria colocada no lado norte do Tabernáculo, em cima dela postos 12 bolos ou pães cozidos com o melhor trigo, os quais ali seriam deixados durante uma semana, na presença de Deus. Após esse prazo, seriam retirados pelos sacerdotes e comidos em lugar sagrado, enquanto outros 12 pães frescos seriam postos no seu lugar, sobre a mesa. Também seriam feitos com a mesa vários utensílios a serem utilizados na preparação da ceia sagrada. Tal refeição composta de dois níveis: do sustento dado a todas as criaturas que ceiam na mesa real da Criação, e do Anfitrião Divino, que a tudo provê. Assim, enquanto o pão da oblação viria da terra, as vasilhas de ouro nunca conteriam qualquer produto terreno, porquanto reservadas para a contribuição celestial ao repasto. A bonita apresentação da mesa seria a oferta do homem a Deus, de quem se disse ter prazer com o serviço prestado pelos representantes sacerdotais da humanidade.

O objeto discutido a seguir é o menor á, ou o candelabro de sete braços. Ficaria do lado sul, em oposição à mesa dos pães da oblação. Construído de ouro puro e batido em uma só peça, tinha a forma de uma haste central, com três braços de cada lado, perfazendo ao todo sete cálices para a colocação das velas. Suas decorações continham 22 elementos, para tornar-se não apenas um implemento ritualístico muito bonito, mas um diagrama metafísico das Leis da Existência. Veja os detalhes; temos a vela ou luz central como a Coroa da Graça, com as luzes misericordiosas ou ativas na ala direita, e as severas ou passivas no lado esquerdo (Figura 15). Os três pontos de conexão dos braços, na haste central do Equilíbrio, fixam os lugares do Conhecimento, da Beleza e da Fundação, com o pedestal como o Reino. As 22 decorações especificadas correspondem aos 22 caminhos da

Arvore, conectando os Sefirot. A escritura (Êxodo 26,30) é absolutamente insistente de que não se deveria desviar do modelo revelado na montanha. Não pode haver distorção humana desse paradigma preciso do Ensino.

Quando a mesa dos pães da oblação e o candelabro são postos lado a lado, formam uma unidade, com as lâmpadas lançando luz sobre a refeição sagrada que está para ser servida



**Figura 15. Candelabro.** Batido em uma única peça de ouro imaculado, para representar a pureza da Unidade Eterna, o candelabro de sete braços é um símbolo dos dez Atributos Divinos. Com os Atributos da Misericórdia à direita, os da Justiça à esquerda e os da Graça ao centro, o Menoráh também corporifica os 22 caminhos na sua decoração. As Divinas Misericórdias, Justiça e Graça estão ainda simbolizadas pelo pedestal. Os quatro Mundos estão igualmente incluídos no modelo.

diante do véu da Arca. Vistos kabbalisticamente, esses dois símbolos podem ser encarados como os dois Sefirot laterais inferiores da Árvore Divina e, simultaneamente, como os dois Sefirot laterais superiores do Mundo Espiritual. A mesa, à direita, é a doação ativa do sustento, e o candelabro, à esquerda, a formulação da tradição. Tais qualidades e funções aplicam-se aos Divinos Nezah e Hod e aos criativos Hokhmah e Binah. Entre e diante deles, está o Assento da Misericórdia, completando a tríade que coloca o Trono do Céu abaixo do Homem Divino da visão de Ezequiel.

O significado interior desses objetos sagrados para o indivíduo, é que eles representam os níveis correspondentes de uma pessoa. A Arca é aquela parte de nós mesmos na qual o Divino mora invisível e, às vezes, incognitamente. E o lugar onde o nosso espírito chega diante do Santo interior, enquanto a mesa e o candelabro simbolizam as fontes ocultas da alimentação e do apoio espirituais. Entretanto, igualmente à Arca nesse ponto das Escrituras, eles ainda deverão obter a realização. Esse estágio não foi alcançado porque até então não existe um organismo psicológico firme ou uma disciplina física estável, capazes de manifestar tal princípios espirituais em forma e matéria. O projeto e a construção do Tabernáculo e do pátio circundante, representando as partes inferiores da Criação, todas as da Formação e as superiores da Ação, simbolizam os veículos, espiritual, psicológico e físico a serem desenvolvidos dentro do indivíduo.

A situação sendo descrita em relação ao indivíduo, é que a sua parte mais desenvolvida, personificada em Moisés, encontra-se sob o processo de instrução profunda. Todavia, ainda não existe conexão entre os níveis superior e inferior de consciência. Existe teoria, mas não aplicação. Há revelação, mas não compreensão. O conhecimento direto está presente, mas até então inexistente o caminho que o trará à vida comum. Os anciãos da psique superior esperam logo abaixo, mas longe de vista, e os israelitas da psique inferior permanecem distantes, ao sopé da montanha. Os níveis encontram-se ali, mas desconectados, O casamento entre os Mundos ainda não aconteceu. Ocorrera simbolicamente na próxima sequência.

**MUNDOS DENTRO DE MUNDOS****ÊXODO 26**

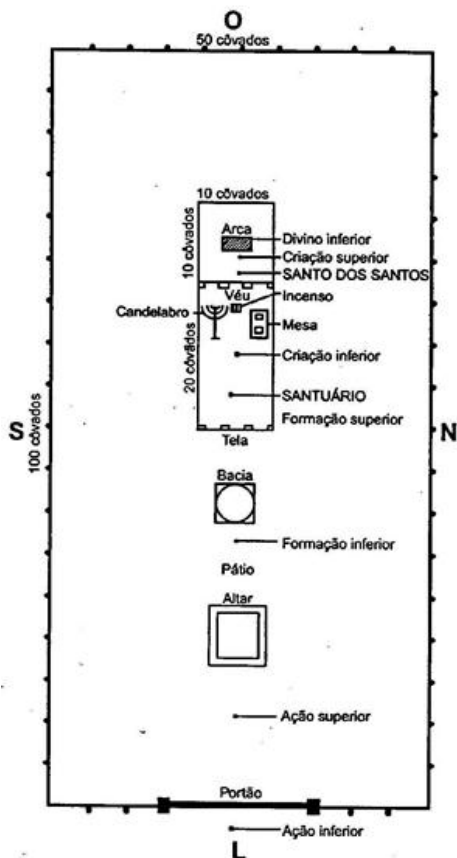
As instruções para a construção do Tabernáculo não começam com o arcabouço de madeira, mas com dez cortinas representando os dez Sefirot do Mundo da Formação. Seriam feitas do branco do linho, entremendo o tecido com azul, púrpura e escarlata, o que simboliza os quatro níveis da Divindade, Criação, Formação e Ação, dentro do Mundo Yeziráico. Os fechos das cortinas, ou o modo como elas deveriam ser penduradas acima e de cada lado, falam das três colunas, e a sua junção em um todo significa a unidade daquele Mundo. Os querubins bordados no pano indicam que esse é o reino dos anjos.

A segunda, a terceira e a quarta camadas de peles de cabra, carneiro e toninha, cobrindo as cortinas de linho, podem ser vistas não somente como uma proteção contra os elementos, mas como as três partes exteriores ou inferiores da Formação, quando se põem em contato direto com o Mundo físico da Ação. Feitas das peles de um animal da montanha, uma besta da planície e uma criatura do mar, elas descrevem a hierarquia dos níveis que protegem as cortinas interiores. O décimo primeiro painel de fechos de pele, formando a dobra acima da tenda, poderia ser visto como o lugar no qual os três Mundos inferiores se encontram, além da tela que ficará diante da entrada do Tabernáculo.

A construção da estrutura do Tabernáculo reveste-se de ouro, por dentro e por fora, indicando a conexão entre o Mundo da Formação e o Mundo Divino da Emissão: o Keter (Coroa) da Formação estabelece contato com o Malkhut, (Reino) da Emissão, no Tiferet da Criação. Em termos humanos é onde a psique alcança o Divino, no Sefirah central do espírito. O projeto do Tabernáculo torna isso possível, ao se erigir e se desmontar à vontade. Isso tem um significado esotérico, porque descreve de que modo um indivíduo, no meio do labor físico, da atividade psicológica e do trabalho espiritual, pode dispor de um lugar sagrado no qual pratique seus atos de adoração, meditação e



contemplação. A apresentação e o desaparecimento da Tenda interior do Tabernáculo acontecem todos os dias na vida de uma pessoa, na sua jornada em direção à Terra Santa.



**Figura 16. Planta do Tabernáculo.** No esquema do Tabernáculo encontra-se uma descrição dos diversos níveis da Existência. Começando pela Arca, o Divino estabelece contato com a Criação superior, no Santo dos Santos. Do lado de fora, o véu do Santuário, como a Criação inferior, liga-se à Formação superior, enquanto a tela separa as duas câmaras internas da Alma e do Espírito, das partes inferiores da psique e do corpo, representadas pelo pátio e adjacências. As dimensões e o mobiliário acrescentam os detalhes mais ínfimos.

As proporções exatas do Tabernáculo não são referidas sem motivo. De acordo com as especificações, o Santo dos Santos é um cubo perfeito, que descreve as seis direções da Existência. Isso nos diz que o Santo dos Santos, contendo a Arca, representa a Emissão inferior do modo como ela se manifesta na metade superior do Mundo Criativo. A parte superior da Divindade está representada pela presença da Shekhinah, pairando entre as asas dos querubins. O comprimento duplo do Santuário indica que a parte inferior da Criação e a parte superior da Formação estão contidas no duplo cubo.

O simbolismo do Tabernáculo completa-se com o véu, que divide o Santuário do Santo dos Santos, e a Tela, na entrada da Tenda, separando o Tabernáculo do Pátio e de suas adjacências.

O Véu diante do Santo dos Santos é também feito de linho branco, azul, púrpura e escarlate, e bordado com figuras de querubins. Esse rico apêndice coloca-se sobre quatro colunas de acácia recobertas de ouro. Temos ainda aqui a repetição dos quatro níveis de Vontade, Mente, Coração e Ação Divinos, que mantêm a Existência em funcionamento. O próprio Véu, além da repetição desse motivo, encerra o Santo dos Santos em uma completa escuridão, fazendo com que a Shekhinah resida fora da visão do homem, exceto quando o alto sacerdote penetra no Santo dos Santos, em determinados dias santificados. O significado disso para o indivíduo é que o Santo dos Santos representa o lugar mais Intimo do Seu inconsciente, onde mora a Arca do seu Deus interior. Quando, em algumas ocasiões especiais, o alto sacerdote ou o contato Divino dentro de uma pessoa é introduzido, sua consciência pode penetrar naquele espaço, no nível mais profundo do seu ser, e chegar ao seu próprio Santo dos Santos. Aqui, ele é capaz de comungar, no silêncio absoluto da completa escuridão, com Deus, que não tem imagem.

As cinco colunas da entrada do Tabernáculo podem ser vistas como símbolos do que é conhecido em Kabbalah como os cinco jardins (Figura 17). Elas são formadas na Árvore ampliada da Escada de Jacó, pelas cinco configurações aladas de Sefirot, conhecidas como Faces. Esses cinco jardins, começando a partir de baixo, representam; 1, a Terra inferior; 2, a Terra superior e o Éden inferior; 3, o Éden superior e o Céu inferior; 4, o Céu superior e a Emissão inferior; e 5, a Emissão superior. Podem

também ser vistos como representando os cinco Sefirot inferiores da Árvore da Criação, com as quatro colunas diante da Arca significando os Sefirot superiores; a Coroa daquele Mundo é compreendida como oculta no próprio Santo dos Santos.

Pode-se perceber a totalidade do Tabernáculo como uma série belamente projetada de símbolos interconectados, tanto dos Mundos superiores do Universo, quanto dos níveis internos do homem. Sua ordem e composição acham-se tão cuidadosamente retratadas nas Escrituras, que somos levados a concluir que nada existe sem razão; até mesmo as pranchas, barras, encaixes e anéis têm uma significação interior. Embora possamos nunca entender o quadro geral, pois os eruditos dizem que os detalhes perderam-se ou foram acrescentados posteriormente ao texto, podemos ainda reconhecer as bases esotéricas dessa edificação, sobre a qual Salomão levantou o seu Templo.

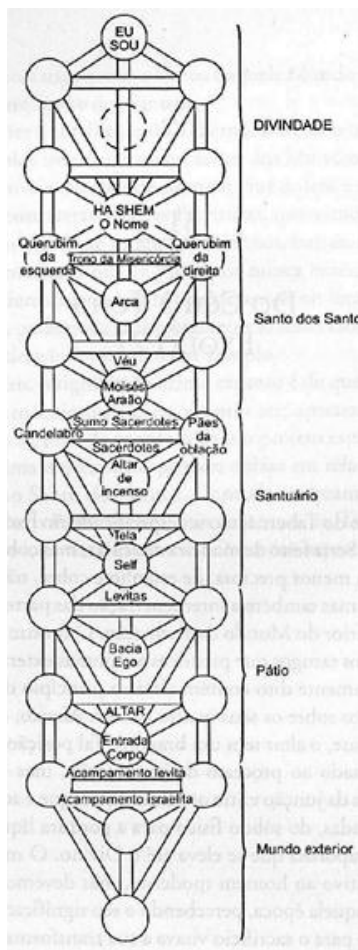
Para o indivíduo, o significado acima exposto é de que torna-se necessário construir um Tabernáculo dentro do próprio ser; apresentar as oferendas, do corpo e da psique e formar, de acordo com um projeto espiritual, um lugar interior no qual a Alma e o Espírito possam entrar em relacionamento correto com o Altíssimo, no Santo dos Santos. Contudo, enquanto essa parte interna está sendo edificada, o Pátio externo, circunjacente ao Tabernáculo, deve ser construído para que haja um fluxo entre os Mundos superior e interior, e os inferior e exterior.

**DO CÉU Á TERRA****ÊXODO 27**

Antes de o pátio do Tabernáculo ser especificado no Êxodo, o projeto do altar foi apresentado. Seria feito de madeira de acácia, mas coberto com bronze. A utilização dessa liga menos preciosa, de estanho e cobre, não apenas denota os Mundos inferiores, mas também a interpenetração das partes superior do mundo físico com a inferior do Mundo da Formação. O bronze é usado por todo o pátio, até mesmo nos tarugos que prendem as colunas externas.

O altar propriamente dito contém ainda o princípio dos quatro Mundos nos chifres colocados sobre os seus quatro cantos. Abaixo, do lado interno e a meio caminho da base, o altar tem um braseiro. Tal posição não é somente um nível prático destinado ao processo de incineração, mas uma determinação muito precisa acerca da junção entre os Mundos, porque é aqui que o fogo transubstancia as oferendas, do sólido físico para a gordura líquida e, em seguida, para uma fumaça vaporosa que se eleva até o Divino. O método do sacrifício pode parecer primitivo ao homem moderno, mas devemos aceitá-lo como o costume exterior daquela época, percebendo o seu significado interior. A oferta do melhor produto para o sacrifício visava a sua transformação de profano em sagrado, fazendo com que tudo o que fosse sacrificado seria no próprio benefício e também no do sacrificante. A alternativa era de o animal ser morto para a mesa de jantar.

Nas instruções iniciais a Moisés na montanha, não existe nenhuma menção à grande bacia para a aspersão, nem tampouco qualquer referência ao altar de incenso diante da cortina da Arca, no santuário do Tabernáculo. Tais versículos são considerados por alguns eruditos como tendo sido incluídos depois do exílio babilo-



**Figura 17. Escada do Tabernáculo.** O projeto do Tabernáculo apresenta-se aqui sobre a Escada dos quatro Mundos. Na Coroa da Criação, o DEUS DE ISRAEL habita entre os querubins, enquanto o Trono da Misericórdia, a Arca, abaixo, atua como o Lugar do Conhecimento Espiritual, acima de Moisés e Aarão. Para baixo deles, vêm os diversos estágios de iniciação e suas manifestações no Tabernáculo. Além da entrada exterior está o Mundo Elemental das sensações e da Natureza.

nico. Seu propósito é a purificação dos sacerdotes e a elevação do nível do estado de consciência dos celebrantes, pelo uso do incenso. Diz a tradição que a bacia para a ablução era feita dos espelhos metálicos das mulheres que serviam na porta da Tenda da Reunião. Simbolicamente, essa idéia representa claramente a dissolução da vaidade do ego, e a sua transformação em um instrumento de obtenção da pureza: e esse é o exato papel do Sefirah Yesod no psicológico da Formação.

Os muros externos do pátio repetem as proporções do Tabernáculo, mas em escala mais ampla. A localização do Tabernáculo na seção oeste também reproduz a idéia da parte inferior de um mundo apresentando-se dentro de uma área maior. Portanto, a Arca, que é a parte inferior da Emanação, está contida no santo dos Santos, ou a parte superior da Criação, compreendida, por sua vez, na parte inferior da Criação, do Santuário, o qual, a seu turno, está encorpado pelo tabernáculo como um todo, circundado, ele próprio, pelo pátio, onde a Forma inferior é simultaneamente a parte superior do Mundo da Ação. Além da parede do pátio, fica a parte inferior do Mundo Natural, que subdivide-se em levitas e israelitas, e em todas as outras nações que se encontram sob as leis animal, e mineral. Assim, o esquema dos Mundos está completo.

Os detalhes da muralha externa indicam claramente os Mundos inferiores. Quanto aos metais, são utilizados a prata e o bronze. Estes representam a Formação e a Ação. As cortinas dependuradas entre as colunas de bronze são de linho puro. É somente na ala leste, onde fica o portão de entrada do pátio, que são usados os painéis com as quatro cores. Ali estão cinco colunas, de onde pendem os quatro painéis, o que nos leva à repetição dos quatro níveis e dos nove Sefirot com o décimo sempre sendo considerado como fora de visão, nos níveis acima. As dimensões de 100 e 50 côvados podem bem simbolizar o Mundo inferior interpenetrando a metade do seu superior. De tudo isso não podemos estar seguros, visto que o texto original está indubitavelmente incompleto e foi sendo, com certeza, modificado; para ilustrar a questão, os dois últimos versículos deste capítulo desviam-se abruptamente do grande projeto para uma trilha diminuta, relacionada aos ingredientes da fabricação de azeite para o candelabro. Essa fórmula é provavelmente sacerdotal, em vez de

um exemplo do conhecimento acerca dos Mundos interno e superior.

Fugindo do detalhe e visualizando o Tabernáculo em sua posição ao centro do acampamento israelita, vemos como ele se transforma em um ponto focal do desenvolvimento psicológico e espiritual da população. Símbolo dos Mundos interior e superior, a presença do Tabernáculo afetará as tribos e as influenciará por meio de uma sociedade organizada, baseada na lei fundamentada em princípios Divinos. A edificação de um Tabernáculo interior dentro do indivíduo, pela teoria e prática kabbalística, cria e forma um centro similar de gravidade que, ao longo do tempo, transformará o estado da psique e do espírito.

Visto em termos da Escada de Jacó, o Tabernáculo articula-se muito cuidadosamente com o alto através dos diversos níveis. Na Face inferior da Árvore Física, os israelitas representam as atividades e os valores da vida comum. Acima, os levitas significam um nível superior de vida, no qual os padrões são relacionados aos Mundos mais elevados. A entrada do pátio e a tríade do Altar são os lugares onde o físico traduz-se na Forma da Árvore Psicológica inferior, com a bacia constituindo-se no ponto de limpeza do ego (aos israelitas foi permitido o ingresso no pátio, ou na Ação superior). A porta do Self para a Tenda da Reunião está no lugar em que os três Mundos inferiores se encontram, e a tríade da Alma age como a tela diante do Santuário, separando a psique inferior da Face psicológica superior e das câmaras espirituais inferiores do Santuário. Aqui, nas alturas da Compreensão e da Sabedoria psicológicas, estão o pedestal do candelabro e a mesa do pão da oblação. A tríade do Julgamento e da Misericórdia espirituais representa o véu interior diante do Santo dos Santos, onde fica a Arca, no lugar do Conhecimento espiritual (logo acima do ponto de encontro dos três Mundos superiores). Ali, entre os querubins, paira HaShem, o nome de IAHWEH-ELOHIM, o Deus de Israel. Além do Abismo da Escuridão, está a Coroa do EU SOU.

A ênfase da escritura aponta agora para fora da visão macrocômica, corporificada no Tabernáculo, e concentra-se no aspecto microcômico do Ensino relacionado ao homem, da forma como é apresentado na estrutura e nos rituais da comunidade.

---

Conhecimento

do

homem

---



<p><b>SUMO SACERDOTES</b></p> <p>Esotérico Ensinamento acerca do Divino na religião</p>	<p>Mundo da Emanação</p>
<p><b>SACERDOTES</b></p> <p>Mesotérico Ensinamento acerca do Espírito e da Criação Esquema cósmico na religião</p>	<p>Mundo da Criação</p>
<p><b>LEVITAS</b></p> <p>Exotérico Ensinamento acerca da alma Ética e costumes Prática psicológica e social na religião</p>	<p>Mundo da Formação</p>
<p><b>ISRAELITAS</b></p> <p>Ritual físico em geral e ação pessoal Apoio de níveis superiores Trabalho mundano</p>	<p>Mundo da Ação</p>

**Figura 18. Hierarquia espiritual.** O Ensino relevante é ministrado segundo o mundo e o nível correspondentes do ser. Cada escala tem o seu lugar e a sua função, embora essa formalização, como em outras tradições, transforme-se, cedo ou tarde, na sua interpretação. No trabalho kabbalístico, a linha sanguínea ou a herança familiar não são importantes. É levada em conta tão somente a genuína capacidade espiritual na definição do nível de operação.

## HIERARQUIA HUMANA

### Êxodo 28

Como afirmamos, existe uma clara diferenciação entre a casa de Israel e os filhos de Israel. A casa de Israel refere-se àqueles que têm acesso ao Mundo Criativo e mantêm contato direto com o Divino. Tais pessoas percebem as leis Divinas em funcionamento no Mundo e no indivíduo. Conhecidos em outras tradições como os sábios, aqueles que conhecem, ou os iniciados, eles fazem parte do círculo interior da humanidade, que tem a ver com a vida espiritual da espécie humana.

No Êxodo, a divisão da raça humana é apresentada simbolicamente de acordo com a doutrina dos quatro Mundos, com os filhos de Israel ocupando o lugar da Ação, no perímetro dos círculos centralizados no Santo dos Santos.

No alto desse sistema de castas espirituais, estão os Sumo Sacerdotes. Eles pertencem ao clã dos aaronitas, e operam no nível do Divino inferior, visto que o Sumo Sacerdote pode entrar no Santo dos Santos, O privilégio de serem os iniciados principais, todavia, trazem consigo pesados encargos e penalidades, desde que o papel seja extrapolado. A morte provocada pela aventura desafortunada de dois dos filhos de Aarão, durante a iniciação do Tabernáculo, é uma advertência para os que acreditam que existam apenas vantagens em posição tão exaltada. Isso é enfatizado na recomendação para remover o corpo do Sumo Sacerdote do Santo dos Santos, na hipótese de ele vir a morrer ali em virtude de haver cometido algum pecado que para os homens comuns poderia ser considerado trivial, O Sumo Sacerdócio tinha de constituir-se em um exemplo de integridade e pureza perfeitas, para que se pudesse penetrar em segurança no mais sagrado dos lugares. Por esse motivo, não lhes era permitido tocar no corpo do morto, desposar divorciadas ou nascer de uma origem duvidosa, no caso de profanação. Essas e muitas outras leis do Código Sacerdotal expressavam a ideia de integridade para entrar em

comunhão com o Divino. Por causa disso, somente o clã do Sumo Sacerdote podia manter e transmitir o Ensino esotérico envolvendo assuntos Divinos.

Os sacerdotes eram aqueles que não pertenciam diretamente à família de Aarão. Correspondiam ao nível da Criação, visto que serviam no Santuário Sagrado do espírito. Suas tarefas eram de auxiliar o Sumo Sacerdote nas cerimônias rotineiras e dirigir os demais levitas no seu trabalho. Um dos deveres sacerdotais era acompanhar o exército como presença religiosa nas campanhas de Israel contra os infiéis. Igualmente ao Sumo Sacerdote, era-lhes proibido determinadas práticas, permitidas às duas castas inferiores. Isso se deve como garantia da integridade espiritual, pois eles eram responsáveis pelo ensinamento mesotérico, ou dos aspectos cósmicos da Toráh. O conhecimento do Mundo da Criação por parte de Israel foi preservado por eles durante muitos séculos em determinadas famílias. Infelizmente a tendência de manter tais segredos foi-se tornando cada vez mais próxima da exclusividade, e assim, de acordo com a lei espiritual, o conhecimento foi-lhes arrancado das mãos, e eles permaneceram sob a proteção da tradição. Providencialmente as revelações de profetas como Ezequiel e de místicos posteriores corrigiram essas discrepâncias em favor de Israel, e desse modo o conhecimento foi restabelecido e passado para as linhas rabínica e essênica.

Os levitas eram os três clãs de Merari, Gérson e Caat, que representavam a Formação, o nível psicológico. Sua tarefa não era somente manter a organização do Tabernáculo, mas cantar, tocar música e ministrar o Ensino exotérico às Almas, através dos costumes sociais e das práticas. Como os escribas da nação, relacionavam-se à formação cultural ou psicológica da população. **Tal se fazia escrevendo, sob direção superior, uma história baseada na saga tribal e no mito, misturados com o Ensino.** Era o princípio da tradição escrita. Da mesma forma que os sacerdotes e os Sumo Sacerdotes, os levitas não dispunham de patrimônio, ou seja, não possuíam bens materiais. Isso não era apenas porque o Senhor dissera ser o seu legado, mas em virtude de, como símbolos da psique, eles somente poderiam possuir uma conexão com o mundo físico — conforme expressado nas cidades levitas a serem concedidas aos seus membros quando

Israel chegasse a Canaã. No complexo do Tabernáculo, os levitas serviam principalmente no pátio, onde agiam como intermediários entre o clero e os israelitas, sendo-lhes permitido ingresso no portão exterior para participarem da adoração.

Os israelitas eram a grande maioria da nação e representavam o nível comum do ser; nascendo, amadurecendo, casando, gerando filhos, envelhecendo e morrendo. Aqui, no exterior e inferior Mundo da Ação física, as leis produzem o seu efeito máximo. Os levitas e os sacerdotes estavam protegidos desses problemas pelo povo, que os alimentavam e vestiam, sofrendo as investidas tanto dos inimigos físicos quanto psicológicos, que assaltavam violentamente o perímetro exterior do acampamento ou tentavam seduzir ou enfraquecer os israelitas por meio de costumes que agradavam aos sentidos e à psique inferior. Ego-orientados, facilmente influenciáveis, buscando fugir da dor e encontrar o prazer, os israelitas simbolizam a psique ainda grandemente sujeita ao Mundo da Natureza, com os seus humores elementares e seus valores enraizados. Sem a presença dos outros três níveis, os israelitas logo seriam derrotados, ou desmoralizados, ou fracionados em facções tribais internas. Isso levaria com toda certeza à dissolução e à absorção dos cultos politeístas que os rodeavam. No nível individual, esse é um quadro da condição humana natural sem uma conscientização da alma, a direção do Espírito e a Graça do Divino, conforme expressado pelos levitas, sacerdotes e Sumo Sacerdote.

Tomando o papel do Sumo Sacerdote como o símbolo do homem perfeito, examinemos o Êxodo 28 para vermos de que forma o modelo das vestimentas acompanha a doutrina dos quatro níveis, como a imagem ideal de um ser humano evoluído.

## NÍVEIS NO HOMEM

## ÊXODO 28

“veaseetah vighedai kodesh.” “Farás para Aarão, teu irmão, vestimentas sagradas...”. “LeKavod oole Tiferet.” “(...) para esplendor e ornamento”. “Dirás a todas as pessoas hábeis, a quem enchi de espírito de sabedoria.” “Ruah Hokhmah”, (Êxodo 28,2-3). O texto prossegue então para apresentar o esquema geral das vestimentas, que são: um peitoral, um efod, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinto, Posteriormente foi incluída uma calça, somando sete elementos ao todo. Tal número indica em si mesmo os sete níveis ou estações de consciência, mas neste ponto nos limitaremos aos quatro Mundos.

O efod, ou a sobrecapa, é a primeira vestimenta a ser especificada em detalhes. Costurada em um casaco de linho, bordado em fio de ouro, azul, púrpura e escarlate, O ouro significa a centelha Divina no homem, a linha azul, o seu veículo espiritual, a púrpura, o organismo psicológico, e o escarlate, a cor do sangue do corpo físico. Essa vestimenta ricamente adornada fixava-se nos ombros por duas ombreiras, enquanto, preso na frente havia um peitoral de ouro, cravejado com 12 pedras preciosas, dispostas em quatro séries de três, O peitoral prendia-se por duas correntes de ouro a um par de pedras de cornalina, uma em cada ombro, engastadas em duas rosetas douradas. As cornalinas tinham gravados os nomes dos filhos de Israel, sendo seis de um lado e seis do outro. Isso separaria as pedras do peitoral, de modo que cada pedra estava relacionada a uma das tribos. A parte inferior do peitoral prendia-se ao efod por fios azuis.

O significado original, como a tradução das palavras efod e hoshen para o peitoral, perdeu-se com o passar do tempo, de maneira que tem havido muita especulação a respeito das pedras, seus nomes e disposição. Alguns rabinos vêem a ordem da ascendência fraternal como uma progressão da direita para a esquerda indicando a descida dos princípios Divinos sob a forma

de um relâmpago, enquanto outros encaravam o desenho do peitoral como a Árvore Sefirótica, com a adição dos três Zahzahot, ou Esplendores Ocultos da Kabbalah posterior que precede os Sefirot; a Coroa sendo simultaneamente a ligação entre a Árvore as raízes encobertas das colunas. Muitos rabinos viam as letras dos nomes das tribos como a elaboração dos muitos Nomes de Deus, em particular o Shem Ha Meforash, ou o Nome Especial do Senhor. Esse título apenas o Sumo Sacerdote sabia como pronunciar, e o proferia diante do povo no supremo Dia Santificado da Expição.

Segundo a lenda, o brilho das pedras era empregado com propósitos oraculares. Assim, quando uma questão importante precisava ser feita, era dirigida ao Sumo Sacerdote na sua magnificência. O peitoral, conta o folclore, respondia então através de algumas pedras e letras do alfabeto que acendiam. Desse modo, formariam-se palavras em resposta. Em qualquer forma do verdadeiro simbolismo desse método, o peitoral era considerado infalível, levando em conta que o Sumo Sacerdote possuía suficiente pureza de coração e clareza intelectual, ou seja, equilíbrio psicológico e desenvolvimento espiritual.

Por trás do efod ficava a bolsa do Urim e do Tummim, cujo verdadeiro significado foi perdido, embora saiba-se que eram também utilizados com finalidade oracular. De acordo com alguns, fazia-se uma pergunta e, conforme fosse, o Urim e o Tummim eram extraídos, e a resposta determinava sim ou não. Tais métodos divinatórios eram empregados quando existia um assunto importante confrontando a nação. Sua operação se dava exclusivamente nas mãos do Sumo Sacerdote, que se resguardava de que um oráculo de uma ordem angélica inferior ou mesmo demoníaca tivesse precedência sobre o Divino.

O peitoral, o Urim e o Tummim representam a parte inferior do Mundo Divino. Mais adiante, no texto, a parte superior da Emanação é simbolizada em um turbante e uma placa de ouro puro, gravada com as palavras “Kodosh le IAHWEH”, ou “Consagrado a IAHWEH”. Esse Nome Sagrado representa a Coroa da Árvore da Criação, que se encontra no centro do Mundo Divino. Assim, Aarão usa sobre a sua cabeça e o seu coração os símbolos e os instrumentos através dos quais o Sumo Sacerdote pode conhecer a vontade Divina.

O manto azul, com a sua cor celestial, representa não somente o Mundo Criativo, mas o organismo espiritual dentro de um ser humano. As romãs dependuradas ao redor de sua orla eram símbolos da potência da Criação, enquanto as campainhas colocadas entre as romãs destinavam-se a produzir um som audível do lado de fora do Santo dos Santos. Essa música anunciava a todos que se encontravam na parte de fora, que o Sumo Sacerdote ainda estava vivo na carne, e se movimentava na escuridão protetora, diante da radiação da Shekhinah pairando acima da Arca. O significado disso para o indivíduo é que o espírito está contido pelo Divino e é a ele subjacente, da mesma forma como o trono celestial está colocado abaixo da Glória, na visão de Ezequiel. A cor azul-celeste da vestimenta indica a escala universal desse nível espiritual, onde o corpo desaparece e a psique reduz-se a um ponto. **Somente aqueles capazes de funcionar no estado cósmico de consciência, podem aproximar-se e penetrar com segurança no Santo dos Santos.**

O manto axadrezado representa o corpo psicológico, com os quadrados indicando a interação dos opostos e as subseqüentes combinações da atração, repulsão e equilíbrio, experimentados na situação sempre mutável do Mundo psicológico da Formação. O xadrez também revela de que modo a Alma precisa escolher constantemente entre o Bem e o Mal, com as circunstâncias se alterando em flutuação contínua, enquanto o Céu acima realiza o trabalho da Criação e influencia os Mundos abaixo. Esse traje, usado debaixo das duas sobretônicas, é o mais comprido e vai até o chão. Está em contato com o corpo físico do sacerdote, no seu lado de dentro, e age como um isolante e ao mesmo tempo como uma conexão com o manto azul, assim como faz a psique com relação ao corpo e ao espírito. Existe provavelmente um toque de contato com o efod acima para estabelecer uma ligação Divina, como indicado na Escada de Jacó.

Uma cinta feita com as três cores sagradas é colocada ao redor da cintura, de modo que cada túnica esteja separada do seu nível superior ou inferior, significando portanto, com os variados comprimentos das tônicas, a interconexão dos Mundos e dos corpos. As calças de linho usadas para cobrir a nudez durante a permanência no lugar Sagrado indicam um mistério de Yesod, o Sefirah da Fundação, que surge do Sefirah imanifesto do

Conhecimento (Daat), em um nível superior. O significado implícito disso é de que nada que seja secreto deverá ser revelado aos níveis inferiores. O nome hebraico para Fundação é Yesod, contendo no seu bojo uma palavra, Sod, que significa segredo.

Para o indivíduo, a descrição das vestimentas do Sumo Sacerdote é uma narração da sua própria composição. Estão aqui os quatro níveis do seu ser, apresentados da maneira como verdadeiramente são. O Divino está não somente no seu centro, mas encorpa o espírito ou o aspecto cósmico de si próprio, dentro do qual, por sua vez, reside a sua psique, que contém o núcleo do corpo físico. Eis o princípio esotérico do “tanto acima como embaixo”, funcionando em termos bíblicos. No não-desenvolvido, os três veículos inferiores, as carruagens, como são às vezes chamados, encontram-se em diversos estágios de avaliação. O corpo físico é talvez o mais evoluído em sofisticação, com o organismo psicológico e muitas pessoas em um estado de gestação ou desenvolvimento inicial. A anatomia espiritual na maioria dos indivíduos é provavelmente uma nuvem amorfa; mas a parte Divina é igual ao efod belamente ornado. Sempre perfeita.



## DEGENERAÇÃO DO CONHECIMENTO

### ÊXODO 29

Se o Tabernáculo representa o Mundo criativo do Universo, e as vestimentas dos sacerdotes os corpos dos homens, o ritual especificado na Montanha relaciona-se à unificação de ambos. Entretanto, devemos aqui lembrar que as Escrituras podem ter sido modificadas pelo Código Sacerdotal inserido durante ou após o primeiro exílio na Babilônia (aproximadamente no século VI a.C.), pois contém muitos elementos clericais. Para notar isso, torna-se necessário examinar o texto com senso crítico e não acreditar que tudo na Bíblia contém a Escrita Sagrada. Tal visão é sustentada usualmente por aqueles que não dispõem do conhecimento esotérico ou de uma compreensão dos antecedentes históricos das Escrituras. Certamente, a Bíblia foi inspirada por Deus; mas seres humanos possuidores de diferentes níveis de entendimento traduziram o que compreenderam, e isso, por sua vez, tem sido modificado pelos escribas e pelos copistas, que diluíram, omitiram e até mesmo acrescentaram determinados textos. O resultado é que o cânon escrito é tão somente, e quanto a isso os rabinos concordam, um fragmento do seu conteúdo original.

Um exemplo de tal fenômeno é testemunhado no capítulo 29 do Êxodo. Alguns trechos do mesmo baseiam-se na revelação de Moisés, mas o restante é provavelmente a adição de um escriba que está mais preocupado com a elaborada cerimônia do que com o seu significado. O sacrifício com sangue pode bem ter sido a forma ritual autêntica daquela época, mas a preocupação com detalhes tais como o comprido lóbulo do fígado, e o que fazer com os rins, apresenta claramente mais conexão com as atividades sacerdotais do que com o conhecimento superior. Uma experiência de realidade espiritual, algum bom senso psicológico e um pouco de conhecimento, logo começam a identificar o que é autêntico.

Nos versículos inaugurais, um bezerro e dois carneiros sem mancha deverão ser apresentados no início da consagração de Aarão e seus filhos. Igualmente serão trazidos pães, bolos e obreias ázimos, amassados e untados com azeite. Temos aí os reinos animal e vegetal. Então os iniciados estão prestes a serem introduzidos no pátio do Tabernáculo, ou seja, de Fora do mundo físico exterior para dentro do nível psicológico inferior. Postaram-se dessa Forma, diante da entrada da Tenda, onde se encontram os três Mundos inferiores. Foram ali lavados, na bacia ou na posição do ego. Em seguida Aarão é vestido, na ordem das vestimentas, começando pelas roupas de baixo, e terminando pela colocação na cabeça do turbante e da placa da Sagrada Dedicção. Essa investidura simboliza o processo evolucionário do corpo, da Alma e do Espírito. A unção com azeite representa a Graça Divina descendo sobre a Coroa de Aarão. A mesma sequência de iniciação é depois aplicada aos seus filhos.

A graduação do sacerdócio é enunciada no texto para ser seguida para sempre, mas devemos aqui lembrar que muitos sacerdotes abusaram de sua posição, de modo que a casta sacerdotal estava sujeita a perder às vezes o respeito do povo, por causa dos seus desvios de corrupção e do interesse pelo poder mundano. Com a destruição do segundo Templo pelos romanos, sua influência foi reduzida a um vestígio. Isso conduz à questão: quem é o autor das palavras: “O sacerdócio lhes pertencerá então por um decreto perpétuo”, de Êxodo 29,9? Era uma instrução Divina ou um sacerdote protegendo o seu privilégio?

Em seguida vem ao contexto à imolação do bezerro e a consagração do altar com o seu sangue, após o que se dá a queima da gordura, do fígado e dos rins. O couro e os despojos deverão ser destruídos fora do acampamento. Aí aflora a pergunta: por que é necessária a morte do animal? Além das suas funções de um alimento oferecido à Divindade, os antigos acreditavam que uma matança ritual elevava os sentidos, bem como a liberação da vitalidade do sacrifício afetava os presentes no momento da morte. Tal fenômeno era utilizado na elevação do nível dos celebrantes para que pudessem perceber um relance dos Mundos seguintes, igual ao experimentado por muitos diante de uma morte. A escolha de um bezerro era por ser ele a síntese do poder físico e da abundância. Era também visto como um símbolo do que deve ser

dados com a finalidade de obter acesso aos Mundos e aos estados superiores.

Os órgãos queimados no altar representavam a transubstanciação da materialidade terrena em uma anatomia mais sutil. A incineração do couro e das sobras fora do acampamento é o reconhecimento no ritual de que nem tudo o que é oferecido pode ser transmutado, porque é do Mundo exterior ou inferior. Por conseguinte, tais partes são levadas para fora do pátio e do acampamento a fim de retornarem aos reinos elementares da Terra.

Os dois carneiros deveriam então ser imolados. O primeiro seria um outro alimento queimado em oferenda para aplacar a Divindade, enquanto que o sangue do segundo derramado nas orelhas, polegares e artelhos direitos de Aarão e seus filhos, sendo o restante jogado sobre o altar. Essa ainda é provavelmente a descrição de uma cerimônia simbólica que se tornou corrompida por sacerdotes que há muito não conheciam nada além da forma exterior. O texto prossegue descrevendo como o sangue do carneiro deveria ser aspergido sobre as vestimentas de Aarão e dos seus filhos, para que elas se tornassem sagradas. Eis a narração de um acontecimento que a uma determinada época terá sido de um significado bem maior do que é descrito, caso o seu propósito fosse realmente tornar sagrados um homem e a sua vestimenta. Tais rituais são formas de alta magia, na qual o desempenho físico de certas ações evoca os poderes ocultos do mundo psicológico. Contudo, a magia, ou a arte da manipulação do Mundo da Formação, não importando o quão eficaz possa ser, não é da mesma categoria do Mundo da Criação. A magia, como o demonstramos anteriormente, é de uma ordem inferior, porquanto mantém apenas um contato, na própria Coroa da Formação, com o Divino; e tal conexão é evitada pela maioria dos mágicos porque eles desejam somente exercitar a própria vontade. Eis a razão de a magia ser radicalmente desencorajada em Israel.

O restante do capítulo está principalmente relacionado ao detalhamento dos rituais. Descreve o que se deve fazer com as entranhas e a coxa direita do carneiro, o peito e a cabeça, e de que forma o que não será queimado como alimento em oferenda deverá pertencer a Aarão e aos seus filhos. Ainda aqui um senso objetivo precisa considerar o elemento do auto interesse que se insinuou na

conduta dos sacerdotes através dos séculos, O tempo veio a comprovar, repetidamente, que eles se deixavam levar por motivações meramente humanas em vez de espirituais.

Depois de uma iniciação de sete dias da casta sacerdotal, o texto dirige-se para os sacrifícios mais rotineiros. Aqui são descritos as criaturas e os objetos a serem utilizados, e a que ocasiões do dia eles seriam ofertados. Uma receita precisa, por exemplo, para um sacrifício, é apresentada nos versículos 39 e 40. O efeito literário está mais próximo de um manual de instruções pessimamente editado do que de um documento de revelação Divina. E somente no último versículo que a revelação ressurgue uma vez mais, na promessa de que Deus encontrará Moisés no Tabernáculo depois que ele houver sido santificado e Aarão e os seus filhos consagrados. As palavras: “Habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus”, elevam todo o nível acima do trivial. O versículo final, “e eles conhecerão que eu sou Iahweh, o seu Deus”, leva o texto imediatamente à sua qualidade original. Aqui está um exercício da maior utilidade, visto que um indivíduo precisa aprender a reconhecer nos seus estudos a diferença entre os níveis, e ter a integridade para agir em cima de conclusões baseadas na experiência pessoal, e não pela opinião dos outros, por mais reputável que seja.

**REGENERAÇÃO DO CONHECIMENTO****ÊXODO 30-31**

Os versículos de abertura do capítulo 30 do Êxodo apresentam a especificação do altar destinado ao incenso a ser queimado diante do véu do Santo dos Santos, no santuário. Seria feito de madeira de acácia e coberto de puro ouro, inclusive os chifres e varais de conduzir. Nele Aarão queimaria incenso pela manhã e ao anoitecer, somente incenso autorizado, e poria sangue nos chifres uma vez por ano, no rito da expiação. Temos ainda aqui uma mistura de instrução esotérica e clericalismo. O altar do incenso, como deveria ser notado, é quase um adendo, completamente separado das recomendações iniciais acerca do mobiliário sagrado e do Tabernáculo. Provavelmente os sacerdotes estiveram copiando os costumes locais, ou mesmo adaptando o braseiro, de forma a adequá-lo à prática geral.

A utilização do incenso não é apenas para enviar à Divindade acima um aroma agradável, mas deixar os sacerdotes e a assembleia em um estado elevado. Essa técnica bioquímica é um método reconhecido universalmente para elevar a consciência. Infelizmente tais estados induzidos artificialmente, sem qualquer treinamento interior, somente fazem aflorar uma tênue separação entre o corpo e a psique, fazendo assim precipitar um sentido de realidade distorcida, que frequentemente provoca tanto visões estranhas quanto um desequilíbrio dentro da psique. Sob o regime de um mestre habilitado, tais aberrações podem ser evitadas, através de uma disciplina rígida e de códigos de pureza. Por conseguinte, a prática de inalar incenso traz os seus perigos e pode ser vista como um caminho artificial de ascensão aos Mundos superiores.

Uma indicação de um texto intercalado ou da omissão de alguma passagem crucial esclarecedora surge no versículo 11. Nele os israelitas deverão ser recenseados, especificando-se os arranjos financeiros para um resgate a ser pago ao Senhor. Ora,

embota seja correto ser devedor do Criador por toda a vida, a forma de abordagem do texto está mais próxima da extorsão. Talvez alguns sacerdotes tenham esboçado estes versículos, não sem um pouco de auto interesse. O texto estabelece quantos siclos seriam dados como contribuição ao Senhor, e como os ricos e os pobres teriam de pagar a mesma quantia. Isso parece ser contrário à Justiça natural ou Divina. O parágrafo termina essa regra dizendo que o dinheiro será uma expiação para as suas almas, bem como para a conservação do Tabernáculo. Aí está uma justificativa altamente suspeita para a manutenção do clero. É a aquisição de riqueza e poder por meio da imposição de medo e culpa nos incautos. Um comentário rude, talvez, mas um fenômeno aliás comumente testemunhado em todos os estabelecimentos religiosos através do mundo.

O texto, no Êxodo 30,17, retorna à confecção da bacia de bronze. Isso revela uma vez mais a edição inconsistente de parte de algum escriba. A lavagem das mãos e dos pés dos sacerdotes antes da entrada na Tenda da Presença, “para que não morram” de impureza. Tal advertência poderia ser uma estocada no clero para que ele se mantivesse afastado do pecado.

Êxodo 30,22 descreve uma lista de materiais destinados à unção com azeite, e a sua aplicação no Tabernáculo, bem como cada objeto e cada peça do mobiliário que ficaria dentro dele. Isso é simbólico do Orvalho do Céu enchendo de Graça o Lugar de Encontro. Depois de dizer como Aarão e seus filhos precisavam ser ungidos, e que o azeite não pode ser usado para mais nada, o escriba finaliza o capítulo com uma lista mais detalhada de fragrâncias e de corno transformá-las em incenso para o altar. Aqui o conhecimento esotérico tornou-se simples informação.

Como se em reação, e contrastando com o que acabamos de ver, o texto muda mais uma vez completamente o seu caráter, pela introdução do nome de um homem chamado Beseleel, que significa ‘na sombra de Deus’ (o neto de Hur, que ajudou Moisés na batalha contra os amalecitas). Esse israelita, conforme aplicação de Deus a Moisés, fora tomado pelo Espírito do Divino “Be Hokhmah uvitevunah” “em Sabedoria e Compreensão” “uveDaat” “e em Conhecimento”. Observamos aqui os Sefirot superiores da Árvore. Beseleel será o construtor do Tabernáculo “por toda espécie de trabalho”. Seu assistente será Ooliab, que quer dizer ‘a

Tenda do seu Pai'. No folclore judeu ele não é apenas chamado Beseleel, 'a sombra de Deus', mas Riáiá, significando 'contemple, pois ele foi um homem visto por Deus'. Era também chamado de Jaat, 'o Tremedor', porque havia experimentado o temor do Divino, e 'aquele que uniu', pois o seu trabalho provocou a conexão entre Deus e Israel.

Às vezes a Kabbalah é chamada de Trabalho de Unificação, e nesse conhecimento Beseleel, segundo informações, excedeu até mesmo a Moisés, em de terminadas ocasiões. Ele conhecia, por exemplo, a forma correta e as especificações do candelabro, mesmo sem as instruções de Moisés, o qual as esqueceu apesar de ter-lhe sido mostrado o projeto por duas vezes na montanha. Segundo a tradição, Beseleel também sabia como combinar as 22 letras do alfabeto hebraico que provocaram a Criação. Sob o ponto de vista kabbalístico, isso quer dizer que Beseleel era um homem detentor da prática e teoria do Mundo Criativo. Eis porque lhe foi concedida a tarefa de desenvolver os projetos entregues a Moisés.

Esses fragmentos da lei oral dão-nos algum vislumbre relativo aos anciãos de Israel, que estavam inteirados do Ensino. Eles desempenhavam um papel muito diferente do sacerdócio, e se constituíam no aspecto interior da linha espiritual. Na Árvore da Comunidade, ocupavam a coluna direita da Força, da profecia, juntamente com Moisés, que complementava o pilar esquerdo da Forma, com Aarão e o clero.

Do ponto de vista individual, Beseleel representa aquele aspecto de uma pessoa que corresponde ao Self criativo. No foco da Sabedoria, da Compreensão e do Conhecimento, o Self é a individualidade refletora do Criador. Operando de modo semelhante à maioria dos artistas, Beseleel sabe intuitivamente o que fazer, quando recebe a Graça descendo do Conhecimento. Portanto, o Sefirah da Beleza pode construir o Tabernáculo dentro do ser da pessoa. Essa unificação dos Mundos no Self produz lentamente objeto sagrado seguido de objeto sagrado, até que o santuário e o seu pátio estejam realizados acima e abaixo. Ao seu devido tempo, o Tabernáculo interior torna-se o lugar de encontro entre o Divino e o homem. Aqui começa, no nível individual, o estágio inicial do processo através do qual o Eu e o Tu encontram-se face a face, e Deus principia a contemplar Deus. O nome

Beseleel, que é também interpretado como 'contemplando a Divindade, ainda que somente na sombra', reflete esse princípio.



**DIA DA RECRIAÇÃO****ÊXODO 31**

Na última fase da instrução a Moisés na montanha, o Senhor fala do shabbat. O dia é para simbolizar o shabbat original, quando Deus descansou do trabalho de trazer à existência o Mundo da Criação. Ali, porém, muita coisa mais está contida.

Diz a escritura: “Observareis de verdade os meus sábados, porque são um sinal entre mim e vós em vossas gerações, a fim de que saibais que eu sou IAHWEH, o que vos santifica”. Essa disposição comanda não apenas um reconhecimento do ciclo da Criação, mas faz dele um memorial semanal, dentro do qual os israelitas aceitam o seu Criador. O significado desse mandamento deveria ser confirmado nos dias futuros, quando o Templo estivesse destruído e há muito já não houvesse um Tabernáculo físico, porquanto o shabbat ainda seria celebrado, mesmo nos tempos mais difíceis e por todo o mundo. Se alguma coisa mantivesse o povo de Israel em contato com o seu destino, essa coisa seria a observância desse mandamento.

O shabbat é um dia de descanso. Chega ao fim de um ciclo relacionado às quatro fases da lua. Portanto, existe personificado nesse ritmo um reconhecimento da interação do Céu e da Terra. Os reinos vegetal e animal vivem dentro desse ritmo diário e mensal, enquanto progridem através do ano solar. O ser humano, contendo um nível vegetal e animal dentro de si, também deve submeter-se a tais ciclos. O shabbat nesse nível prevê repouso, recreação e uma pausa no ciclo laborativo, como um tempo destinado a refletir sobre os mundos maiores e o seu Criador, bem como uma parada para olhar internamente, para o universo interior do Espírito. É frequentemente apenas durante esse período de quietude regular, que percebemos coisas do lado de fora do nosso próprio pequeno reino do ego e do seu círculo imediato.

O trabalho foi proibido nesse dia porque “é uma coisa santa para vós”, ou seja, é estabelecido com o propósito de

visualizar-se o ‘todo’, que tem na antiga raiz inglesa o mesmo significado de santo. \*<sup>5</sup>Totalidade é de uma escala completamente diferente de qualquer coisa a menos. Eis porque a escritura prossegue afirmando que “Quem o profanar será castigado com a morte”, significando, em uma tradução rabínica: “Se quebrardes a lei cósmica, ela poderá vos matar”. O texto bíblico não emprega “deverá”, ou “haverá de”, mas “será”, o que o muda em uma proposição especulativa, pois, conforme continua a narração: “Todo aquele que trabalhar no dia do sábado deverá ser morto”. Isso significa que a conexão entre o corpo, a Alma e o Espírito estará perdida, e a unidade do ser e o seu desenvolvimento prejudicados, se não destruídos permanentemente. Qualquer um que tenha trabalhado horas em excesso conhece depois o estado auto alienado do corpo e da mente por abandonarem a Alma e o Espírito. A advertência de ser eliminado não é uma ameaça, mas uma profunda observação acerca daqueles que desatentam para o ciclo da Criação e se perdem no trabalho excessivo e na atividade irrefletida. Deveria ser lembrado nesta circunstância que no dia anterior ao shabbat sempre caía uma porção dupla de maná, para que metade fosse guardada para o sétimo dia. Aí está o simbolismo da lei de que a Providência encarrega-se de todos os que a observam. Isso é de fato verdadeiro para todo aquele que volta sua atenção para as coisas superiores e busca o Reino do Céu, que em Kabbalah é o nível espiritual do Self. Então, como disse depois um grande místico judeu: “Tudo o mais se juntará avós”.

No nível social, o shabbat acontecia quando a família se reunia. Vestindo suas roupas melhores e mais limpas, eles celebrariam as bodas do shabbat, o que foi visto como uma noiva na união do Céu com a Terra. Esse casamento simbolizava-se pelo ato conjugal semanal entre um homem e sua esposa na véspera do shabbat. A Kabbalah via tal união como um auxílio na unificação dos Mundos superiores e inferiores, porque na tradição judaica o trabalho esotérico não estava destinado a fugir do mundano, mas a manter a alma e o espírito em contato com o corpo, para assim elevar a Terra até os Mundos superiores. Portanto, a união sabática de Adão e Eva aproximou as colunas direita da esquerda, e o acima do abaixo, face a face, no microcosmo de uma relação

---

<sup>5</sup> - Em inglês, whole = todo, holy = santo (nota do tradutor)

humana. Eis por que o simbolismo sexual é usado na literatura kabbalística.

De acordo com os rabinos, aqueles que observam o shabbat adquirem mais uma alma. Isso quer dizer que ao corpo, à psique e ao Espírito é adicionado um quarto nível, chamado Hayyah, ou seja, consciência Divina. Tal estado, segundo se afirma, é alcançado durante o shabbat e dá à pessoa uma experiência de Graça. Ao fim do dia, o Hayyah se retira e a pessoa volta ao seu estado normal para o indivíduo trabalhando no seu desenvolvimento interior, o shabbat é claramente um dia extra especial, rio qual, com a ajuda do Hayyah, o seu corpo, psique e espírito podem tornar-se facilmente mais receptivos à entrada do Divino. Ao anoitecer, ainda que por apenas algumas horas, ele pode ser capaz de manter o contato com o Hayyah.

Tradicionalmente, o shabbat é devotado à adoração e ao estudo. Geralmente é lido um trecho da Toráh na sinagoga, sendo proferido um sermão. Isso mantém o Ensino diante do povo, com o sermão relacionando-se a problemas atuais que confrontam a comunidade e o indivíduo. Segundo o costume, passa-se a tarde estudando os comentários dos sábios, na passagem escritural da semana. O grau de compreensão depende do estágio de desenvolvimento tanto do mestre como do ouvinte. Assim, enquanto uma escola pode estar preocupada com um estrito ponto legal, outro grupo pode estar ligado ao significado esotérico daquele mesmo texto. Esse modo de passar o shabbat vem sendo observado de geração em geração, através dos séculos.

Enquanto as regras, práticas e costumes exteriores, ou exotéricos, eram refinados em um código visando o shabbat, o trabalho esotérico trouxe um rico mistério para o dia do descanso. Por exemplo, ele era visto como o Malkhut, ou o Reino da semana contendo todos os dias já passados. O shabbat era também percebido como o ponto de regresso através da Coroa da lua nova, enquanto crescia e minguava durante as quatro semanas, ou Mundos do mês. O shabbat era considerado de diversas formas tão importante, ou até mais, quanto os mais elevados dos Dias Santificados, pelo fato de ter sido ditado no Monte Sinai.

Quando Deus terminou a instrução de Moisés acerca do shabbat, foram-lhe entregues duas tábuas do Testemunho, de pedra, para serem enviadas aos Mundos inferiores, havendo

permanecido no alto da montanha por 40 dias e 40 noites. Durante esse tempo, muita coisa havia acontecido entre os israelitas, enquanto esperavam o seu retorno, com crescente impaciência, esmorecendo a vontade e afrouxando a disciplina. É em tal momento crucial, no ponto alto da iniciação, que o indivíduo é testado, não na sua área mais forte, mas onde os demônios do caos podem obter o acesso mais fácil.

---

REVOLTA

---

**DEFECÇÃO**

## ÊXODO 32

O primeiro versículo do capítulo 32 do Êxodo começa com as palavras: “Quando o povo viu que Moisés tardava em descer da montanha, congregou-se em torno de Aarão e lhe disse: ‘Vamos, faze-nos um deus que vá à nossa frente’”.

De acordo com o folclore que segue paralelo às Escrituras, o problema teve início dentro da confusa multidão que saíra do Egito em companhia dos israelitas. Ela se constituía de uma variedade de pessoas que, por diversos motivos, desejavam deixar aquele tipo de vida e buscar um outro. A promessa de liberdade produzia um grande efeito, e muitos egípcios largaram o seu país com os israelitas para fugirem do passado ou encontrarem alguma nova espécie de futuro. Depois de três meses no deserto, o entusiasmo inicial e a novidade haviam arrefecido, enquanto os israelitas tinham pelo menos algum tipo de objetivo comum para regressarem à terra que lhes fora prometida, a multidão atônita dos hábitos e das motivações inferiores tentava recriar o Egito no deserto. Durante a ausência de Moisés, a liderança do povo foi deixada nas mãos de um ainda não-iniciado Aarão, e de um grupo de bons mas inexperientes anciãos. A atordoada multidão, percebendo a fraqueza nos dirigentes temporários, começou a demover os agora irrequietos israelitas da realização da aliança, no exato momento da sua aceitação. Ao mesmo tempo em que a maioria dos israelitas sabia que tudo o que se pedia deles era esperar, uns poucos não podiam suportar a inação com paciência. Essa provação é frequentemente a mais difícil para muitos indivíduos prestes a assumirem um compromisso espiritual. Tendo dado a palavra, eles acreditavam estar preparados para conduzir a tudo e a todos. Ao constatarem que nada acontecia por um longo tempo, revelou-se a verdadeira profundidade da sua

aliança verbal e foi testada a sua habilidade em manter a direção durante períodos sem um guia.

Na lenda judaica, Satã, o testador, com Jannes e Jambres, dois discípulos de Balaão, o mágico, conjurou diante dos crescentemente perturbados filhos de Israel, a imagem de um Moisés morto, flutuando em uma tumba, no meio do caminho entre o Céu e a Terra. Esse simbolismo mostra o conhecimento dos escribas a respeito dos Mundos. A locação e o tamanho exatos da tumba definem, para aqueles que conhecem pelo menos um pouco da teoria kabbalística, que Jannes e Jambres estavam operando no Mundo da Formação, que fica entre os Mundos da Ação e da Criação. Quando os israelitas viram a miragem, entraram em desespero: se o líder havia partido, o que lhes aconteceria agora no deserto, entre o Egito e Canaã? Tirando total vantagem da situação, Satã incrementou a crescente desordem entre as tribos. Meses de trabalho foram destruídos em dias, e a semi completada iniciação do Sinai estava a ponto de tornar-se um mero vestígio. Não percebendo qualquer sinal de Moisés ou de Deus, Satã tentou abertamente os tensos e agora chocados israelitas. No indivíduo, tal ataque satânico chega quando a exaustão enfraquece a resolução, e apenas um agudo mas sutil empurrão é necessário para afastar o aspirante do caminho espiritual. Os magos representam os embusteiros interiores da discórdia e da fantasia, que conspurcam todos os exercícios espirituais.

Foi exatamente nesse ponto que a multidão perplexa, exercendo sua influência como o único grupo coeso, começou a pressionar Aarão e os anciãos. Os dois feiticeiros, que consideravam Moisés apenas um mago rival, utilizaram sua força para dirigir a atenção do povo para a adoração dos deuses do Mundo da Formação. Hur, o homem que estivera ao Lado de Moisés na batalha contra os amalecitas, pôs-se diante da turba e a repreendeu pela sua ingratidão a Deus, que tanto fizera por todos. Foi morto instantaneamente pelo que já agora era uma massa violenta, incluindo alguns israelitas, também afetados pela excitação coletiva. Havendo se livrado tão facilmente de um dos seus líderes; o povo voltou-se então na direção de Aarão, clamando: “Faze-nos um deus, ou também te mataremos”. Aarão, segundo dizem, ficou menos preocupado com a própria vida do

que com a preservação da continuidade das raízes, pensava em detê-los quando consentiu em fazer um deus. Visando ganhar tempo até que o povo pudesse se acalmar, ele baixou instruções para se coletarem os enfeites pessoais de ouro, Aarão esperava que essa tática os fizesse pensar duas vezes antes de fazer o ídolo.

O significado disso para o indivíduo é que durante tal revolta contra uma disciplina espiritual, um instrutor tentará promover sua rápida desintegração, através de várias ações protelatórias, até que a pessoa volte ao senso perfeito. Nessa situação, poderia ser prometido algum privilégio ao indivíduo sob a condição de que deveria ser paga de algo dado em troca. Isso segue a lei de que tudo, bem ou mal, deverá ser pago mais cedo ou mais tarde. O preço pelo que se faz é muitas vezes alto demais para o ego, e frequentemente paralisa o processo destrutivo. Na nossa lenda, o estratagema de Aarão esmoreceu a revolta, mas não a paralisou, tão poderoso era o fluxo da energia dissipadora. Prossegue a lenda, contando-nos como a população masculina pensou primeiramente em reter as jóias das suas mulheres, evitando assim um custo pessoal, mas isso foi recusado e dessa forma, os homens entregaram relutantemente as suas próprias vaidades a Aarão. Isso levou tempo, mas não o bastante, pois Moisés ainda se encontrava no topo da montanha.

Quando os ornamentos de ouro trazidos do Egito foram despejados no cadinho, os homens os fundiram espontaneamente em um bezerro. Existem diversas explicações tradicionais para tal fato. O touro, além de ser o símbolo da vitalidade animal, é um dos quatro animais sagrados aparecidos na Bíblia, e caracteriza o Mundo da Terra e da Ação. Entretanto, a imagem de um bezerro indica aqui não apenas a imaturidade, mas a falta de qualquer contato com o Mundo Divino da Emissão. Como uma representação física dos sentidos corporais para adorar, ela revela uma regressão espiritual. Uma outra interpretação é que, quando Israel cruzou o mar Vermelho, alguns israelitas sentiram acima de si a presença Divina na Carruagem-Trono puxada pelas quatro Criaturas Sagradas. Contudo, somente o Touro do Mundo Físico foi notado e, por conseguinte, os israelitas concluíram que ele poderia ser o Deus que os conduziria para fora do Egito. Para um indivíduo esse é o equivalente a considerar um mestre físico, o símbolo ou a tradição como a Divindade em si mesma. O



mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim”, protege contra essa tendência no trabalho espiritual inicial. Conta-nos a lenda que, quando o bezerro de ouro apareceu, ganhou vida espontaneamente. Simbolicamente, isso é porque à vontade e a necessidade combinadas do povo projetaram-lhe vitalidade, e dessa forma, para eles, ele viveu. Aí está um agrupamento comum de fenômenos. Observa-se que tais deuses, sejam eles indivíduos ou organizações, assumem uma vida ou um papel carismático para si próprios, alimentando-se da vitalidade psíquica que lhes foi dada. O povo, vendo o seu ídolo ou o ego das massas, exteriorizado, inflado com tão grande poder, ordenou que os anciãos o reconhecessem como o seu deus.

Vários anciãos opuseram-se abertamente a esse ponto de vista ignorante e foram mortos. Os 12 príncipes, líderes das tribos, vendo a sina daqueles que renegaram a vontade da multidão, uniram-se aos anciãos sobreviventes e não responderam à convocação da turba, que queria confrontá-los. A retirada é às vezes a única opção possível para um mestre com um discípulo rebelde. O confronto só aumentará o sentido egoístico de si mesmo. Convencida de que toda a autoridade fora conquistada, (a comuníssima tia Sally’ da rebelião espiritual) a multidão passou a comemorar a vitória, promovendo uma orgia ao redor do seu ídolo. A maioria dos israelitas estava confusa ou amedrontada por tais acontecimentos, e muitos aderiram às celebrações, seja por uma reação voluntária à rigorosa disciplina de Moisés, seja pela aceitação involuntária do que estava sucedendo. No decorrer de uns poucos dias, o acampamento foi inteiramente afetado, de modo que a atenção focalizada no que estava ocorrendo no topo da montanha caiu no esquecimento. Tal situação não é desconhecida daqueles Conflito interior que, havendo-se desvincilhado da disciplina, despendem um reservatório acumulado de energia psicológica em uma orgia de atos extremamente violentos de autodestruição. Diz a lenda, que uma enfermidade virulenta assolou o acampamento, como o louco e desordenado crescimento do câncer, penetrando profundamente no corpo e na psique dos israelitas. Caso não fosse extirpado a tempo, então toda Israel seria destruída.

## CONFLITO INTERIOR

## Êxodo 32

Em termos do indivíduo, o episódio do bezerro de ouro representa uma crise da maior amplitude. Assim que se estabelece o contato máximo com o Divino, acontece a resistência máxima da psique, levando todo o ser ao desarranjo. Toda a iniciação é posta em risco. Esse é um momento principal de ruptura ou de desfalecimento do trabalho espiritual, pois é quando se realiza a completa implicação do compromisso; são testadas as verdadeiras intenção e motivação de um indivíduo. Tais instantes são aproveitados por **Satã, o lado escuro da psique**, para explorar a fraqueza e, dessa forma, destruir qualquer unidade do ser, já porventura conseguida. A dúvida, o argumento razoável, os medos irracionais, são postos em confronto violento com a fé, o conhecimento e a coragem, quer avançando, quer resistindo nas lutas de facções dentro da psique. Os elementos mais selvagens perturbam o inconsciente e infundem o pânico na Fundação psicológica, que se transforma em um ponto de reagrupamento de quaisquer pensamento, sensação e ação dissidentes, quando o ego, compreendendo que está prestes a perder o seu papel dominante, infla-se até atingir a enorme proporção de um deus. Esse é o bezerro de ouro, que se apresenta com a finalidade de competir e derrotar alguma coisa profunda dentro da psique, que o ego não pode entender.

Na escritura, Aarão diz ao povo para dançarem torno do ídolo: “Este é o teu deus, ó Israel, o que te fez subir da terra do Egito”. Eis uma questão retórica ao estilo judeu. (Na linguagem moderna poderia ser “vocês devem estar brincando<sup>6</sup>.”) Nesse instante, no alto da montanha, Moisés é informado pelo Divino: “Vai, desce, porque o teu povo., perverteu-se. Depressa se desviaram do caminho que eu lhes havia ordenado”.

---

<sup>6</sup> - \* Em inglês, refere-se à pessoa, instituição ou idéia que é alvo de críticas ou insultos (injustificados) do povo – nota do tradutor.

they [were] written,	בם כתובים :	B. Why	למה
16. And the tables	16 והתחת	should the Egyptians	יאמרו סוברים
were the work of God,	עשוהו אלוקים ונתת	saying:	לאמר
and the writing	והכתובים	For evil	ברעה
was the writing of God,	כתובים אלוקים דא	he brought them forth,	והוציאם
engraved upon the	חרות עבודות :	to kill them in the	לדגל אתם בחרים
tables,	17 ונצבעו ויהא	and to consume them	וקללתם
17. And Joshua heard	את קול הים	from the face of the	סגל פני הארבה
the voices of the people	ברעה יצוק	Turn from the face	שוב סדרון אשה
in his shouting,	ויאמר אל משה	and repent concerning	ונתנם עליהם
and he said unto Moses:	קול החרבה פסעה	the evil	לפניה :
(There is) a token of	18 ויאמר	against the people.	13 Remember (Altenbam,
war in the camp.	אין קול	14. Mosé, and Mosé,	14. Mosé, and Mosé,
18. And he said	ענתה נטרה	thy servants,	thy servants,
it is not a voice	ואין קול	to whom thou hadst	to whom thou hadst
of a cry of victory,	ענתה הושיה	sworn	by thy own self,
and it is not a voice	קול ענות :	and thou spakest unto	and thou spakest unto
of a cry of defeat;	19 ויהי	them:	I will multiply your seed
a voice of singing	באשר ירכב	like the stars of the	אתה כבי החרים
I [am] hearing:	ארכסעה	heaven,	בטובי החרים
19. And it came to pass,	נראה אתהעל	and, all this land	וכרתי ארץ הזאת
when he came near	ובדלת	(it) which I have spoken	אשר אמרתי
unto the camp,	הקריצה טשה	I will give to your seed,	ואשן קר עקם
and he saw the calf	מקדקו יקרו סדו ק	and they shall inherit	ונתלו לעקם :
and [the] dancing,	את החרות	[it] for ever.	14. And the Lord
that his anger glow'd,	הישבר אהם	presented	על-הרעה
and he cast out of his	קסת הקר :	concerning the evil	אשר דבר
hands	20 וישך את-העול	which he had spoken	לעשות לגמס :
the tables,	אמר עשה	to do against his people.	15. And Moses turned,
and he broke them	בשלה קאש	15. And Moses turned,	and went down
below the mountain,	בשלה קאש	from the mountain	בשה
20. And he took the calf	בשלה קאש	with the two tables of	בן הבר
which they had made,	בשלה קאש	the testimony	ובני דתה השנה
and he burned [it] with	בשלה קאש	in his hand;	הקרו
fire,	בשלה קאש	tables	קחת
and he ground [it] until	בשלה קאש	written	כתבים
it was as fine,	בשלה קאש	on their both sides,	כתבי עבריתם
and he strewn [it] upon	בשלה קאש	on this [side] and on	מה וכתו
the face of the water,	בשלה קאש	this [side].	
and he made chuk [of	בשלה קאש		
it]	בשלה קאש		
the children of Israel.	בשלה קאש		
21. And Moses said	בשלה קאש		

1) Heb., say. 2) Or, With an evil intention. 3) Or, that. 4) Or, that. 5) Or, that. 6) Heb. to Abraham, etc. 7) Or, possess. 8) Heb.

Figura 19. Texto hebraico. Nessa tradução linear, tirada da escola bíblica Magil, pode-se ver que o hebraico é mais compacto que o inglês. Diversos significados podem às vezes ser obtidos a partir da palavra radical, e isso dá lugar a diferentes interpretações. O resultado é que o texto não é exatamente aquele a que nos leva a crer a maior parte das traduções. Tal flexibilidade ensejava aos escribas a implicação de outros níveis de conteúdo, além do óbvio.

Existe uma longa pausa implicada pela tradução na Nova Bíblia Inglesa: ‘Levei esse povo em consideração e concluí que ele é obstinado 44, significando rígido, fixo e despreparado para mudar-se dos velhos caminhos. Daí em diante, o lado severo da Divindade manifesta-se nas palavras: “Agora4 pois, deixa-me, para que se acenda contra eles a minha ira e eu os consuma”. À primeira vista parece que a situação fora demasiado longe para ser remediada. O texto sugere que teria sido melhor dissolver toda a operação, destruir a corrupção e começar outra vez, até por que a morte é, às vezes, a única saída para uma situação impossível. Isso está implícito em uma oferta a Moisés, representando a parcela mais elevada de Israel, ou seja, aquela que sobrevive à morte física e ressurge em um novo nascimento. Deus falou a Moisés: “(...) e farei de ti uma grande nação”. Tais palavras também foram ditas a Abraão, indicando a existência de uma linhagem completamente nova. Contudo, a ira e o desespero de Deus, segundo o folclore, são uma charada, porque o Divino já tinha previsto a defecção do povo. O acontecimento foi uma lição importante para mostrar o que acontece quando uma nação ou uma pessoa afasta-se do caminho espiritual. O oferecimento foi feito a Moisés, para ver como ele reagiria. Tais testes não são desconhecidos entre os mentores humanos, para provar a integridade de um discípulo. Uma situação planejada, na qual a vaidade do estudante é espicaçada para poder revelar, por vezes uma glória vã do espírito, que é infinitamente mais perigosa do que qualquer orgulho psicológico ou arrogância física.

Entretanto, Moisés lembrou a Deus a promessa feita aos patriarcas, ao observar, recorda-nos a tenda, que os anjos estavam prontos para atacá-lo tão logo caísse em desgraça. Por causa da sua resposta, Abraão, Isaac e Jacó, ou os arquétipos da alma, vieram em seu auxílio, enquanto ele apegou-se ao Trono do Céu quer dizer, ao seu elevado estado espiritual. Deus pareceu ficar atento e escutar o argumento posterior de Moisés, de que os habitantes da terra diriam, caso os israelitas fossem destruídos, que toda a operação não tinha significado espiritual. Toda a humanidade então acreditaria que não havia futuro para ninguém em ser tirado da escravidão dos Mundos inferiores, e nenhuma pessoa, nem mesmo o sábio e o crente, jamais voltaria a procurar o Jardim do Éden e o Céu. Nesse momento, o Divino demonstrou

afastar a Face da Severidade e, com efeito, o texto do Êxodo 32,14 fala de IAHWEH (o aspecto Misericordioso) arrependendo-se do mal intentado contra o seu povo, O termo “teu” povo, usado a Moisés, reverte-se quando os israelitas, para o bem e para o mal, são admitidos mais uma vez por Deus para serem os exemplos vivos da Lei Divina em ação para toda a humanidade. Tendo obtido demência para os israelitas, Moisés “voltou-se e desceu da montanha”, com as duas tábuas do Testemunho nas mãos. Observe a palavra “voltou-se”. Qualquer pessoa que tenha passado por uma experiência interior reconhece esse momento de rotação antes de regressar aos Mundos inferiores. No seu caminho de volta, Moisés encontrou Josué, que ficara esperando logo abaixo durante todo o tempo, e desceram juntos do reino do Espírito para o mundo psicológico, onde postaram-se acima e a alguma distância do reino físico do acampamento. Josué, que não tinha conhecimento do que Moisés sabia, interpretou a algazarra abaixo como sendo gritos de guerra, mas Moisés o desiluiu ao se aproximarem do nível do chão. Enquanto esperava obedientemente entre os Mundos superior e inferior, durante o período na montanha, foi conferido a Josué um grau especial, mas Isso o colocou fora do contato com os acontecimentos acima e abaixo. Diz à lenda que nesse instante Moisés voltou, ao perceber a realidade física do que sucedera, mas os 70 anciãos persuadiram-no para que se apossasse das maravilhosas tábuas. Enquanto o miraculoso fluía diante deles, viu as Palavras Divinas afastadas das tábuas, e elas se tornaram tão incrivelmente pesadas que ele as deixou cair, esfacelando-se de encontro ao solo.

Quando um irado e empalidecido Moisés caminhou em direção ao acampamento e viu o povo rebelde diante do bezerro de ouro, sabia que Deus lhe havia dado a tarefa de promover o julgamento. Nada menos deveria ser leito, do que erradicar os elementos corrompidos da comunidade, para que assim o povo como um todo tivesse uma outra oportunidade de redenção. Para o indivíduo, isso significa que deve não apenas assumir a responsabilidade pelos seus atos e lidar com eles, mas que **nenhuma situação é sem esperança, por mais desastrosa que seja.** Deus é verdadeiramente Misericordioso.

**JUSTIÇA E MISERICÓRDIA****Êxodo 32**

Segundo a visão rabínica, o episódio do bezerro de ouro foi igual ao pecado de Adão, e a sua consequência foi grande para os israelitas através das gerações. Muitas discussões acerca do incidente realizaram-se ao longo dos séculos, e embora as multidões conturbadas, a influência dos dois magos egípcios e a astúcia de Satã sejam culpabilizadas, a responsabilidade sempre retornava aos próprios israelitas, pelas suas interessantes indisciplina e corrupção. Tal senso de julgamento explica o rigor associado à lei judaica. Contudo, o temor da consequência não era sempre suficiente para detê-los, e os israelitas esqueciam repetidamente a sua defecção e a lição de subseqüentemente sofrer, outra e outra vez, igualmente ao que faz um indivíduo quando ignora reiteradamente a lei espiritual.

O primeiro ato da Teshuvah, ou retorno, que Moisés efetuou, foi a queima do bezerro de ouro. Nesse instante o fogo é o elemento Divino, e assim a forma e a substância do bezerro foram dissolvidas de volta ao estado mais primitivo. As cinzas foram então trituradas em pó miúdo e espalhadas na água, que os filhos de Israel foram forçados a beber. A água é o elemento da Formação, ou a psique, e desse modo os israelitas tiveram que digerir psicologicamente o que eles próprios criaram, formaram e fizeram, para assim nunca esquecerem a sua ação idólatra. De acordo com a tradição, muitos dos que renegaram pela adoração ao bezerro de ouro, morreram ao beber a água: quando o processo purificador começou a funcionar dentro deles, foi demais para os seus sistemas corrompidos. Vista no indivíduo, uma desonesta resistência psicológica ao que poderia ser encarado como uma forma de psicoterapia pode chocar, com mentiras, a possibilidade de arrependimento e, por conseguinte, a vitalidade da psique. Isso pode causar a cessação do crescimento para aquela vida.

Após esse incidente, Moisés voltou a Aarão e o interrogou severamente acerca de seus motivos para permitir que o caso do

bezerro acontecesse. Aarão explicou que o povo estava ansioso por alguma providência no aborrecimento da sua espera. Os mais agitados vieram a ele mandando que lhes fizesse um deus capaz de guiá-los, visto que Moisés já estava ausente há muito tempo. Aarão disse então como tentou contrabalançar qualquer ação com aquela finalidade, através de estratagemas protelatórios, esperando que Moisés pudesse retornar a tempo. Isso fez atrasar alguns eventos, mas ele finalmente sentiu-se incompetente para interromper a fabricação do bezerro, mesmo com a tentativa de criar um senso de vergonha na população. Tal reprimenda, todavia, provocou o efeito contrário. Tudo se tornara subitamente pervertido. Moisés escutou tudo isso, e em seguida baixou o seguinte decreto para os israelitas: “Quem for de Iahweh venha até mim”. Com isso, todos os homens de sua própria tribo de Levi reuniram-se em torno dele. A esses ele fez juízes sob sua própria responsabilidade.

No nível individual, vemos aqui a autoanálise após uma orgia de indisciplina e dissipação. A interrogação dos elementos responsáveis da psique ajuda a identificar as causas do problema. Quando forem localizadas, deve-se lidar severamente com elas, ou o equilíbrio e a saúde psicológicos como um todo ficam ameaçados. Isso, no âmbito da psique, é feito no Sefirah do Julgamento, representado pelos referidos levitas, que levam consigo a punição de Israel. Na ação descrita na escritura, irmão mata irmão e vizinho mata vizinho, ou seja, aqueles aspectos inter-relacionados da psique causadores do distúrbio, tais como certas atitudes negativas nascidas de pensamentos e sensações destrutivos. Nessa operação, os levitas atuam como os executores da Severidade, sob obediência, disciplina e lealdade ao objetivo principal de Moisés, o qual se constitui no único fator dentro da situação a perceber o que deve ser feito objetivamente e sem hesitação. Eis a qualidade de Tiferet, o Trono de Salomão. Encarada historicamente, a morte de 3000 pessoas parece brutal e inconcebível, mas precisamos ter em mente que tanto se trata da narração de uma crise dentro de uma nação quanto de um indivíduo no momento mais decisivo de sua evolução. Em uma situação tão perigosa, a Severidade é por vezes o único caminho capaz de modificar o curso da autodestruição e desbloquear o fluxo do progresso, impedido pelos hábitos e reações resistentes à mudança. Quando percebida através

da longa visão, a severa aplicação da disciplina — uma outra qualidade do Julgamento — é válida para equilibrar uma misericórdia ou tolerância excessiva provocada pelo mal e pelo caos, que podem resultar na perda de tudo o que se conseguiu, e até mesmo na morte. Muitas pessoas quando confrontadas com um hábito mortal, como o de beber excessivamente, frequentemente aceitam um rigoroso regime de abstinência como o único meio de prevenir o inevitável resultado de tornar-se alcoólatras. Em assuntos espirituais, a disciplina é mais profunda e restrita, porque os resultados de uma má ação podem afetar muitas vidas.

Poderia ser de utilidade aqui considerarmos o entendimento bíblico acerca da Justiça e da Misericórdia. Embora o Antigo Testamento contenha muita violência, é preciso lembrar que a sua base é a história de um povo que, a exemplo dos americanos, lutou contra as populações nativas e entre si mesmo. Contudo, porque existe uma dimensão espiritual, os conflitos sintetizam a luta do bem contra o mal, dentro e entre os indivíduos e as nações; às vezes são de fato chamadas de Guerras do Senhor, em que pese a sua barbaridade para nós. Existe, entretanto, em contraste com tais episódios de severidade, muita coisa no Antigo Testamento e nos comentários talmúdicos, que dizem respeito à Misericórdia. Consideremos o perdão de José aos seus irmãos e o relacionamento de Davi com Saul. De mais a mais, a despeito da penalidade do olho por olho, dente por dente, poucas pessoas eram executadas nos julgamentos rabínicos dos tempos antigos, sem uma evidência Conclusiva. A presença da Sabedoria, Compreensão, Conhecimento e Misericórdia é certamente confirmada pela maior parte do material existente na Bíblia. Com efeito, isso nunca foi aceito como sagrado, desde que não contivesse o elemento do Amor para equilibrar a Justiça. O Salmo 23 ilustra bem esse equilíbrio.

Sob o ponto de Vista kabbalístico, o que parece a curto prazo ser severo, a longo termo invariavelmente se transforma em um ato de Misericórdia, quando cada qualidade é equilibrada pela outra, ao serem observadas em termos da Árvore Sefirótica. Portanto, embora um homem possa provocar sofrimento a outro, ambos receberão sua recompensa e sua punição, se não imediatamente, então depois, talvez na próxima vida, quando suas



posições poderão estar trocadas para dar-lhes a oportunidade de solucionar o problema. Da Justiça vem a Misericórdia.

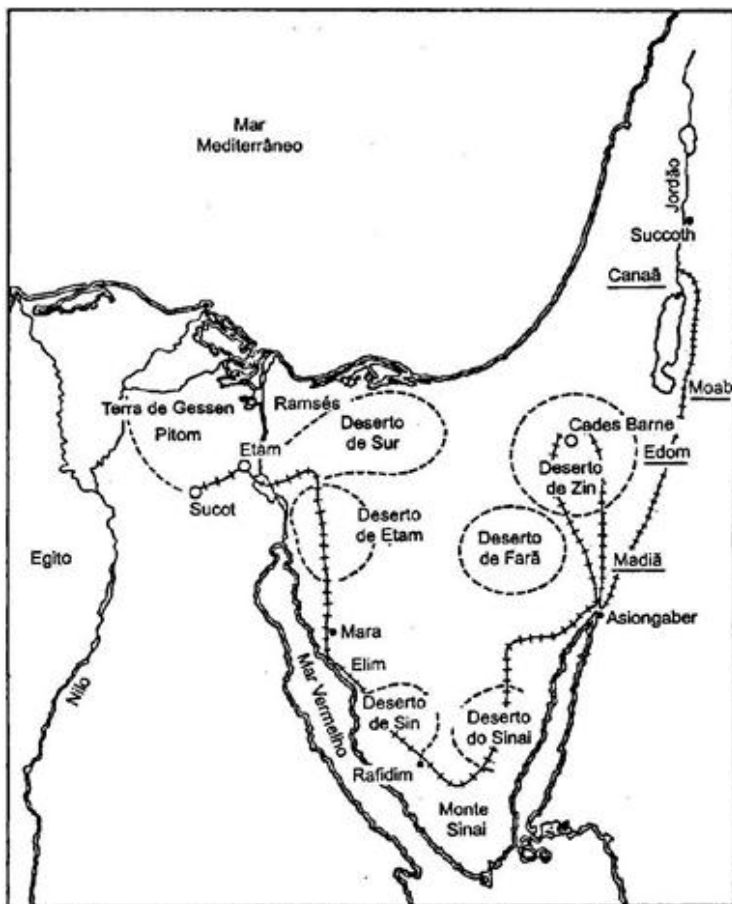
A lição do bezerro de ouro não aconteceu para se perder. No dia posterior à matança, Moisés disse: “Vós cometestes um pecado grave. Todavia, vou subir a Iahweh para tratar de expiar o vosso pecado”. Moisés deixou então abaixo um povo arrependido, ponderando acerca da sua situação, enquanto se elevava mais uma vez para o lugar de Deus.

## CONSEQUÊNCIAS

## EXODO 32-33

“Voltou, pois, Moisés a IAHWEH.” Essa frase simples contém um grande significado. Fala da facilidade concedida a Moisés, muito embora ele tenha sido afastado dos filhos de Israel. Tal acessibilidade ao Divino é rara e só acontece devido a uma circunstância externa muito especial ou a um marcante desenvolvimento interior. Segundo a tradição oral, naquele tempo em Israel existiam apenas sete homens justos, dignos de se aproximarem dos Mundos superiores. Eram eles Moisés, Aarão e os seus dois filhos Eleazar e Itamar, seu genro Finéias, Josué e Caleb. Desses, somente Moisés estava capacitado naquele momento a um contato direto com o Divino. Considerando-se como uma analogia de uma pessoa, esses homens corretos poderiam ser comparados àquelas partes da psique que tenham alcançado algum grau de pureza. Como um grupo, eles relacionam-se pela família ou pela lealdade, Isso pode-se perceber como a aglutinação de um centro estável dentro das lutas turbulentas do acampamento da psique.

Já então, havendo Moisés galgado a Montanha Sagrada em companhia daqueles anciãos, deixou-os em um ponto abaixo e subiu para o topo, onde se encontram os três Mundos superiores. Ali ele falou a Deus: “Este povo cometeu um grave pecado ao fabricar um deus de ouro”. Quer dizer, eles ‘perderam a marca’ (a palavra hebraica para pecado), e adoraram uma imagem material da Existência, Eis a situação para aqueles prisioneiros de uma visão sensual do Universo. Seu resultado é a espécie mais baixa de apreciação da realidade, baseada em nada mais que um enfoque egocêntrico. Exemplificando, uma devoção profunda às possessões físicas, ou a adoração às posições mundanas, é para a maioria das pessoas, a extensão e a projeção do amor egóico, ou o seu bezerro de ouro.



**Figura 20. Rota do Êxodo.** A rota exata dos israelitas é desconhecida, mas os nomes dos lugares mais significativos do trajeto são muito reveladores. Sur quer dizer 'andar em círculo', 'ficar à espera' e 'considerar'. Etãm significa 'desolação'. Mara tem o significado de 'amargura' e infortúnio'. Elim quer dizer 'árvores', e Sin o 'lugar da lama', 'paixão' e 'conflito'. Rafidim é um 'lugar de descanso' e Sinai um 'alto penhasco' e 'ravina'. Farã significa 'cavernas', 'secreto' e 'busca', enquanto Asiongaber quer dizer 'coluna vertebral'. Zin é um 'lugar de proteção' e 'espinho pontiagudo', e Cades Barne, onde os israelitas passaram muito tempo, significa 'peregrinação determinada'.

pessoal. Para o indivíduo interessado no desenvolvimento da sua Alma, tais preocupações exclusivas impedem qualquer possibilidade de evolução espiritual. O pecado é particularmente ruim para a pessoa a quem, igualmente aos israelitas, o caminho tenha sido mostrado, mas escolhe, à semelhança daqueles, voltar as costas à Aliança. Isso significa, é bom que se repita, tornar-se ignorante, no pleno sentido de ignorar o que foi colocado diante de si. É, de fato, um grande pecado que se comete.

Moisés disse então: “Se perdoasses o seu pecado... Se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste”. Em cima deste versículo existe muito ensinamento oral interessante. De acordo com a tradição, diante do Trono da Glória estão um Livro da Vida e um da Morte. Neles são inscritos todos os feitos das criaturas existentes, especialmente aquelas da raça humana que, possuidoras do livre-arbítrio, estão capacitadas a escolher entre o bem e o mal. Aqueles dois Livros são abertos pelo prazo de dez dias, no começo de cada novo ano, para a consideração de quem viverá e de quem morrerá durante os próximos 12 meses. Esse processo de Julgamento e Misericórdia é contínuo através dos tempos, até o final dos dias, quando o comportamento total é assentado no último dia, no qual cada Criatura de todos os Mundos virá perante o Senhor para apresentar o seu relatório de como desempenhou a missão para que foi criado, para que assim Deus possa contemplar Deus<sup>7</sup>.

A resposta Divina a Moisés é a seguinte: Riscarei do meu livro todo aquele que pecou contra mim”. Aí está o Ensinamento referente à oposição direta à Vontade Divina. E o pecado de uma pessoa que sabe o que está fazendo, diferente daquele que ainda se encontra em estado de inocência. A alma não desenvolvida age cegamente, sem experiência ou conhecimento, não sendo, portanto, plenamente responsável. Mas o indivíduo que peca contra Deus é considerado como sendo responsável pelos seus próprios atos, porque atingiu algum nível de maturidade espiritual. Por conseguinte, o Julgamento a ser aplicado é muito mais grave. Aqui, a sentença mais severa, de ser riscado do Livro da Vida, deve ser exarada para a maior das rebeliões.

---

<sup>7</sup> - No original da Bíblia em hebraico temos ‘visitarei’ e não ‘punirei’ como é conhecido.

O capítulo termina, no entanto, com um misto de Misericórdia e Justiça. Foi dito a Moisés para guiar o povo em direção à Terra Prometida. “Mas, no dia da minha visita, eu punirei o pecado deles”, disse o senhor. Isso quer mostrar a escolha de um momento em que dará aos israelitas uma lição pela sua defecção. Qualquer pessoa que tenha praticado uma disciplina espiritual tem essa experiência da lei cármica. Todavia, é preciso afirmar que ela nunca é aplicada sem Misericórdia, pois no instante em que a lição for aprendida, a severidade cessa. A atuação da justiça e da Misericórdia não existe para destruir, mas para corrigir o equilíbrio, educar a alma, ensinar a lei cósmica e revelar a Graça Divina. Uma regra é que um indivíduo deveria reconhecer a sua infração e arrepender-se, então as leis da recompensa e da punição serão ajustadas pelo Santo, que a tudo perdoa, e voltar-se para o Divino.

O capítulo seguinte começa com o restabelecimento da Intenção de Deus com relação aos israelitas. E a resposta ao seu arrependimento. Além da promessa da Terra do leite e mel, e do envio de um anjo para precedê-los e livrá-los dos inimigos, está o fato de que a Sagrada Presença não ficará com eles. Essa degradação simbólica é posta na lenda bíblica, contando-nos como no primeiro dia da revelação os israelitas receberam armas com os Nomes de Deus gravados e mantos de cor púrpura. Os mantos púrpura, ou uma psique desenvolvida, representam uma maestria do Mundo da Formação, ao passo que as armas são instrumentos de controle naquele Mundo. Ocultistas posteriores quiseram imitar esses símbolos através de mantos e armas mágicos. Devido à defecção dos israelitas durante a sua iniciação, tais poderes concedidos pela Graça foram retirados pelos anjos.

Essas habilidades psíquicas, como a clariaudiência, podem ser adquiridas através de um trabalho muito árduo acima dos centros superiores da psique, e são cultivadas deliberadamente pelos ocultistas. Entretanto, para o aspirante espiritual, elas se desenvolvem naturalmente à medida que a psique se torna mais refinada e sensível. Tais faculdades incluem a cura, a projeção da consciência para outros lugares, fazendo assim ouvir ou ver acontecimentos distantes, as visões interiores e a antecipação de eventos futuros. No trabalho kabbalístico, esses dons são considerados como o caminho normal de percepção dos Mundos

superiores e mais sutis. Não devem ser utilizados para a manipulação oculta ou mágica daqueles situados abaixo. Com efeito, dizem os rabinos no Talmud: “Aquele que pratica a magia não entrará no Céu”. Significa que uma pessoa que se devota a operar no Mundo da Formação, ali ficará retida pela fascinação da magia e não progredirá até o Mundo do Espírito. Esse não é um fenômeno incomum nos níveis inferiores do trabalho espiritual. Como nos narra o folclore bíblico, os mantos e as armas foram retirados dos israelitas porque eles já não eram confiáveis, como ocorre com os indivíduos que abusam de sua posição superior.

Em virtude da retirada da presença de Deus, os israelitas caíram em profunda depressão. Entraram em colapso ao ouvirem as palavras Divinas: “E um povo de cerviz dura. Agora, pois, deixa-me, para que se acenda contra eles a minha ira e eu os consuma”. Verdadeiramente o mais fundo do seu arrependimento, conta a lenda, fez com que eles se livrassem dos ornamentos adquiridos no Egito. Nesse ato, o ego libertou-se do que lhe fora dado pelos Mundos inferiores e usado em proveito da vaidade pessoal, e de que nunca mais se utilizaria no deserto. Teve início então o processo de purificação, enquanto esperavam ouvir o que o Divino faria com eles. Quando Moisés desceu da montanha, afastou-se dos israelitas, armou uma tenda fora do acampamento, simbolizando a ocorrência de uma separação e uma remoção da Graça. A tenda era conhecida dos israelitas como o único lugar na terra no qual o Divino residiria, pois cada um, é bom lembrar, viu de sua própria porta a Nuvem do Espírito Santo descer sobre a Tenda da Reunião, como veio a se chamar. Ali Moisés falou com Deus, “como um homem fala ao seu amigo”.

---

## Experiência

---

## Iluminação

### ÊXODO 33

A conversa entre Deus e Moisés na Tenda da Reunião, fora do acampamento, pode ser considerada como uma metáfora do diálogo dentro de um indivíduo, entre o tu e o eu. O nível no qual ela se realizou poderia ser entre o Self, onde se encontram os três Mundos inferiores, e o lugar de encontro dos três Mundos superiores. Tal posição é o Sefirah no verdadeiro centro da Escada de Jacó, que atua tanto como o Conhecimento da psique quanto a Fundação do espírito. Essa estação também está associada ao arcanjo Gabriel, conhecido como o Anunciador. Aqui também é o lugar do Espírito Santo, quando este se manifesta à psique. O significado kabbalístico de tal posição é que habilita um homem a ouvir e até ver os Mundos superiores, mesmo considerando que ele ainda se encontra na carne. Quase sempre facilita a sua comunicação com o Divino, na Coroa da Psique. Por conseguinte, Foi possível a Moisés conversar com Deus no nível do solo, nos Mundos inferiores.

A Tenda da Reunião tornou-se também o lugar em que os filhos de Israel vinham a Moisés para aconselhamento e intercessão em seu benefício; ali, além da fronteira da sua vida mundana de acampamento, encontrava-se um espaço sagrado, onde o seu mestre podia entrar em contato com o Divino para interceder e orar por eles. O paralelo pode ser visto no indivíduo quando o ego percebe que a Alma em desenvolvimento sobe para estabelecer uma conversação espiritual, da qual ele não pode participar diretamente. A experiência mostra que tais diálogos frequentemente penetram fundo no inconsciente, conquanto o ego possa às vezes ter alguma indicação do que está ocorrendo, através da paz ou do distúrbio precipitado pelas mudanças interiores. Durante o período em que Moisés não se encontrava na Tenda,



pois havia se dirigido à montanha, o seu jovem assistente Josué permaneceu de vigia. Ele estava sendo treinado para ser o sucessor de Moisés, O mesmo acontece dentro do indivíduo, quando ainda inexperiente no aspecto espiritual do Self é outorgada a confiança para observar e seguir.

“Moisés disse a IAHWEH”: Tu me disseste: ‘Faze subir este povo’, mas não me revelaste quem mandarás comigo [para nos conduzir]. Contudo disseste: ‘Conheço-te pelo nome, e encontrei graça aos meus olhos’. Agora, pois, se encontrei graça aos teus olhos, mostra-me o teu caminho, e que eu te conheça...” (Êxodo 33,12) Essa petição dupla é a mais reveladora do processo de instrução espiritual. A primeira refere-se a um guia. Se o Senhor não acompanhar o povo, quem então o ajudará? Obviamente, Moisés não se via como o guia, quer por que, como o anotarás depois a Bíblia, ele é um homem humilde, e também, embora capaz de uma revelação profética, ainda não é possuidor de um seguro conhecimento interior; embora seja o líder do seu povo, sente-se capaz apenas de assumir a posição do Self, mas não a detém como uma situação permanente. Isso também simboliza o papel de qualquer mestre, como o Self substituto do discípulo, até que Jacó no mesmo, o Self psicológico, se transforme em Israel, o Self espiritual, posteriormente representado por Jaua.

A segunda questão é alusiva ao fato de ser conhecido por Deus. Ser conhecido pelo nome é ser reconhecido individualmente, e aqui Moisés reclama, como seu privilégio, que lhe sejam mostrados os caminhos mais íntimos e que poderia chegar para conhecer Deus. Em resposta ao pedido: “Mostra-me o teu caminho e que eu te conheça”, o Senhor diz: “Eu mesmo irei e te darei descanso”. Mas Moisés ainda tem dúvida sobre o significado disso, porque o Senhor dissera que não viajaria com o povo, e pede esclarecimento, dizendo: “Como se poderá saber que encontramos graça aos teus olhos, eu e o teu povo?” Neste ponto, Moisés procura obter a Misericórdia de Deus, em um pronunciamento às claras, para que os israelitas e o mundo como um todo possam percebê-la integralmente. Mas o Senhor, indicando uma diferença nos Desígnios Divinos, evita uma resposta direta e fala somente com respeito a Moisés, repetindo que ele é conhecido pelo nome. Eis aí uma corrente através da qual todo o ensinamento esotérico é partilhado. O divino instrui o mestre, ou a psique superior, para

que passe adiante o conhecimento de forma inteligível àqueles situados abaixo, na consciência comum.

Conta-nos a lenda bíblica que o estágio seguinte da instrução de Moisés foi para lhe serem mostrados os tesouros guardados no alto pelos que se comportam com integridade e caridade, ou seja, com Justiça e Misericórdia. Ele também viu que as recompensas eram destinadas tanto àqueles que fracassavam em suas missões, quanto aos que haviam obtido sucesso na sua tarefa. Isso intrigou Moisés, até que lhe foi lembrado que os Caminhos Divinos não são iguais aos do homem. O Senhor é benevolente com quem o Divino quer ser benevolente.

Notando a perplexidade de Moisés, o Senhor demonstrou de que modo, às vezes, a aparência de recompensa e punição é confundida pelo olho imperceptivo, quando Moisés em visão clarividente tinha desenrolado diante de si um incidente da vida real. Um homem fora assassinado sem razão aparente, até que lhe foi revelado que essa morte violenta era o resultado de um crime anterior. Como consequência, a propriedade do homem morto foi então devolvida ao seu possuidor original, de quem ela fora roubada. Portanto, através de uma cadeia de acontecimentos aparentemente desconexos, a Justiça e a Misericórdia haviam restabelecido o equilíbrio no Mundo.

Moisés viu não apenas as leis da recompensa e da punição em funcionamento, mas lhe foi permitido, diz a lenda, um vislumbre profundo do futuro, no qual pôde ver todas as gerações e os seus líderes espirituais. Isso lhe mostrou como o mundo era governado, não pelo poder da força física ou da voluntariedade psicológica, mas pelas forças espirituais e cósmicas que operavam de acordo com a supervisão Celestial da Providência a menos que intervenha a escolha Divina. Por tal ato, lhe Foi revelado que a Divindade concederia a Graça até mesmo para o injusto, desde que ele pedisse perdão, havendo reconhecido a sua estupidez.

Ao final da lição, Moisés pediu que lhe fosse mostrada a Glória Divina. Em termos kabbalísticos, ele desejou ver o Mundo da Emanação sem o véu dos Mundos inferiores. A resposta foi que não lhe seria permitido encarar diretamente a Luz Divina porque ela destruiria a sua recém-adquirida individualidade. Somente aqueles que estivessem preparados para sacrificar o seu sentido do Self na presença da Eternidade, poderiam ser considerados

prontos para esse estágio de união. Pois “o homem não pode ver-me e continuar vivendo”. Além disso, Moisés tinha um trabalho a realizar abaixo, na Terra, Entretanto, seria concedida a Moisés uma visão oblíqua da Glória, sendo então colocado em uma fenda da rocha. A palavra ‘Hatsur’ é empregada no texto. Kabbalisticamente ela indica a lendária rocha de Shetiyah, que é a Pedra Fundamental do Mundo. Além de ter sido o travesseiro de Jacó quando ele viu a Grande Escada do Céu, é a rocha que o Criador pôs no Abismo, no princípio da Criação, para atuar como a ligação entre a Divindade e os Mundos inferiores, Moisés foi colocado dentro dessa rocha que iria, de acordo com a lenda, formar a base do Templo de Salomão. Com essa proteção, ele poderia vislumbrar a parte posterior da Glória de Deus.

## ESCLARECIMENTO

## ÊXODO 34

Antes de subir à Montanha Sagrada, Moisés foi instruído para cortar duas tábuas de pedra iguais àsquelas que se haviam quebrado. Essas tábuas de feitura humana substituiriam aquelas Divinamente criadas. Vemos aqui o ensinamento acerca da Graça e do Mérito, no qual a Vontade de Deus desce para encontrar e fundir-se com o trabalho do homem, que cresce vindo debaixo. “Fica preparado de manhã; de madrugada subirás à montanha do Sinai, disse a Moisés”. Na visão kabbalística, essa é aquela parte do dia em que predomina a Misericórdia, a energia e o amor, ao contrário da tarde, que é a ocasião da Justiça, da reflexão e da forma. “E lá me esperarás, no cimo da montanha.” Segue-se então a instrução de que ninguém mais deveria estar no local.

A subida da Montanha Sagrada, em Kabbalah, é levada a efeito em duas fases principais. A primeira é a dos sete estágios de que são chamadas as Câmaras inferiores. Elas são os níveis psicológicos correspondentes ao Mundo Angélico da Formação, que consistem da liberação do corpo, através, do ego, além dos pensamentos, sensações e ações, em direção a um estado desperto, antes de passar ao nível da alma, que por sua vez leva ao nível do espírito e ao contato com o Divino. O segundo estágio começa no ponto de trânsito do Self, onde a alma eleva o aspirante através das sete Câmaras maiores da Devoção Espiritual, Pureza, Sinceridade, Piedade, Santidade, Sacralidade, e finalmente à Presença onde, de acordo com a tradição, Moisés entrou na fenda da rocha, no topo da montanha. (É a mesma caverna em que Elias ficou quando a Glória Divina lhe foi revelada.) Enquanto ascendia através dos Mundos, foram ainda mostradas a Moisés todas as hierarquias celestiais de anjos e arcanjos. “Como é que a nós, que servimos dia e noite ao Divino, não nos foi permitido ver a Glória de Atzilut?” protestaram. Por causa dessa hostilidade, Moisés teve que ser protegido dos seres celestiais que se ressentiam de

qualquer criatura terrena que os excedesse em favor. Isso nos fala de que qualquer jornada para o alto, através dos Mundos, envolve grandes perigos, ao mesmo tempo em que testes são aplicados na pessoa, quando encontra os arquétipos psicológicos e cósmicos. Diversos livros acerca de como lidar com esses níveis e seus guardiães angélicos podem ser encontrados na literatura kabbalística. Repetida frequentemente é a regra de que nenhum ser humano pode ultrapassar tais criaturas celestes, a menos que seja mais do que igual a elas. Isso se aplica interna e externamente, e preserva qualquer invasor imprudente desses Mundos de ser massacrado pelas suas avassaladoras forças psicológicas e espirituais. No mais das vezes isso protege contra qualquer abuso por parte daqueles que tentam brincar com essas energias psíquicas ou cósmicas. Ocasionalmente, pode-se encontrar indivíduos queimados psicologicamente e destruídos espiritualmente; a morte dos dois filhos de Aarão no santuário ilustra o assunto. Quando chegou a hora de Moisés ver a Glória, Deus teria afirmado: “Quando me revelei a ti na sarça ardente, tu não desejaste olhar para mim; agora estás querendo, e EU não”. Aí está estatuído que para cada indivíduo existe um instante na vida, no qual a Glória pode ser vista sem perigo. Tais atos de Graça, ocorridos frequentemente nos pontos críticos da vida, deixam a pessoa inteiramente modificada na sua atitude por toda a Existência.

Quando a Nuvem da Criação desceu sobre a rocha, lembra a Bíblia, “Va yityatsav imo sham”, “E Ele postou-se ali com ele, e invocou o Nome”. E IAHWEH passou diante do seu rosto. Diz a lenda que, nesse momento, a rocha fechou-se sobre Moisés e ele percebeu somente o reflexo da passagem da Glória, quando proclamou-se o seguinte:

“IAHWEH, IAHWEH...  
DEUS DE COMPAIXÃO E DE PIEDADE,  
LENTO PARA A CÓLERA  
E CHEIO DE AMOR E FIDELIDADE;  
QUE GUARDA O SEU AMOR A MILHARES,  
TOLERA A FALTA, A TRANSGRESSÃO E O PECADO,  
MAS A NINGUÉM DEIXA IMPUNE  
E CASTIGA A FALTA DOS PAÍS NOS FILHOS  
E NOS FILHOS DOS SEUS FILHOS,  
ATÉ A TERCEIRA EA QUARTA GERAÇÃO”.

Os versículos precedentes são conhecidos na Kabbalah como os 13 Atributos, ou Qualidades da Misericórdia. Segundo alguns, eles representam os três Zahzahot invisíveis dos Esplendores Ocultos e os dez Sefirot. Outros vêem-nos como a manifestação da Face superior Divina da Misericórdia, chamada de Lento nó Sofrimento, e a Face inferior da Severidade, simbolizada pelo último versículo. Vistas como o estatuto mais majestoso depois do Decálogo, as 13 Qualidades foram preservadas na liturgia judaica para serem recitadas nos feriados solenes, especialmente aqueles associados à penitência, como o Dia da Expição. De acordo com o Talmud, a sua recitação diante do Senhor precipitará o perdão, e ninguém que tenha feito a Aliança voltará de mãos vazias, Contudo, a implicação é de que o suplicante tenha atingido um grau de desenvolvimento ou ascensão, no qual se encontre verdadeiramente diante do Trono da Glória, como Moisés estava quando se postou. (No hebraico original, ainda não existe uma palavra alusiva a geração.)

Nesse instante de esclarecimento, relata a lenda, Moisés inclinou a cabeça para o chão, enquanto lembrava que a sua substância, igual à de Adão, era de barro, e disse: “Iahweh, se agora encontrei graça aos teus olhos, segue em nosso meio conosco, mesmo que este povo seja de cerviz dura. Perdoa as nossas faltas e os nossos pecados, e toma-nos por tua herança”. A resposta Divina à súplica de Moisés foi a renovação da Aliança com Israel diante de todo o povo. Aí estaria a esperança e a redenção para todos; a humanidade perceberá que, a despeito do erro de Israel, o Senhor daria o seu perdão, embora cada geração deva encarar as suas lições sob as leis da Justiça cósmica.

Portanto, com a Severidade que acompanhará os israelitas no deserto, vêm um fortalecimento e uma preservação da pureza e da integridade, quando morrem a corrupção e a frouxidão, e perecem a perversão, a rebeldia e a decepção. A justiça e o Rigor Divinos não são tanto as Qualidades do Temor e da Retribuição, mas um estreitamento que é às vezes necessário para trazer um indivíduo ou um povo de volta de um trajeto de desastre total. “Farei diante de todo o teu povo maravilhas como não se fizeram

em toda a terra, nem em nação alguma. Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de Iahweh, porque coisa temível é o que vou fazer contigo”, disse o Senhor. Nessa promessa, o Divino restabelece a conexão depois de havê-la retirado dos israelitas. Na vida de um indivíduo, é possível assemelhar-se tal experiência de Misericórdia. Frequentemente, a despeito do erro insensato ou da resistência deliberada, muitos concluíram que uma vez que tenham admitido os seus desvios, a Graça Divina fluiu novamente para curar o sofrimento e sanar o dano praticado pelo ego, ou mesmo pelo Self, quando se coloca contra o Caminho do Céu.

**RESPLENDOR****ÊXODO 34**

Depois da revelação das 13 Qualidades da Misericórdia, a escritura muda o ritmo quando repete a promessa Divina de ajudar os israelitas a alcançar a terra na qual chegarão, advertindo-os para não se aliarem aos habitantes, para não serem corrompidos por eles. Com efeito, foi dito aos israelitas para destruírem todas as instituições religiosas que encontrassem. O texto torna-se então uma mistura dos dez mandamentos e trechos do Código Sacerdotal, sugerindo que essa passagem foi inserida posteriormente por escribas que não compreendiam a natureza dos Mundos superiores. Elas parecem de fato relacionar-se novamente com o aumento da autoridade clerical, através da colocação de sua preocupação com o festival e o sacrifício, imediatamente após a profunda experiência de Moisés. Tem havido muita discussão acadêmica pelos séculos afora, acerca, digamos, do versículo que trata do não cozimento de um cabrito no leite da própria mãe, mas um pouco de bom senso, somado a alguma vivência mais aprofundada, indicam que a maior parte das análises mundanas são meramente soluções aprendidas, quando isso obviamente é um símbolo da corrupção espiritual — o que é irônico neste contato. O aprendizado sem o conhecimento esotérico não pode estabelecer a diferença entre teoria e realidade. Somente a experiência pessoal direta é capaz de separar a opinião da verdade, que é o conhecimento interior.

Moisés, segundo nos contam a Bíblia e o folclore, permaneceu 40 dias e 40 noites no alto da montanha. Nesse período foi-lhe ensinada toda a Terá, ou seja, aquelas coisas que devem e aquelas que não devem ser reveladas. O motivo pelo qual se diz que todo o ensinamento foi dado, deve-se ao termo “40 dias e 40 noites” ser usado. Na Kabbalah esta frase significa os seus aspectos partilhadores e receptivos. Durante esse tempo ele ficou sem comer e sem beber, porque era mantido pela mesma substância que alimenta os seres angélicos. Isso, segundo a



tradição, é a Emanação da Shekhinah, a Luz procedente do Mundo da Emanação. Em consequência foi que Moisés adquiriu lentamente o resplendor que se irradiava do seu rosto quando desceu da montanha.

Visto em termos individuais, quando uma pessoa alcança o nível de esclarecimento de Moisés, ela se elevou do estado mundano do corpo, através do Mundo psicológico, até o lugar onde se encontram os três Mundos superiores. Aqui, a Glória Divina irradia-se para baixo por sobre o seu espírito e percorre o seu organismo psicológico. Quanto maior a profundidade, mais tempo permanece a radiação. No caso daqueles que sustentem o contato, como o Buda, a radiação torna-se uma característica permanente. Nos seres menos elevados, como os santos e os sábios, o fenômeno não é tão marcante, embora seja lembrado como um halo, ou uma aura, que é sentido, senão visto, pelos mortais comuns. Temos aqui o processo pelo qual o Mundo Divino penetra nos três veículos inferiores daquele que está suficientemente purificado para permitir que a Emanação brilhe através do seu ser. A escritura prossegue descrevendo o fenômeno.

“Quando Moisés desceu da montanha do Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do Testemunho... não sabia que a pele de seu rosto resplandecia porque havia falado com ele.” (Êxodo 34,29.) A lenda descreve como Aarão e o povo tiveram medo de Moisés, porque antes de haverem pecado, eram capazes de olhar para as sete capas de fogo da Glória, mas agora eles não podiam sequer fitar um homem que estivera na Presença, por causa do profundo temor que sentiam ao ver a luz irradiando do semblante de Moisés. Percebido na experiência individual, esse fenômeno pode ser testemunhado após uma sessão de meditação profunda, sob disciplina esotérica, quando certas pessoas irradiam um fulgor perceptível por todos. A qualidade do resplendor é a pureza extraordinária e o suave poder que revela a alma da pessoa. A luz frequentemente esmaece quando a psique e depois as atividades corporais se sobrepõem à luminosidade e a encobrem com os humores e a materialidade. Um fenômeno semelhante ocorre com os recém-nascidos. Eles perdem uma lucidez do ser, quando os seus corpos densos e as suas psiques desajeitadas enevoam o espírito e sombreiam a radiação mais íntima, ao descenderem para a terra e se tornarem plenamente encarnados.

Tendo alcançado o mundo físico, Moisés colocou um véu sobre o rosto. Isso é uma metáfora para enquadrar a radiação interior pela máscara do ego. A razão disso é que na vida o ego age apenas como obturador entre os mundos exterior e interior, para evitar que os níveis mais grosseiros penetrem na psique, mas também protege o interior de cegar o exterior, como qualquer contato ocular mútuo pode fazer. Quando se está na presença de um ser grandioso, as discrepâncias da própria natureza pessoal são iluminadas por contraste, e isso pode ser extremamente doloroso. Devido à clareza de Visão tanto de Jesus quanto do Sócrates, foram punidos pelo fato de serem inadvertidamente responsabilizados por fraudes. Um mestre, por conseguinte, normalmente escudará os seus discípulos da sua plena luminosidade, mantendo-a fora até que possam suportar a visão por si próprios. Enquanto isso, a instrução vem de trás de um véu. Dizem que Pitágoras e Maomé ensinavam desse modo.

Conta a tradição que Moisés ensinou de acordo com um método definido, cuja racionalidade seria reconhecida em nossos tempos. Em primeiro lugar instruiu Aarão e, em seguida, a seus filhos, enquanto Aarão ouvia pela segunda vez. Depois disso ele ensinou aos anciãos, relacionando o ensinamento a Deus, ao Mundo e ao Homem, sendo observados por Aarão e pelos filhos. Então ensinou ao povo, enquanto todos aqueles a quem já ensinara ficavam à escuta. Portanto, Aarão ouvira por quatro vezes, uma para cada nível de realidade. Aí Moisés questionou e Aarão repetiu tudo o que havia aprendido, como o fizeram os seus filhos, os anciãos e o povo, até que cada um o tivesse escutado quatro vezes. Desse modo, foi-lhes ministrado o Ensino em termos de cada um dos Mundos, e nos quatro níveis da operação física, psicológica, espiritual e Divina. O quanto foi compreendido deve ser avaliado pelo próprio desempenho da pessoa ao ser instruída. Sem dúvida, as diversas partes da constituição de cada um recebem o conhecimento de formas diferentes, para que assim o Ensino possa ter uma aplicação prática, um agrado psicológico, espiritualmente vibrante, e até mesmo conceder um instante de experiência Divina. Cada nível responderá a seu próprio modo, absorvendo mais inconscientemente, até ser revivido quando necessário pelo indivíduo em um ponto particularmente relevante.

Enquanto Moisés usava o véu diante do povo, ele o removia quando ia ao encontro do Senhor. Isso descreve simbolicamente como o véu se transformava de um protetor em um obstáculo, quando o próprio Moisés se transformava em um discípulo. Desvencilhando-se do véu, relacionado ao Conhecimento da psique e à Fundação do Espírito, ele podia abrir-se para receber instruções do Altíssimo. Em qual condição, ele se encontrava no estado de 'Kibal', ou receber, que é a raiz da palavra Kabbalah. Depois de haver sido ensinado, Moisés voltou do recebimento acima para partilhá-lo abaixo. Em primeiro lugar, contudo, ele cobriu o rosto para assim não desencorajar o povo do Trabalho de Unificação, como passou a se chamar. Não foi apenas a junção das diversas tribos em uma nação, mas o trabalho que agrega todas as partes de um indivíduo e une todos os Mundos.

---

Trabalho

---

## ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO

### ÊXODO 35

A Revelação sempre precede a tradição, e não poderia ser de outro modo. Da Revelação vem à linha oral, que se torna então a tradição escrita e ritual. Assim, a transmissão do Ensino segue a doutrina dos quatro Mundos, na sua descida da Vontade Divina, através do conhecimento espiritual e da forma psicológica, até a manifestação física. Portanto, isso aconteceu quando Moisés começou a transmitir as instruções relativas ao Tabernáculo já existente nos Mundos superiores.

No início do Êxodo 35, Moisés reúne toda a comunidade e lhe dirige a palavra. Isso pode ser visto no indivíduo como o Self chamando a psique e o corpo à consciência, para então considerar o objetivo da construção do Tabernáculo. Moisés principiou estabelecendo as estritas regras do exercício, e como ela precisaria seguir as leis da Criação, com a sua periódica interrupção para a recreação e a reflexão. Depois, suavizando, ele indicou que todo aquele que o desejasse, de boa vontade, poderia dar alguma contribuição, em trabalho e em material. Isso significava que não somente estava envolvida a coluna central da consciência, mas também o pilar direito da energia e o esquerdo da matéria. Desse modo o relâmpago da Coroa, movido pela vontade, zigzagueava para baixo, passando pelo intelecto e pela emoção, até chegar ao reino do corpo, prostrando-se no Mundo da Ação e dos Elementos. Graça, Misericórdia e Justiça encontravam-se aterradas.

Os materiais já haviam sido descritos detalhadamente, mas o modo pelo qual é repetido o grande esboço do que seria necessário indica um ordenamento em um Mundo inferior, quando as especificações projetadas começam a se manifestar. Depois de incumbidas as exigências físicas para a edificação do Tabernáculo, o povo retornou ao acampamento, escolheu os materiais de que dispunha, e de bom grado os ofertou. Isso foi absolutamente vital, pois de outra maneira o Trabalho não teria significado para eles

ou para o Tabernáculo. Com eleito, qualquer esforço realizado sob coação é inválido, seja ele pela pressão externa sobre o ego, pelo orgulho interno do Self, sob a ameaça do medo, ou a fascinação do amor. No instante em que o livre-arbítrio desaparece, o Trabalho deixa de ser uma adoração e torna-se uma labuta, e em seguida uma rotina estafante. Debaixo de tais condições, nada se dá, mas apenas se toma.

Diz o texto que cada homem e cada mulher trouxeram um enfeite pessoal. Esses sacrifícios individuais representam a contribuição do corpo. A psique deu os seus presentes quando os homens e as mulheres ofereceram as suas habilidades especiais, com aqueles praticando as artes masculinas e estas as femininas. Desse modo, os talentos executaram um ritual de elaboração, formação e criação de objetos sagrados quando os materiais foram malhados, tecidos, cortados, costurados, pregados e unidos nos vários componentes do Tabernáculo, da mobília e das vestimentas sacerdotais. Neste caso encontramos a analogia de um labor amoroso, prosseguindo por muitos anos no kabbalista, ao trabalhar no Tabernáculo de si mesmo para criar, formar e fazer um lugar Sagrado dentro da psique e do corpo, onde residam a alma, o espírito e a Divindade.

Os chefes das tribos deram as pedras preciosas para o efod e o peitoral, contribuindo ainda com os perfumes e o azeite para o candelabro. Isso nos conta como a parte animal do povo ou do indivíduo dispôs dos tesouros acumulados na vida. Eles poderiam ser vistos nos magníficos talentos, tais como a habilidade organizadora, o dom para inspirar confiança ou a posse de grande determinação.

Nesse ponto, Moisés anunciou aos israelitas que Beseleel fora especialmente escolhido para implementar o Trabalho, porquanto ele, que estivera na sombra de Deus, encheu-se com o Espírito dos ELOHIM, “de sabedoria, entendimento e compreensão”. Beseleel haveria de coordenar, como diz o texto hebraico, “Kol Ish ve Isha”, “Cada homem e cada mulher”, “Asheh nadav libarn otam”, “Cujo coração os fizera voluntariosos”. Aqui estão os pilares funcionando harmonicamente.

O mestre-de-obras Beseleel e os seus assistentes deram então início à supervisão da construção do Tabernáculo, instruindo sob inspiração Divina a maneira do projeto ser

executado. De acordo com a tradição, Beseleel conhecia a forma do projeto com mais detalhes do que o próprio Moisés. Era porque ele recebia sua inspiração nos níveis inferiores da Existência, onde as leis são mais complexas e, por conseguinte, mais detalhadas na sua manifestação; quer dizer, a execução do esquema celeste no nível terreno dedica mais atenção às particularidades, pois no Mundo mais baixo o ponto de manifestação opera através de um tempo e lugar específicos. A visão intuitiva mas prática de Beseleel, partindo de baixo, está simbolizada em uma conversa legendária com Moises, que lhe perguntou em que ordem deveria ser construído o Tabernáculo. Diferentemente do plano Divino, que começava pela Arca, Beseleel propôs que a obra fosse iniciada pelo Tabernáculo, ou seja, a partir dos níveis exterior e inferior, em vez do central e do mais elevado. Aqui está um indivíduo operando desde a sua consciência exterior, dirigindo-se para o interior, ou do particular para o geral. Esse é o caminho do homem, ao contrário do Divino.

**TRABALHO DE CONSTRUÇÃO****EXODO 36**

A verdadeira construção do Tabernáculo e seus pertences é descrita nos mínimos detalhes ao Longo de vários capítulos do Êxodo. É quase uma repetição das passagens contendo as especificações, mas não exatamente. Começa pela coletânea dos materiais e depois a reunião de todos os operários sob a direção de Beseleel e do seu assistente Ooliab, que se encarregariam de “executar com perícia toda espécie de trabalho para o culto do santuário, tudo de acordo com o que Iahweh ordenou”. Com as contribuições sendo mais uma vez recolhidas em quantidades maiores do que as realmente necessárias, o Trabalho teve início nas dez cortinas do Tabernáculo, tecidas de azul, púrpura e escarlata no linho branco. Um símbolo dos dez Sefirot é usualmente a primeira coisa com que um estudante kabbalista deve se familiarizar. Ele frequentemente precisa desenhar um diagrama para si mesmo, para assim materializar e experimentar, de fato, o modelo no qual se baseiam os quatro Mundos da Existência. Após a tecedura das dez cortinas, os israelitas juntaram-nas por meio de alças e colchetes até que se tornassem, como fala o texto hebraico, “chad”, uma unidade. Esse é o primeiro estágio dos Sefirot manifestando-se exatamente como aconteceu no princípio da Existência.

Depois das coberturas protetoras de camurça, utilizando ainda couro de carneiro e pele de toninha para representar os três Mundos inferiores, construiu-se a parte amadeirada do Tabernáculo. Isso foi feito de acordo com uma sequência definida, que leva qualquer pessoa que já tenha estado sob uma disciplina espiritual, pelo modo ordenado com que são ensinadas a teoria e a prática de uma tradição, peça a peça, ao se construir um Tabernáculo dentro de si própria. Tomemos por exemplo as travessas da estrutura principal. Em primeiro lugar fazem-se cinco travessas de um lado, depois terminam-se mais cinco do lado



oposto, seguindo-se o corte de outras cinco no fundo do tabernáculo. Elas são arranjadas para então unirem os pranchões das paredes, sendo logo após cobertas de ouro. Quem quer que observe um canteiro de obras, deve entender que existe um 'padrão crítico de fluxo' que comanda o trabalho. Tal padrão é projetado para trazer os diversos elementos a serem agrupados, em um determinado momento, para que não se atravessem no caminho dos outros ou interrompam o crescimento do edifício. Por exemplo, a instalação de um banheiro antes que esteja pronto o sistema de drenagem se poderia considerar um erro de projeto ou de execução, e assim ocorre com o desenvolvimento espiritual. Não existe atalho sem que se impeça o crescimento ou se faça retroceder o padrão circulatório da Alma, até que cada função física ou psicológica tenha sido conectada ou desenvolvida corretamente. Portanto, o padrão de fluxo do 'tabernáculo' demonstra na sua construção uma importante lição espiritual, a de que as coisas só podem ser completadas quando tudo o mais está pronto para pôr-se em movimento. Muitos aspirantes não se apercebem desta lei e tornam-se impacientes e às vezes perdem a fé, quando a Providência parece haver-se contido. Nada acontece fora do seu tempo, porquanto é parte de uma sequência no grande ciclo cósmico que desenrola o Grande Projeto da Existência.

Os últimos elementos a serem feitos para a estrutura central foram o véu, as quatro colunas internas, a tela e as suas cinco colunas externas. Elas compõem-se, como o restante do Tabernáculo, de madeira de acácia coberta de ouro, unidas por ganchos também de ouro, com as bases de prata e bronze, sendo o véu Feito do linho mais fino, bordado de azul, púrpura e escarlata. Essa sequência completa e compõe a entrada das câmaras duplas e simples do Tabernáculo, que representam os Mundos superior e interior, O significado de tudo isso é enorme para os israelitas, se o trabalho é realizado como um ato de adoração. Desse modo, a operação assume a dimensão de transformação, quando as matérias-primas a serem empregadas são elevadas do seu estado grosseiro para um de maior refinamento. A prática de efetivamente construir uma estrutura sagrada, é um método de ensinamento utilizado por muitas tradições, como um caminho para demonstrar de que maneira o Mundo inferior pode ser feito para ser o receptáculo do superior, como o demonstram tantos

lugares sagrados com as suas atmosferas sobrenaturais. Isso somente pode ser alcançado pelos construtores que se colocam sob direção espiritual. A técnica é chamada de abordagem da ação, e é ensinada tanto pelo exemplo de um mestre quanto pela sua observação quando um discípulo executa os movimentos de uma operação com a atenção totalmente consciente. Ela transforma qualquer ação em um ritual sagrado. Sem dúvida, essa abordagem foi empregada por Beseleel com a força de trabalho israelita.

Se considerarmos o verdadeiro edifício do Tabernáculo como uma metáfora do Trabalho no corpo, na psique e no espírito, torna-se aparente que uma nova fase está a caminho na jornada para a Terra Prometida. Até o presente momento, os israelitas foram alimentados. Foram ajudados pelo alto a fugir da escravidão, auxiliados a cruzar o mar sem regresso e sustentados pela Providência, em que pesem as sete revoltas menores e uma rebelião maior. A partir de agora, eles prosseguem como Trabalho por sua própria conta. Embora seja verdade que sigam um projeto elaborado pelo Céu, não obstante eles têm a escolha com relação ao Trabalho. A julgar pelo cuidado e a atenção esbanjados na estrutura emergente, está claro que eles tomaram a decisão de unirem-se nos processos circulatórios, criativo descendente e evolutivo ascendente, para fazerem do Tabernáculo um espelho do Universo. No seu reflexo, eles verão a si mesmos não apenas no seu desempenho individual, mas na consciência lentamente unificante que surge de um Trabalho dessa natureza. Eis aqui o princípio da unificação das tribos dentro da comunidade da psique, quando os diversos elementos e facetas operam sob um propósito maior, mesmo considerando que ainda estão sendo elaborados somente os componentes esparsos do Tabernáculo por todo o acampamento.

## ARQUITETO

## EXODO 37

Conta-nos a lenda que Beseleel possuía não apenas a sabedoria da Toráh, mas o vislumbre para o Halakah, ou os regulamentos sagrados, quando o Ensino era ministrado na vida ordinária. Isso era possível porque, estando no lugar do Self psicológico, ele tinha acesso aos Mundos acima e abaixo. Tal posição é também chamada de a estação da Devoção, e corresponde à primeira câmara do Vilon, ou Véu, que se afasta quando o Self abre-se para os reinos celestiais. Um indivíduo daquele porte encontrava-se no ponto de junção entre a Criação, a esfera de influência do homem, e o mundo físico da energia e da matéria. Por conseguinte, Beseleel era capaz de estabelecer a conexão entre o Céu e a Terra, na ação prática.

“Vayaas Beseleel et haAron.” “E Beseleel fez a Arca.” Quer dizer, ele confeccionou na realidade física a idéia criativa e o projeto formativo que Deus havia desejado e provocado. Portanto, a Arca tornou-se plenamente realizada em todos os Mundos, vista na experiência individual. A sua elaboração requer a maior das atenções, visto que é o lugar acima do qual o Santo haverá de pairar, e onde uma pessoa se aprofundará, nos recessos do seu próprio ser. Ela fica por trás da tela exterior da Alma e do Véu do Espírito. Para o indivíduo, é o Santo dos Santos. Desse modo, Beseleel, a sombra de Deus, superou a si mesmo para fazer esse objeto mais sagrado, enquanto os demais israelitas trabalhavam no Tabernáculo.

A Arca foi feita seguindo exatamente as especificações dadas a Moisés Construída de acácia e coberta de ouro puro, por dentro e por fora, foi executada pelo artesanato mais fino para que se alcançasse a quase perfeição mesmo Levando em Conta que jamais seria vista pela maioria dos israelitas, uma vez que permaneceria no recesso do Santo dos Santos. A confecção do Trono da Misericórdia, com os seus querubins de asas estendidas, com o mais puro ouro refinado trazido do Egito, era um ritual

simbólico de Transformação. mil e uma técnicas de artesanato para transformar os ornamentos metálicos e as vaidades, de suas formas originais na nova aparência unificada, para reter o mais alto significado, com certeza ensinou muito à maioria dos auxiliares de Beseleel. Essa foi urna das muitas lições acerca da dissolução dos antigos Condicionamentos dos israelitas A vida extenuante do deserto teve o mérito de revelar muitos dos aspectos inúteis da sua existência passada, mas ainda havia muito mais para ser apagado, batido ou expelido, pois os israelitas não haviam até então atingido o estado em que qualquer coisa nova pudesse surgir.

A fabricação da mesa e do candelabro para o Santuário exterior seguiu-se à construção da Arca. Esses dois objetos também se constituíram em exercícios de experimento de símbolos profundos ao serem trazidos à manifestação física. O tipo de trabalho nessas peças sagradas tinha de ser de um grau de refinamento apenas um pouco inferior ao da Arca. De fato, os artesãos utilizados eram igualmente graduados mais de acordo com o seu nível de competência e de compreensão espiritual — um conceito não desconhecido para os posteriores construtores de templos, os maçons. Visto dentro do indivíduo, esse processo acontece segundo leis inatas, quando partes diferentes da psique são dispostas para desempenhar uma hierarquia de tarefas Assim, como cada faculdade tem o seu lugar, cada artesão possui a sua habilidade e contribui com o seu valor. Ninguém visto no contexto amplo é mais valioso do que qualquer outro, embora cada indivíduo tenha a sua situação especial na organização.

Sob a inspiração de Beseleel, a força de trabalho produziu a mais elevada ordem de qualidade ao traduzir qualquer idéia através de cada estágio, desde a forma de batimento, moldagem e costura até o objeto acabado Portanto, o candelabro de sete braços, a mesa dos pães da oblação, as tenazes e os caldeirões o altar do incenso e os perfumes a serem nele queimados, tudo foi lentamente elaborado por intermédio da mente, do coração e das mãos do homem.

Naquela época o Trabalho já se havia adiantado até à confecção da grande bacia de bronze, chegando ao momento da construção do pátio externo. Kabbalisticamente esse é precisamente o ponto correto na sequencia crítica de circulação,

pois corresponde exatamente ao local de interconexão entre a Formação inferior e a Ação superior. A bacia representa o ego da psique, bem como o lugar do Conhecimento do corpo, de modo que quem escreveu acerca da pia, sabia dessa interpenetração entre a psique inferior e o corpo superior naquele ponto. O pátio e os seus quatro lados, os seus painéis de linho, os pedestais, as colunas e os enfeitados portões voltados para o leste, foram construídos por último, na sequência Principal do edifício.

Ao terminar o estágio de pré-fabricação do Tabernáculo, este Começou a atuar como o foco sobre a mente do povo, mesmo considerando que ele ainda não fora erguido. Subitamente o povo não mais podia ver como parte de tribos separadas Durante esse projeto de edificação, as pessoas esqueceram as diferenças familiares, visto que haviam se unido na elaboração de algo maior do que os interesses tribais. Todo mundo dera alguma coisa de si mesmo seja um presente, uma habilidade, ou ambos. Quase sempre elas trabalhavam em grupos, mais relacionados à especialização do que ao parentesco. Isso criara e formara um novo tipo de unidade, além e acima dos níveis vegetal e animal de suas vidas. Algo de novo estava acontecendo.

Visto em termos do indivíduo o processo acima descrito ocorre dentro da psique, quando o Trabalho sagrado é feito em companhia de outros, com um alto objetivo comum, e sob a direção de um mestre espiritual. Tais condições especiais geram uma situação com um horizonte muito superior às circunstâncias ordinárias, e criam uma atmosfera que traz um sentido de união, tanto com os demais, como no Íntimo de si mesmo. Esse fenômeno é comum a qualquer grupo trabalhando na alma, e é a sua marca característica Sob a crescente presença do Espírito Santo, o processo interior de integração afasta a motivação egoística e encoraja o Self, que começa a servir à Alma Esta, por sua vez, auxilia no Trabalho cósmico do Céu, o qual procura chegar abaixo e tocar a terra.

È nesse ponto que a escritura dá crédito e cumprimento ao assistente de Beseleel, Ooliab, que significa, é bom lembrar, 'tenda do seu Pai'. E o aspecto Físico do Self, na Coroa do Mundo Mais baixo. O texto indica a sua contribuição prática, ao dizer que ele era um gravador e artesão habilidoso, corno também um bordador

dos arranjos azul, púrpura e escarlate, e do linho fino. Ooliab sabia como trabalhar em todos os Mundos, sob o Pavilhão de Deus.

**MATERIAL E HABILIDADE****ÊXODO 38-39**

Como se fosse para nos fazer rapidamente descer à terra, a parte final do capítulo 38 do Êxodo diz respeito a uma listagem completa dos materiais utilizados na construção do Tabernáculo. Nela estão especificadas as quantidades de ouro e prata com que contribuíram a comunidade e cada homem acima de 20 anos de idade. É o reconhecimento da obrigação de um indivíduo para com a coletividade, que com ele partilha os benefícios recebidos dos Mundos superiores. Também são mencionados os metais do reino mineral, os linhos do reino vegetal, e os pêlos do reino animal, elevados de sua condição natural para serem empregados na Santa unificação dos Mundos. Esse conceito subentende o texto, quando repete os tipos de materiais e de que modo eles foram transformados nos muitos componentes do Tabernáculo. A contagem em talentos e siclos apresenta o custo em peso, para que todos possam perceber a totalidade do tesouro ofertado. Os israelitas até então não haviam compreendido que tamanha riqueza encontrava-se no seu meio. Quando tudo foi coletado, de cada canto do acampamento para um só lugar, operou-se uma transformação. Subitamente uma infinidade de quinquilharias pessoais tornou-se o grande tesouro da população. A lição de unir as partes em um todo é demonstrada no nível material nesse capítulo.

O significado acima exposto para o indivíduo não é apenas o resultado de quanto uma pessoa pode estar preparada para dar de suas posses físicas, trabalho, habilidade e tempo, mas reconhecer o grau da escala no trabalho e o seu fruto, quando a valorização de tais coisas se dá em relação a algo maior. Inicialmente há muita resistência, quando o nível vegetal tenta preservar seu conforto pessoal, e o animal os seus símbolos de prestígio. Na verdade, a menos que o Trabalho seja deixado de lado, a Alma toma as posses da natureza inferior e ajuda a ofertá-las ao alto como um sacrifício, o qual, é bom que se repita significa

fazer alguma coisa sagrada. Com isso vem a solução de muitos conflitos interiores entre os interesses das diversas partes do corpo e da psique. O objetivo unificar tudo isso para criar uma fortuna comunitária, que é maior do que apenas a soma de todas as contribuições.

Depois da avaliação dos materiais, o texto prossegue descrevendo a confecção das vestimentas sacerdotais. Em primeiro lugar é feito o efod, com três bordados em azul, púrpura e escarlata tecidos na base de linho. O ouro então é batido em lâminas delgadas, cortadas em tiras e torcidas em uma trança, que é costurada junto com o bordado e o linho. Tal processo é demorado e preciso, requerendo uma atenção dobrada por parte do costureiro, que jamais poderá esquecer o que está fazendo e por que o faz. O labor é completamente diferente de qualquer tarefa profissional. É sagrado e precisa ser desempenhado de tal modo que nenhum pensamento, emoção ou ação profana possa se imiscuir e assim contaminar o Trabalho, porque o que acontece com o artesão, durante a criação, formação e elaboração de um objeto, passa a impregná-lo para o resto da sua existência. A beleza imbuída por tal obra consciente jamais poderá se perder, como ainda o demonstram muitos fragmentos artesanais antigos, tocados pela Graça. E tampouco poderá ser eliminada qualquer falha ocorrida durante o processo criativo. De fato, muitos grandes artesãos reconheceram essa lei e preferiram destruir um objeto e começar outra vez, porque tal deformação, profundamente entranhada, não pode ser corrigida. Assim acontece com qualquer Trabalho realizado para refletir a perfeição do Mundo Divino.

O efod do Sumo Sacerdote representa esse nível dentro de um ser humano, de modo que tinha de ser do mais perfeito acabamento. A confecção das rosetas, com as suas cornalinas engastadas, era uma arte pedindo a mais elevada espécie de Trabalho consciente, pois os nomes dos filhos de Israel precisavam ser cortados e dispostos em um padrão esotérico que corporificasse um esquema metafísico, um significado alegórico e uma função ritualística. Esses três aspectos combinavam com a mente, o coração e o corpo do entalhador. Ele tinha de conhecer o significado de cada nome e a sua correspondência em si mesmo ao fazer os selos, ou não haveria ressonância partilhada com o objeto que, sob os seus olhos e nas suas mãos, não apenas se cristalizaria



segundo a forma que lhe fosse dada, mas absorveria o estado físico, psicológico e espiritual que se encontrava nele. Tais artesãos não poderiam ser homens comuns, motivados pelo dinheiro ou mesmo pelo orgulho profissional. Eles tinham de pertencer a uma classe mais próxima de Beseleel, o Artista de Deus.

A construção do peitoral desenvolve o tema dos 12 irmãos em pedras preciosas relacionadas às suas naturezas. O carbúnculo de Levi, por exemplo, brilha como o raio da revelação da sabedoria que ele recebeu. A safira de Issacar ilustra como ele se devotou ao estudo das tábuas da Lei, feitas dessa pedra. O ônix de José representava a graça e o favor daquele generoso irmão. Em contraste, a pedra de Gad era o cristal, que dava à tribo a dureza e a clareza na batalha pelo direito e pela justiça. A lenda delineia tais atributos, e dos outros irmãos, referidos na benção de Jacó, no final do Gênesis. As jóias associadas aos nomes foram então fixadas no peitoral, seguindo um padrão determinado que definia as leis do relacionamento entre os homens, refletindo os 12 tipos espirituais da espécie humana.

A manufatura dos cordéis, rosetas e anéis de ouro e a sua fixação ao efod está descrita minuciosamente, para que a construção da roupa seja vista como acompanhando uma sequência cuidadosamente elaborada. O manto azul e a vestimenta axadrezada merecem uma breve citação, o que indica uma redução da importância dessas roupas, bem como daquelas feitas para os filhos de Aarão. Esse processo ecoa no indivíduo enquanto ele opera descendo dos níveis mais elevados e profundos do seu ser, até as partes mais inferiores de si mesmo. Embora tudo o que ele faça seja contraposto ao modelo dos seus instantes máximos de realização, que produzem o ouro Divino com o qual tece o Seu próprio efod, a cada dia ele opera no espírito, na alma e no corpo.

A feitura de uma placa de ouro puro para ser colocada no turbante de Aarão é o estágio final de toda a operação. Nela estavam gravadas as palavras: “KADOSH LA IAHWEH”, “CONSAGRADO A IAHWEH”. A placa foi então fixada por um cordão azul, a cor do Mundo da Criação, no alto do turbante. O significado disso para o kabbalista é que a Coroa da Arvore do Sumo Sacerdote é abençoada pelo SHEM HAMEFORASH, o NOME especial de Deus. Esse título corresponde ao nível do CRIADOR, no centro da Árvore do Mundo Divino. Portanto, o

Sumo Sacerdote dentro de cada pessoa pode contactar, via a Coroa do espírito, o lugar da Arca interior, o Santo, Abençoado Seja Ele. Isso é possível porque está dito (Êxodo 20,24) que em todo lugar onde esse NOME particular de DEUS for chamado pelo Divino, para celebração, ali estará a Presença, segundo a promessa, na consciência do homem.

## ASSEMBLEIA E CONSAGRAÇÃO

### ÊXODO 39-40

Ao término do Trabalho, os israelitas trouxeram todos os componentes do Tabernáculo para serem reunidos. Moisés então inspecionou cada parte para verificar se tudo fora feito de acordo com o que o Senhor recomendara. E assim diz a escritura: “Tinham feito como Iahweh havia ordenado”.

Qualquer pessoa que já tenha construído alguma coisa deve saber como é o instante anterior àquele em que todos os elementos separados são unidos. E a pausa final, para apreciar tudo o que aconteceu na construção do objeto. E a última vez que muitas coisas serão vistas antes de se ocultarem dentro da assembleia, e desaparecerem para sempre nas profundezas da totalidade que a tudo cobre, em uma nova dimensão de unidade. Tal estágio ocorre no Trabalho kabbalístico. Durante muitos meses, ou mesmo anos, a teoria foi aprendida e a prática diligentemente levada a cabo. Uma a uma, as ideias foram compreendidas e os exercícios aperfeiçoados. Mas até mesmo eles não são mais do que um repertório de conceitos e técnicas. De repente, chega o ápice de um rompimento. A pessoa começa a vislumbrar o que o mestre diz e faz, quando toda a experiência principia a fundir-se em uma variedade de regras simples. As horas gastas estudando e praticando desaparecem em uma série de momentos que reúnem tudo. Ela está na fronteira da unidade.

Diz a tradição que Moisés não inaugurou logo o Tabernáculo, mas demorou Três meses, apesar do fato de que o povo desejava dedicá-lo imediatamente. Aí está repetida a lição de paciência, relativa aos assuntos do espírito. Ora, em vez de aceitar a palavra do seu Mestre, que interpretava a Vontade de Deus, os israelitas tentaram impor a sua própria vontade com referência ao que haviam feito, apesar da instrução de Moisés para que esperassem até o primeiro dia do mês hebraico de Nisors. Esse dia, que dá início à estação da primavera, o renascimento anual da natureza, era também a época da celebração da Páscoa do Êxodo

fora do Egito. A população não reconheceu a conexão entre as datas e Moisés teve que se sujeitar a muitos murmúrios. Isso indicava que o povo ainda não estava preparado, pois enquanto a maioria trabalhava satisfatoriamente sob disciplina, e o momento era de não fazer nada, era claro que esses aborrecidos israelitas poderiam espicaçar os outros à inquietação e ao ressentimento por intermédio do seu instrutor.

Um fenômeno desse tipo não é desconhecido entre aqueles que não podem esperar o que é uma parte vital do treinamento esotérico. Infelizmente, ele tem demonstrado, reiteradamente, que o tempo de um acontecimento espiritual está dependendo de um calendário cósmico, e não dos caprichos do indivíduo. Isso é frequentemente ignorado pelos aspectos voluntarioso e apático da população ou psique. As alegações de alguns israelitas acerca de Moisés ter usado todo o seu dinheiro para servir aos próprios fins, enquanto eles não tiveram qualquer benefício pelo seu trabalho, são assemelhados ao indivíduo e mesmo a um grupo de estudos no qual membros dissidentes em igual estágio de ruptura procuram induzir o instrutor a alguma espécie de ação. Tais eventos revelam muitas motivações até então ocultas, e mostram que ainda falta um longo caminho a percorrer para uma disciplina pessoal. E comumente nesse ponto que as pessoas rompem com o Trabalho, pois nele nada existe para elas. Frequentemente caluniam o seu instrutor e tentam quebrar a unidade do grupo porque pensam saber mais que o experiente líder.

A lenda conta como tais pessoas foram a Beseleel e Ihe pediram para aprontar o Tabernáculo, para que a Shekinah pudesse descer sobre eles, que passariam a morar com os anjos. Mas mesmo ele, que havia construído o complexo, não seria capaz de elevá-lo do estágio de ser um amontoado de componentes preparados para a unificação. E a demonstração de como até mesmo o Self psicológico, que embora sendo hábil nas artes dos Mundos inferiores da forma e da matéria, não pode comandar o Mundo espiritual acima para unificar o todo. Com esse erro, repetimos, alguns israelitas ficaram muito zangados e falaram abertamente contra Moisés, dizendo que haviam gasto muito tempo e dinheiro, além do trabalho no Tabernáculo, e o que tinham eles a mostrar por isso?

Tal fenômeno ocorre também no meio daqueles que esperam resultados do labor espiritual. Eles não trabalham como serviço, mas operam para obter privilégios especiais. Consideram o seu trabalho como aquele feito nos Mundos inferiores, onde uma pessoa recebe uma recompensa física ou adquire uma habilidade psicológica. Na Kabbalah, o Trabalho nesse nível é feito pela sua própria causa. E realizado porque se reconhece que a Providência já deu uma abundância de benesses físicas, psicológicas e espirituais. Com isso em mente, o kabbalista paga o seu débito com o Universo, ficando pronto para auxiliar no Trabalho de Unificação.

A lenda prossegue dizendo que todas as pessoas foram então a Moisés e lhe perguntaram por que o Tabernáculo não podia ser inaugurado, nem mesmo por Beseleel. Haviam feito alguma coisa incorreta, sido negligentes no seu trabalho, ou esquecido de algo? Moisés respondeu que nada havia de errado com o Tabernáculo nem com nada a ele referente. Entretanto, intimamente se afligia visto que mesmo ele não podia então compreender o motivo de tão longo atraso. Isso mostra que, embora Moisés tivesse seus momentos de contato com o Divino, quando ele não se encontrava em comunhão, também afundava através dos Mundos, até atingir o seu nível ideal e tornar-se o complemento profético de Aarão, na posição do Netzah Yezirático. Isso queria dizer, por conseguinte, que ele nem sempre lembrava do que lhe fora dito ou compreendia o seu significado quando descia para a posição Yesódica do ego. Felizmente ele ainda conservava a fé, e esta era constante, mesmo na sua perplexidade. Tal estado desperto e em seguida de esquecimento às vezes acontece logo após uma meditação profunda, quando uma visão interior lúcida rapidamente se obscurece fazendo a consciência retornar ao mundo físico. Deve-se com frequência à mente-ego, revestindo as profundezas com alguma preocupação superficial e pessoal, fazendo com que, embora seja reconhecida a realização de algum importante vislumbre interior, seu significado retire-se para detrás do Véu do inconsciente.

Com o intuito de enfatizar a humanidade de Moisés, a lenda nos fala que ele perguntou ao Senhor, na Tenda da Reunião, fora do acampamento, o motivo da demora. A resposta foi que agora Moisés veria o motivo pelo qual não lhe fora permitido

precipitar-se na construção. Os israelitas supriram os materiais e a mão-de-obra, Beseleel e os seus artesãos a forma e agora ele, Moisés, completaria os três níveis pela congregação do Tabernáculo em assembléia, através do poder criativo do Espírito. Moisés disse que não tinha idéia de como proceder. O capítulo 40 do Êxodo contém as instruções, e a lenda descreve de que modo elas foram implementadas.

Foi dito a Moisés que armasse o Tabernáculo de acordo com a lei dos quatro Mundos, da maneira indicada pelo número 40, recorrente na escritura. Em primeiro lugar deveria preparar a Tenda do Tabernáculo, colocar dentro dela a Arca dos Sinais e emoldurar a Arca com o Véu. Em seguida traria a mesa e a arranjaria, após o que seria introduzido o candelabro. A sequência das instruções prosseguia então para desenvolver-se, estágio por estágio, até que o Tabernáculo estivesse completo com todo o seu mobiliário e utensílios dentro do já levantado pátio externo.

Diz a tradição oral que, quando se aproximou o dia da edificação do Tabernáculo e da sua consagração, todos se prepararam como o fizeram quando receberam o Decálogo da Montanha Sagrada. Aqui, no entanto, a diferença era que o acontecimento ia ter lugar abaixo, na posição de todas as pessoas. Por conseguinte, Moisés tinha que se preparar para a difícil tarefa de ser o agente inferior, através do qual fluiria a Vontade Divina, em um ato de milagrosa criação. Nessa demonstração, os israelitas haveriam de testemunhar uma das mais profundas idéias da Tradição, na qual o homem, a imagem de Deus, era a única criatura capaz de receber e partilhar a Vontade Divina, atravessando todos os quatro Mundos. Esse era o propósito de um ser humano. Nenhuma outra criatura, não importando quão grande e poderosa, nos Mundos superiores ou inferiores, poderia exercer semelhante função.

No primeiro dia do mês de Nison, na hora indicada pelo Senhor, todos reuniram-se no acampamento diante dos dispersos componentes do Tabernáculo. Moisés, em um estado de pleno equilíbrio, no qual os quatro níveis interiores encontravam-se integrados pelo seu próprio mérito e pela ajuda da Graça, aproximou as partes espalhadas e tocou-as, segundo a ordem que lhe fora dada. Naquele instante, o Universo alinhou-se inteiramente e a fusão teve lugar acima e abaixo, enquanto o poder

circulava em descida através de Moisés e nas diversas partes do Tabernáculo. Estas começaram a mover-se e a se agregarem umas com as outras, diante dos olhares atônitos dos filhos de Israel. As paredes do Tabernáculo juntaram-se e encaixaram-se por si mesmas, criando, formando e fazendo os espaços sagrados do santuário e do Santo dos Santos. Então as grandes cortinas de azul, púrpura e vermelho penduraram-se sozinhas sobre a estrutura, antes de serem cobertas espontaneamente pelas três capas de peles. A Arca, ela própria se colocou dentro do Santo dos Santos, e o Véu se pendeu frente à porta, após o que os móveis do santuário posicionaram-se por si mesmos, e os objetos sagrados acharam os seus lugares diante da tela, dependurando-se acima da porta. Do lado de fora, o altar tomou sua Posição em frente à Tenda, com a bacia situando-se diante de todo o complexo, no espaço do pátio exterior. Subitamente, tudo dentro e ao redor do Tabernáculo encontrava-se no seu próprio lugar. Por fim, a Vontade Divina de ter um Tabernáculo que atravessasse toda a Existência achava-se agora manifestada em cada Mundo.

Tudo o que se fazia necessário para completar a operação foi uma cerimônia de consagração, que haveria de unir o seu propósito com o do homem. Portanto, igualmente a Adão, a imagem microcós mica do Divino serviria a Deus, dentro da imagem macrocós mica do Tabernáculo, e a Face começaria a contemplar a Face.



**Figura 21. Vestimentas do Sumo Sacerdote.** O turbante levando a placa de ouro com as palavras “CONSAGRADO A DEUS” simboliza a Coroa. Os enfeites colocados sobre o efod bordado a ouro representam o Divino em tudo. A túnica azul inferior é o nível celestial ou espiritual, e as vestes axadrezadas de baixo são a psique. O corpo do Sumo Sacerdote é o veículo físico, enquanto assume a postura ritual para receber aquilo que o Divino deseja partilhar.

Depois que Moisés ungiu o Tabernáculo e tudo dentro dele com azeite, para simbolizar a bênção da Graça, consagrou o altar e a bacia no pátio, omitindo o pátio externo, pois este não era considerado Sagrado. Fez então com que Aarão e os seus filhos viessem à porta da Tenda da Presença e se lavassem, como para se prontarem para ingressar no sacerdócio. Aarão foi em seguida vestido cerimoniosamente com as roupagens do Sumo Sacerdote e ungido, depois do que os filhos foram vestidos e ungidos como sacerdotes. Tais rituais de dedicação e consagração foram completados pela elevação da mureta exterior e o fechamento do portão que separavam o sagrado do profano. Nesse momento de realização, a nuvem que acompanhava os israelitas desde o Egito desceu e cobriu a Tenda da Reunião. O texto hebraico diz:

“Uchvod IAHWEH malay et ha Mishkan.”

“E a Glória de IAHWEH encheu o Tabernáculo.”

Quer dizer, a Presença do Mundo Divino manifestou-se em todos os Mundos para focalizar-se dentro do Tabernáculo, enquanto jazia sob a nuvem do Espírito Santo. “Moisés não pôde entrar na Tenda da Reunião, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória de Iahweh enchia o Tabernáculo”.

Segundo a lenda, a descida da Glória não acontecia na Terra desde o dia anterior ao pecado de Adão e Eva. Nesse dia, contudo, ela foi vista por todos os filhos de Israel, ou seja, pelos homens e mulheres comuns, enquanto permaneciam atemorizados, testemunhando o fluxo exterior, descendente da Criação tocando a Terra, e depois voltando para cima, na ascensão da Evolução interior.

Foi um momento marcante no ciclo da Existência. Desse dia em diante, houve seres que puderam perceber a Divindade nos níveis mineral, vegetal, animal e humano de realidade. Acresce a lenda que, daí para frente, mudou o relacionamento do Senhor com Moisés. Ele foi capaz de ouvir a voz Divina mudar das tonalidades aterrorizadoras do Julgamento para um sussurro doce e suave que falava mais de Misericórdia. Esse atributo posterior, segundo se diz, permeou todos os Mundos naquele dia, para que



até mesmo as forças demoníacas do Universo se aquietassem. O Trabalho de Unificação entrara em uma nova fase.

Para o indivíduo, tudo o que aconteceu descreve um instante profundo de integração. De repente, em um dia, tudo o que foi aprendido e praticado tornou-se real. Meses, e talvez anos, de trabalho e preparação aglutinam-se em uma profunda experiência durante uma cerimônia de dedicação. Naquele momento de iniciação, tudo é posto em uníssono para fazer o Tabernáculo funcionar. A esse santuário chega uma luz que ilumina os conceitos parcialmente compreendidos e ativa funções incompletas. Subitamente muitos elementos separados dentro do ser são percebidos para formarem um único organismo interior, onde o Espírito, fluindo no seu caminho descendente do Mundo da Criação, pode ser recebido e partilhado, e um indivíduo pode agir como anfitrião e Sumo Sacerdote no seu próprio Santo dos Santos, para a Presença do Divino.

O Livro do Êxodo termina com um versículo que descreve alegoricamente a situação de uma pessoa consagrada, que se encontra desde aquela época no seu caminho de volta para a Terra Prometida: “Pois, de dia, a nuvem de Iahweh ficava sobre o Tabernáculo, e de noite havia dentro dele um fogo, aos olhos de toda a casa de Israel, durante todas as suas etapas”.

## EPÍLOGO

A jornada através do deserto duraria 40 anos, ou um ciclo completo de experiência física, psicológica, espiritual e Divina, na qual os israelitas seriam submetidos a uma total transformação. Durante esse tempo, eles foram treinados e testados no processo gradual de assimilação do Ensino que lhes foi transmitido.

O programa de treinamento regular foi implementado pelos ciclos semanal, mensal e anual do shabbat e dos festivais. Isso erigiu uma coluna vertebral de leis e costumes (um dos acampamentos chamava-se de fato Asiongaber, ou 'coluna vertebral' que deu disciplina e dignidade à nova nação que estava para surgir a partir da antiga psicologia de mentalidade escrava, O paralelo no indivíduo é o dos longos anos de treinamento, após o compromisso inicial com o trabalho espiritual. No entanto, o consentimento não é o suficiente. **Para ser aprovada, a pessoa tem de cumprir a Aliança e ser testada sob as condições mais difíceis, representadas pelo deserto.**

Os testes vieram de muitas formas. Os mais óbvios foram as batalhas com os povos que tentaram bloquear o caminho dos israelitas. Aconteciam quando estes cruzavam fronteiras ou penetravam em diferentes reinos. Episódios similarmente violentos são experimentados por um viajante na jornada espiritual ao encontrar poderosos domínios psicológicos que procuram impedir o seu caminho ou mesmo destruir a sua integridade em desenvolvimento, como simbolizado pela lenta integração da comunidade israelita com o Tabernáculo no seu centro. Os testes mais perigosos vieram de dentro, em uma série de rebeliões em diferentes níveis. Além da periódica resistência às duras condições do deserto, por parte do povo ainda egocêntrico que não podia perceber adiante da situação imediata, houve a insurreição de Coré e os dois homens, Datã e Abiram, que haviam sido impedidos por Moisés de continuarem brigando. Tal oposição provocou um sério cisma dentro da nação e resultou na morte de muitos que se aliaram ao confronto. Esses momentos ocorrem no crescimento espiritual, quando uma série completa de conceitos ou

de complexos emocionais precisa ser esclarecida, ou se destruirão anos de trabalho. Também acontece nas atividades grupais, quando alguns membros com um pequeno conhecimento separam-se da fonte e ficam entregues à própria sorte, para frequentemente estagnarem ou mesmo morrerem no seu orgulho e na sua crença de que apenas eles possuem a verdade ou autoridade. A história religiosa está cheia de tais exemplos.

Possivelmente o teste interior mais dramático foi o simbolizado pela reclamação da própria irmã e do irmão de Moisés, para que fossem iguais a ele diante do Senhor. Eles foram severamente chamados à ordem pelo Divino, que puniu **Maria, o princípio inferior do ego**, por haver assumido a iniciativa contra Moisés. Os dons psíquicos de Maria, ou Yesod, poderiam ter clareza, e o ritual formal representado por Aarão em Hod pode parecer ter peso, mas isso depende do que é partilhado do alto pela Graça, através do elevado nível de Moisés, no Self, e na sua posição normal, em Nezah, ou Profecia. Maria foi deixada fora do acampamento, com lepra, até que houvesse aprendido a sua lição. Esse fenômeno ocorre com pessoas que abusam de quaisquer poderes ocultos porventura adquiridos e consideram a si mesmos como mestres. Muitos incidentes durante o período final no deserto ilustram, em analogia, os problemas com que se defrontam as pessoas ao longo de todo o caminho interior. A sedução dos superconfiantes israelitas com relação às suas amigáveis vizinhas, mulheres e culturas, tornou-se a maior ameaça à pureza da população e à sua crença na Unidade de Deus. O assalto tentado por reis estrangeiros, que desejavam utilizar-se da magia de Balaão, o poderoso mágico negro, revela o primeiro contato com o mal real, que se encontra apenas além de um certo ponto do desenvolvimento espiritual. O incidente da transgressão de Moisés em Cades (Números 20), no qual ele fez a água jorrar à sua vontade e não a do Divino, demonstra a tentação mais alta. Esse erro fatal Poderia lhe custar, e de fato Custou, a permissão para entrar na Terra Prometida.

Na ocasião em que os israelitas estavam prestes a entrar em Canaã, todas as pessoas nascidas no Egito, exceto duas, estavam mortas. Os sobreviventes eram Josué, o Libertador, e Caleb, que significa 'valente'. Esses dois tinham sido os únicos membros otimistas da expedição exploradora (Números 13) à

Terra Santa, que provocou a volta dos israelitas originais ao deserto, em virtude da sua falta de coragem ao se defrontarem com dificuldades, Portanto, foi preciso que uma geração totalmente nova, surgida no deserto sob a Toráh , cruzasse a segunda divisão líquida do Jordão, que simbolizava ainda um ponto sem retorno. Isso põe fim à fase do ciclo mosaico.

O restante do Antigo Testamento está relacionado ao estabelecimento dos israelitas na Terra em que fluíam leite e mel. Esse processo é apresentado nas violentas guerras do Senhor, nas quais não somente são destruídos os falsos deuses que habitam a Terra do Espírito, mas é testada a unidade das tribos, sob uma série de condições completamente diferentes das do deserto. Nesse nível cósmico, a situação e as forças envolvidas são totalmente diversas das do Mundo inferior da psique. Depois de muitos anos de lutas sob vários juízes, que apenas buscavam manter próximos os israelitas, as tribos foram exteriormente unificadas por Saul, cujos erros revelaram os perigos de ficar sob a soberania humana. Davi, que significa dizer 'amado de Deus', e o povo trouxeram o país apesar de suas imperfeições, no nível de possuir uma capital central, ou o lugar onde o segundo grande Tabernáculo do Templo foi construído pelo seu filho Salomão, cujo nome significa 'paz e realização'. Aliás, esse grande e sábio rei, de quem diz a lenda que conhecia três Mundos, caiu da Graça por causa das suas excessivas confiança e tolerância, porque permitiu que a integridade da Terra Santa fosse adulterada. Esse tema repete-se por todo o Antigo Testamento, e também no Novo, quando as pessoas escolheram demonstrar periodicamente que o propósito da Existência alcançou o nível mais elevado, e depois caiu, por haver negligenciado o Ensino. Tal situação ainda aparece hoje, nos níveis nacional e individual.

Tudo o que estivemos estudando juntos é o Progresso do Peregrino de cada homem. A jornada, desde o começo dos tempos, através de todos os Mundos e elos seus estágios, é apresentada de tal forma que, em qualquer nível em que se encontre a pessoa, a Bíblia terá um profundo sentido e dará um sábio conselho. Isso é possível porque as pessoas que compuseram as escrituras originais eram plenamente conscientes do que e por que estavam escrevendo, A Bíblia é possivelmente um dos livros mais lidos. Por quê? Por conter o Ensino acerca de Deus, do Universo e do

Homem, embora a maioria das pessoas apenas perceba vagamente o conteúdo profundo, apesar de suas diferenças humanas, de Beleza e de Verdade. Estas profundezas esotéricas só podem ser conhecidas quando os Sete níveis dentro de si mesmo tenham sido pessoalmente experimentados. Fazer isso requer a chave do conhecimento interior, ou as Escrituras serão nada mais do que um vislumbre dos outros Mundos, por detrás de uma porta Oculta. “Busque”, um grande rabino, “e encontrará. Bata, e ela se abrirá”.

Ouçã, ó Israel. O senhor é nosso Deus, o Senhor é Um.

## GLOSSÁRIO DE TERMOS KABBALÍSTICOS

Asiyah: Mundo natural dia Ação  
AYIN: NADA Absoluto  
Atzilut: Mundo Divino da Emissão  
Beriah: Mundo da Criação e do Espírito  
Binah: Sefirah da Compreensão  
Daat: Não Sefirah do Conhecimento  
Ego: Mente ordinária de Yesod  
EN SOF: TODO Absoluto  
Gevurah: Sefirah do Julgamento  
Hesed: Sefirah da Misericórdia  
Hod: Sefirah da Reverberação  
Hokhmah: Sefirah da Sabedoria  
Israel: Nível espiritual da humanidade  
Keter: Sefirah da Coroa  
Malkhut: Sefirah do Reino  
Menoráh: Candelabro de sete braços  
Merkabah: Carruagem do Mundo da Formação  
Metatron: Arcanjo da Presença. Enoque transfigurado  
Netzah: Sefirah da Eternidade  
Sefirah: Luz ou princípio Divino da Árvore  
Shekhinah: A Presença Divina  
Shetiyah: Pedra Fundamental do Mundo  
Talmud: Comentários orais, leis e folclore a respeito da Bíblia  
Tiferet: Sefirah da Beleza  
Yesod: Sefirah da Fundação  
Yetzirah: Mundo da Formação

Impresso nas oficinas da  
EDITORA PARMA LTDA.  
Telefone: (011)912-7822  
Av. Antônio Bordella, 260  
Guarulhos - São Paulo - Brasil  
Com filmes fornecidos pelo editor.

De acordo com a tradição, antes havia apenas Deus. Nada mais existia. A Kabbalah percebe a Divindade como AYIN, ou nada absoluto, e AYIN SOF, ou tudo absoluto. Pouco Mais pode ser dito, pois Deus é Deus e, por conseguinte totalmente só e além da compreensão humana. Por causa disso, a tradição oral Nos conta, Deus desejou contemplar Deus e tornou-se conhecido, e assim o espelho da existência foi emanado e o homem, a imagem de Deus, colocado dentro dele.

#### Orelha 2 -

Zev bem Shimeon Halevi é um dos maiores proferrores de Kabbalah do mundo, ensinando sobretudo na Europa, No Mexico e na América do Sul. Seus livros foram traduzidos para diversos idiomas. No Brasil, a Editora Siciliano já publicou Cabala e Psicologia (1990).Universo kabbalístico (1992) e a árvore da Vida (1994).